



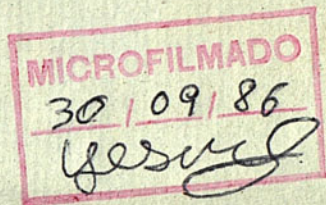
J. Norton

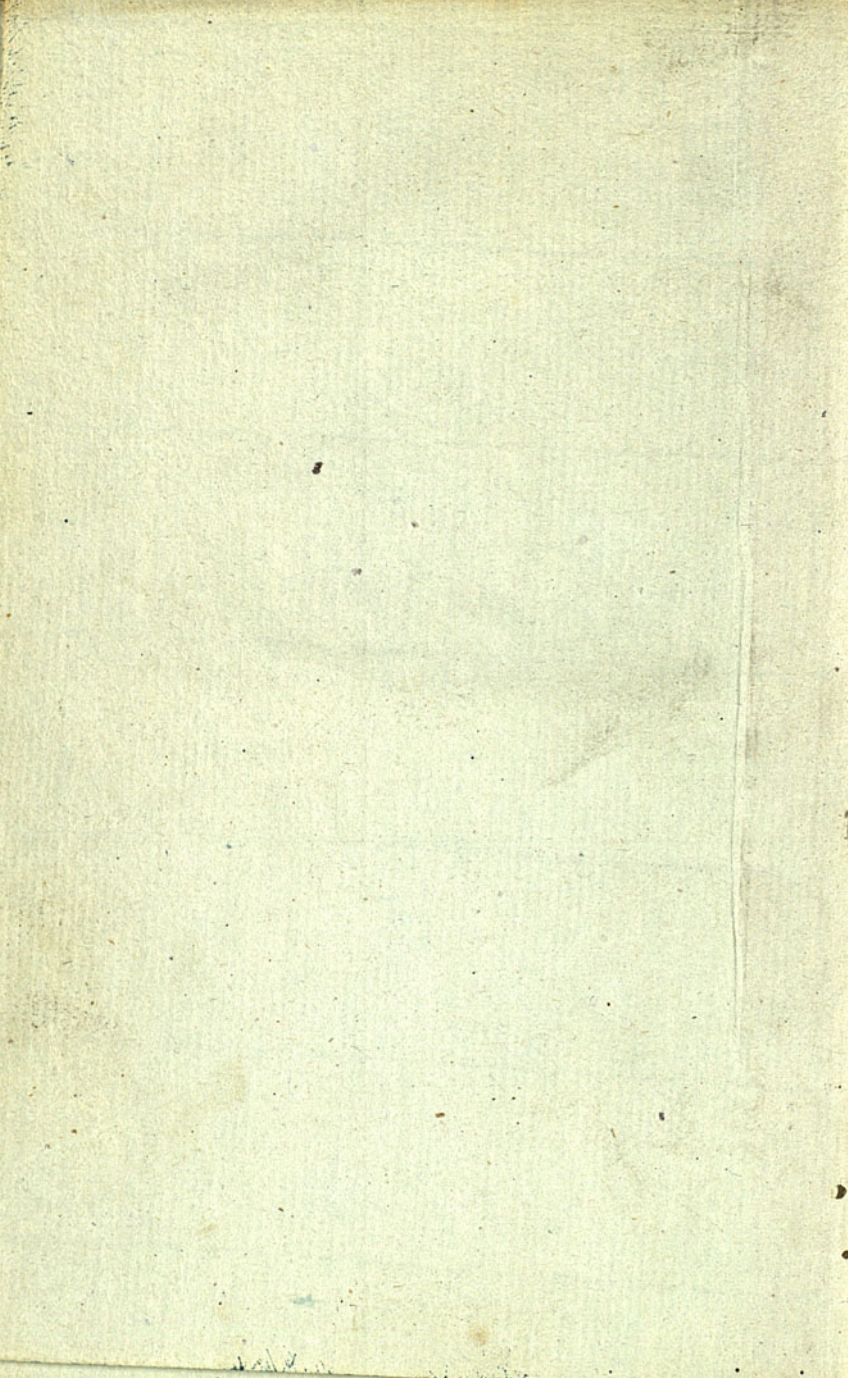
Porto 8 Setembro 1843.

~~Uma carta para o Sr. J. Norton~~

Encadernação 240-

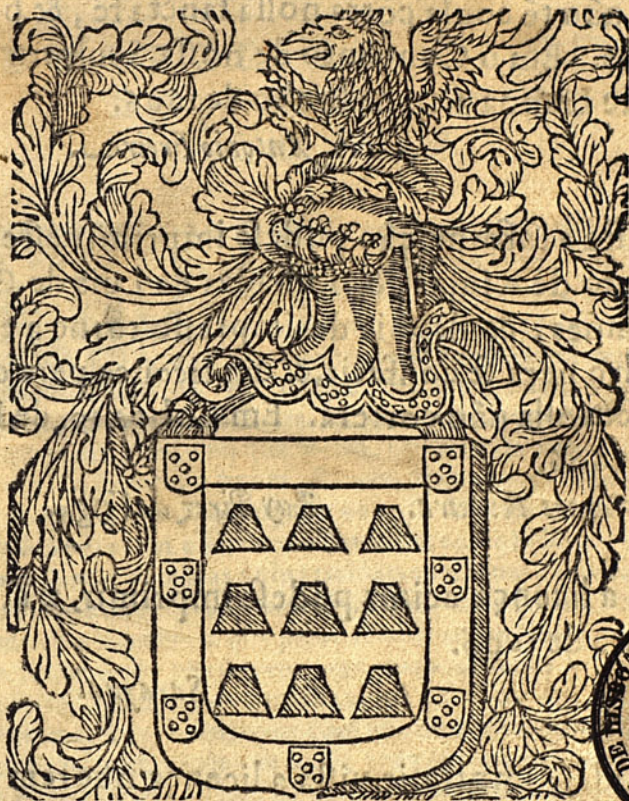
Ch 22





OS LVSIADAS
DE LVIS DE CAMOËS
PRINCIPE DA POESIA
HEROYCA.

Dedicados ao D. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do S. Officio.



Impressos com licença da Sancta Inquisição, Ordinario, & Paçoã
EM LISBOA. Por Vicente Alvarez. Anno 1612½

Com privilegio, à custa de Domingos Fernandez lintheyro.

L I C E N C A S.

Veste liuro que se intitula Rimas, & Lusíadas de Luis de Camões, o qual ja foy muitas vezes impresso, & emédado: mas assi como vay não té coufa cõtra nossa sancta fè, & bõs costumes. Em o Conuento de nossa Senhora da Graça de Lisboa a 15. de Junho de 1606.

Fr. Antonio Freire.

Vista a informação podese imprimir este liuro de Rimas, & Lusíadas de Luis de Camões, & depois de impresso torne a este Conselho pera se conferir, & dar licença pera correr, & sem ella não correrà. Em Lisboa 19. de Junho de 1606.

Marcos Teixeira.

Ruy Pirez da Veyga.

Vista a licença acima podese imprimir, a 6. de Julho de 1606.

Sarayua.

Podese imprimir, vista a licença que tem do Sãcto Officio, & ser visto na Mesa. Em Lisboa a 10. de Julho de 1606.

Damião Daguiar.

Costa.

A DOM RODRIGO
DA CVNHA.

DOCTOR EM CANONES,
E Deputado do Sancto Officio.
D. F. D. F.



Mostrarão sempre os grandes Príncipes tão bom rosto a qualquer agradecimento, que derão oufadia aos animos mais humildes, a parecerem em sua presença com alguns offercimentos, que fóra d'esta lombra, serião auidos por menos que nada. Ensinado eu d'esta experiencia, tão certa, & tão digna de seus Auctores: & lembrado das grandes merces, & faoures tão pios, com que V. M. foy seruido appadriñar a restauração de minha honra, & vida, que eu tinha tão perdidas, & acabadas, que para desesperar de todo do remedio d'ellas, me via algũas vezes em o vltimo termo: parece me se hirião em mim accumulando as culpas de ingratição, com igual passo aos que desse de vida; sem, polo menos, publicar pelo mundo esta obrigação, & reconhecimento: ja que para os servir como criado, podia tão pouco. E como este pensamento me procedia de tão nobre causa, não se descuidou minha ventura em me offerecer esta occasião, tam proxima, & tam conforme com este meu intento: nesta impressõ dos famosos Lusadas do nosso grande Luis de Camões, Principe da Poesia Heroyca: tam de cantados pelo mundo; que as mais illustres Prouincias d'elle, não se contentarão com menos, que approprialo a sy, o melhor que a variedade de suas linguas lhe daua faculdade. Como se tem visto em tres traducções, que d'elles se fezão

zerão Castelhanas, em hũa Frances, & em outra Italiana: & em
outra, que na lingua latina ficou imperleyta, pela morte de que o
seu Autor se vio salteado ao melhor tempo. Artificio grande, que
a verdadeira Fama inuentou, para com mais facilidade divulgar
pelo mundo a honra, & nome d'este illustre entendimento Por-
tuguez. Por achar nelle hnm dos mais poderosos subjeytos, com
que ella podia mais longe ciliar pelo mundo os extendidos li-
mites de seu Imperio. As obras que nelles se referem, são Heroi-
cas: a Linguagem Portuguez, o Autor, humilde. Variedade digna
de com algũa consonancia, não desagradar aos ouvidos de V.M.
Pois he descendente de tão famosos Heroes: produzido das me-
lhores Plantas Portuguezas. E exercitado em levantar os animos
mais humildes. Deixo outras conueniencias de letras, & Pruden-
cia, que em V.M. em tão alto grao, concorrem juntas, & em que a
mais illustre fama costuma fazer mais deleytoso emprego: pois
Deos tem tomado à sua conta esta empreza: quando ellas era tan-
to augmento, & pureza de sua Fè se exercitão, com o catholico
zelo que em o diuino tribunal do Sancto Officio (de que V.M. he
Deputado) se rem visto, & experimentado. E entre tanto Nosso
Senhor, &c. Lisboa, & Mayo 22. de 1609.

Domingos Fernandez.

OS LUSIADAS
DE LVIS DE
CAMOËS.



Canto primeiro.



S armas, & os barões assi-
nalados,
Que da Occidental praya Lu-
sitana,
Por mares nunca de antes na-
uegados,

Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana.
E entre gente remota edificarão
Novo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica, & de Asia, andarão deuaestado,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessem

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,
 As nauegações grandes que fizerão:
 Callese de Alexandro, & de Trajano,
 A fama das victorias que tiuerão,
 Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
 A quem Neptuno, & Marte obedecerão:
 Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado
 Tendes em my hum nouo engenho ardente,
 Se sempre em verso humilde, celebrado
 Foy de my vosso rio alegremente,
 Daime agora hum som alto, & sublimado,
 Hum estillo grandiloco, & corrente,
 Porque de vossas agnas Phebo ordene,
 Que não tenhaõ enueja aas de Hypocrene.

Daime hũa furia grande & sonora,
 E não de agreste a vena, ou frauta ruda:
 Mas de tuba canora & belicosa,
 Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
 Daime igoal canto aos feitos da famosa
 Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
 Que se espalhe & se cante no vniverfo,
 Se tam sublime preço cabe em verso.

E vos

Evos ò bem nascida segurança *Dom João*
 Da Lusitana antiga liberdade, *IV. Rey de*
 E não menos certissima esperança,
 De aumento da pequena Christandade:
 Vos o nouo temor da Maura lança,
 Marauilha fatal da nossa idade;
 Dada ao mundo por Deos que todo o mande,
 Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florecente,
 De hũa arvore de Christo mas amada
 Que nenhũa nascida no Occidente,
 Cesarea, ou Christianissima chamada:
 Vedeo no vosso escudo, que presente
 Vos amostra a victoria ja passada.
 Na qual vos deu por armas, & deixou
 As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
 O Sol logo em nascendo ve primeiro:
 Veo tambem no meio do Hemispherio,
 E quando dece o deixa derradeiro.
 Vos que esperamos jugo & vituperio,
 Do torpe Ismaelita caualleiro:
 Do Turco Oriental, & do Gentio,
 Que inda bebe o licor do sancto Rio.

Inclinay por hum pouco a magestade,
 Que nesse tenro gesto vos contemplo,
 Que ja se mostra, qual na inteira idade,
 Quando sobindo yreis ao eterno templo,
 Os olhos da real benignidade
 Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,
 De amor, dos patrios feitos valerosos,
 Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido
 De premio vil: mas alto, & quasi eterno
 Que nam he premio vil, ser conhecido
 Por hum pregão do ninho meu paterno.
 Ouui vereis o nome engrandecido
 Daquelles de quem sois senhor superno.
 E julgareis qual he mais excelente,
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente:

Ouui, que não vereis com vãs façanhas
 Fantásticas, fingidas, mentirofas,
 Louuar os vossos, como nas estranhas
 Musas, de engrandecerse desejosas,
 As verdadeiras vossas sam tamanhas,
 Que excedem as sonbadas fabulosas:
 Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,
 E Orlando, inda que for a verdadeiro.

Por

Por estes vos darey hum Nuno fero,
 Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,
 Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero
 A Citar a parelles so cobiço:
 Pois polos doze pares daruos quero,
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.
 Douuos tambem aquelle illustre Gama,
 Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
 Ou de Cesar, quereis igual memoria:
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle que a seu Reino a segurança
 Deixou, com a grande & prospera victoria.
 Outro Ioane, inuicto cavalleiro,
 O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
 Se fizerão por armas tam subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora.
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.
 Albuquerque terribil, Castro forte,
 E outros em quem poder não teue a morte.

Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso
 Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
 Tomay as redeas vos do Reino vosso,
 Dareis materia a nunca ouuido canto
 Comecem a sentir o peso grosso,
 (Que polo mundo todo faça espanto,)
 De exercitos, & feitos singulares,
 De Affrica as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mouro frio,
 Em quem vè seu exicio afigurado,
 So com vos ver o barbaro Gentio,
 Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado:
 Thetis todo o ceruleo senborio,
 Tem pera vos por dote aparelhado:
 Que affeicoada ao gesto bello, & tenro,
 Deseja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,
 Dos dous auòs, as almas ca famosas,
 Hũa na paz Angelica dourada,
 Outra polas batalhas sanguinosas:
 Em vòs esperaõ, ver se renouada
 Sua memoria, & obras valerosas:
 E la vos tem lugar no fim da idade,
 No templo da suprema eternidade.

Mas em quanto este tempo passa lento,
 De regerdes os pouos, que o desejão:
 Day vos favor ao nouo atreuimento,
 Pena que estes meus versos vossos sejaõ:
 E vereis ir cortando o falso argento:
 Os vossos Argonautas, porque vejão,
 Que sam victos de vos no mar yrado,
 E costumaiuos ja a ser inuocada.

Ia no largo Ooceano nauegaõ,
 As inquietas ondas apartando,
 Os ventos brandamente respiraõ,
 Das naos ás vellas concavas inchando:
 Da branca escuma, os mares se mostrauão.
 Cubertos, onde as proas vão cortando.
 As maritimas agoas consagradas,
 Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
 Onde o gouerno está, da humana gente
 Se ajuntão em consilio glorioso,
 Sobre as cousas futuras do Oriente:
 Pisando o cristalino Ceo fermoso,
 Vem pela via Lactea, juntamente
 Conuocados da parte de Tonante,
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos sete Ceos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado,
 Alto poder, que so co pensamento
 Governa o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:
 Ali se acharão juntos num momento,
 Os que habitão o Archuro congelado.
 E os que o Austro tem, & as partes onde
 A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Jupiter Estava o Padre ali sublime & dino,
 Que vibra os feros rayos de Vulcano,
 Num assento de estrellas cristalino,
 Com gesto alto, seверо, & soberano,
 De rosto respirava hum ar diuino,
 Que diuino tornara hum corpo humano:
 Com hũa coroa, & ceptro rutilante,
 De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
 De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão
 Os outros Deoses todos assentados,
 Como a Razão, & a ordem concertauão.
 Precedem os antigos mais honrados,
 Mais abaixo os menores se assentauão:
 Quando Iupiter alto assi dizendo,
 Cum tom de voz começa, graue & horrendo.

Eternos

Eternos moradores do luzente
 Estelifero polo & claro assento,
 Se do grande valor da forte gente,
 De Luso, não perdeis o pensamento,
 Deueis de ter sabido claramente
 Como he dos fados grandes certo intento:
 Que por ella sesqueção os humanos,
 De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

La lhe foy (bem o vistes) concedido
 Cum poder tam singelo & tam pequeno
 Tomar ao Mouro forte & guarnecido,
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:
 Pois contra o Castelbano tam temido
 Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.
 Assi que sempre em fim com fama & gloria,
 Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,
 Que co a gente de Romulo alcançarão,
 Quando com Variato, na inimiga
 Guerra Romana tanto se affamarão.
 Tambem deixo a memoria, que os obriga
 A grande nome, quando aleuantarão
 Hum, por seu capitão, que peregrino
 Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

Agora vedes bem, que cometendo,
 O diuidoso mar, num lenho leue
 Por vias nunca vsadas, não temendo
 De Affrico & Noto a força a mais satreue:
 Que auendo tanto ja que as partes vendo,
 Onde o dia he comprido, & onde breue.
 Inclinaõ seu proposito, & perfia
 A ver os berços, onde nasce o dia.

Prometido lhe està do fado eterno,
 Cuja alta ley nam pode ser quebrada,
 Que tenhão longos tempos o gouerno
 Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
 Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
 A gente vem perdida & trabalhada.
 Ia parece bem feito, que lhe seja
 Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados
 Na viagem, tam asperos perigos,
 Tantos Climas & Ceos experimentados,
 Tanto furor de ventos inimigos
 Que sejam, de termino, agasalhados
 Nesta costa Affricana como amigos.
 E tendo guarnecida a lassa frota,
 Tornarão a seguir sua longa rota:

Estas palauras Iupiter dezia,
 Quando os Deoses por ordem respondendo,
 Na sentença hum do outro difiria,
 Razoës diuersas dando & recebendo.
 O padre Baco, ali nam consentia
 No que Iupiter disse, conbecendo
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,
 Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria
 Hũa gente fortissima de Hespanha,
 Pelo mar alto, a qual sojeitaria
 Da India, tudo quanto Doris banha
 E com nouas victorias venceria,
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha,
 Altamente lhe doe perder a gloria,
 De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo sojugado,
 Enunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
 Por vencedor da India ser cantado,
 De quantos bebem a agoa de Parnaso.
 Teme agora que seja sepultado,
 Seu tam celebre nome, em negro vaso,
 Dagoa do esquecimento, se la chegão
 Os fortes Portugueses, que nauegão,
 Sustentana

Sustentaua contra elle Venus bella
 Affeicoada aa gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nella,
 Da antiga tam amada sua Romana,
 Nos fortes coraçõs, na grande estrella,
 Que mostráráo na terra Tingitana:
 E na lingua, na qual, quando imagina,
 Com pouca corrupçãõ cre que he a Latina.

Ums Estas causas mouiãõ Cyterea,
 E mais, porque das Parcas claro entende
 Que hà de ser celebrada a clara Dea,
 Onde a gente beliger a se estende.
He Probo Assi que hum pela infamia que arrecea,
e Demos. E o outro polas honras que pretende,
 Debatem, & na perfia permanecem,
 A qualquer seus amigos fauorecem:

Vento. Qual Austro fero, ou Boreas na espeßura,
 De siluestre aruoredo abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura,
 Com impito & braueza desmedida.
 Brama toda montanha, o som murmura,
 Rompense as folhas, ferue a serra erguida.
Ces. Tal andana o tumulto leuantado,
 Entre os Deoses no Olimpo consagrado.

Mas

Mas Marte que dá Deosa sustentava,
 Entre todas as partes em porfia,
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia,
 De antre os Deoses em pee se levantava,
 Merencorio no gesto parecia:
 O forte escudo ao collo pendurado,
 Deitando pera trás medonho & irado.

A viseira do elmo de Diamante,
 Aleuantando hum pouco, muy seguro,
 Por dar seu parecer se pos diante
 De Iupiter, armado, forte & duro:
 E dando hũa pancada penetrante,
 Co conto do bastão, no solio puro:
 O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
 Hum pouco a luz perdeo, como inflado.

E disse assi, ó padre a cujo imperio,
 Tudo aquillo obedece, que criaste,
 Se esta gente que busca outro Emispherio,
 Cuja valia, & obras tanto amaste:
 Não queres que padeção vituperio,
 Como há ja tanto tempo que ordenaste
 Não ouças mais, pois es juyz direito,
 Razões de quem parece que he sospeito.

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tam priuado:
 Mas esta tenção sua, agora passe,
 Porque em fim vem de estomago danado.
 Que nunca tirarà albea enueja,
 O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

Et tu^x padre de grande fortaleza,
 Da determinaçam que tês tomada,
 Nam tornes por detrás pois he fraqueza
 Desistirse da cousa começada.
 Mercurio pois excede em ligeireza
 Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
 Lhe va mostrar a terra, onde se informe
 Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mauorte valeroso,
 E Nectar sobre todos esparzio:
 Pelo caminho Lacteo glorioso,
 Logo cada hum dos Deoses se partio.
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Pera os deter minados apousentos.

CANTO PRIMEIRO.

Em quanto isto se passa, na fermosa
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente
 Cortava o mar a gente belicosa:
 Ia la da banda do Austro, & do Oriente,
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa
 Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente
 Queimava entam os Deoses, que Tiseò
 Co temor grande em pexes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauão,
 Como quem o ceo tinha por amigo:
 Sereno o ar, & os tempos se mostrauão
 Sem nuuës, sem receio de perigo:
 O promontorio prasso ja passauão
 Na costa de Ethiopia, nome antiquo.
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
 Nouas ilhas que em torno cerca, & lava.

Vasco da gama, o forte Capitão,
 Que a tamanhas empresas se oferece,
 De soberbo, & de altiua coraçãõ,
 A quem fortuna sempre fauoreça
 Pera se aqui deter, não ve razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece:
 Por diante passar determinaua:
 Mas nam lhe soccedeo como cuydana.

Eis aparecem logo em companhia,
 Hũs pequenos bateis, que vem daquella
 Que mais chegada à terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vella:
 A gente se aluroça, & de alegria
 Não sabe mais que olhar a causa della.
 Que gente sera esta, em si dezião,
 Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira
 Muy veloces, estreitas, & compridas,
 As vellas com que vem erão de esteira,
 Dũas folhas de Palma bem tecidas:
 A gente da cor era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras acendidas
 Ao mundo deu, de ousado, & não prudente,
 O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodão vinhão vestidos,
 De varias cores, brancos, & listrados,
 Hũs trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo ayroso sobraçados,
 Das cintas pera cima vem despídos:
 Por armas tem adagas, & tarçados.
 Com toucas na cabeça, & nauegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

48.

Cos panos, & cos braços acenaão,

Aa gentes Lusitanas que esperassem:
Mas ja as proas ligeiras se inclinão,
Para que junto ás ilhas amainassem.

A gente, & marinheiros trabalhão,
Como se aqui os trabalhos sacabassem:
Tomão vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta,

49.

Não erão ancorados quando a gente

Estranha, polas cordas ja subia,
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitão sublime os recebia.

As mesas manda por em continente,
Do licor que Lyeo prantado avia:

Enchem vasos de vidro, & do que deitão,

Os de Phaeton queimados nada engenão,

* Vinho.

* Baço.

* Negro.

50.

Comendo alegremente preguntão

Pela Arabica lingua, donde vinhão,

Quem erão, de que terra, que buscaão,

Ou que partes do mar corrido tinhão?

Os fortes Lusitanos lhe tornaão,

As discretas repostas que conuinham:

Os Portugueses somos do Occidente,

Himos buscando as partes do Oriente.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

51.

Do mar temos corrido, & navegado
Toda a parte do Antártico, & Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diuersos Ceos, & terras temos visto,
Dum Rey potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto,
Que nam no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

52.

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega
Por elle o mar remoto navegamos,
Que sò dos feos Focas se navega,
Mas ja razão parece que saibamos,
Se entre vos a verdade não se nega.
Quem sois que terra he esta que abitais?
Ou se tendes da India algũs sinais.

53.

Somos, hum dos das Ilhas lhetornou,
Estrangeiros na terra, ley, & nação
Que os propios, sam aquelles que criou
A natura sem ley, & sem razão
Nos temos a ley certa que insinou,
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãy Hebræa tene, & o pay Gencio.

54.

Esta Ilha pequena que habitamos,
 He em toda esta terra certa escala,
 De todos os que as ondas nauegamos
 De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala,
 E por ser necessaria, procuramos,
 Como propios da terra, de habitala,
 E por que tudo em fim vos notifique,
 Chamase a pequena Ilha Moçambique.

55.

E ja que de tam longe nauegais
 Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,
 Piloto aqui tereis, por quem sejais
 Guiados pellas ondas sabiamente.
 Tambem sera bem feito que tenhais,
 Da terra algum refresco, & que o Regente
 Que esta terra gouerna, que vos veja,
 E do mais necessario vos prouenja.

56.

Isto dizendo o Mouroso tornou
 A seus bateis com toda a companhia,
 Do Capitão, & gente se apartou,
 Com mostras de deuida cortesia,
 Nisto Febo nas agoas encerrou,
 Co carro de Christal, o claro dia,
 Dando cargo à Irmãa que alumiasse,
 O largo mundo, em quanto repousasse.

B 2

A noite

Os Lusíadas de Luys de Camões.

57.

A noite se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & nam cuydada,
Por acharem da terra tam remota,
Nova de tanto tempo desejada:
Qualquer entam consigo cuyda, & nota
Na gente, & na maneira desusada.
E como os que na errada Seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

58.

Da Lua os claros rayos rutilauam,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauam,
Qual campo reueftido de boninas,
Os furiosos ventos repousauam,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.

59.

Mas assi como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordon,
Começou a embãdeirarse toda a armada,
E de todos alegres se adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas que partia,

Partia

Partia alegremente navegando,

A ver as naos ligeiras Lusitanas

Com refresco da terra, em si cuidando,

Que sam aquellas gentes inhumanas:

Que os apouentos Caspios habitando,

A conquistar as terras Asianas

Vierão: & por ordem do destino,

O Imperio tomarão a Constantino.

Recebeo o Capitão alegremente,

O Mouro, & toda sua companhia,

Dalhe de ricas peças hum presente,

Que so pera este effeito ja trazia:

Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente

Não usado licor que dá alegria.

Tudo o Mouro contente bem recebe,

E muito mais contente come, & bebe.

Estâ a gente maritima de Luso,

Subida pela exarcia, de admirada,

Notando o estrangeiro modo, & uso,

E a lingoagem tão barbara, & enleada:

Tambem o Mouro astuto esta confuso

Olhando a cor, o traje, & a forte armada

E perguntando tudo lhe dizia,

Se por ventura vinhão de Turquia.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
 O liuros de sua ley, preceyto, ou fé,
 Pera ver se conforme á sua seja,
 Ou se sam dos de Christo, como cre
 E por que tudo note, & tudo veja,
 Ao Capitão pedia, que lhe de,
 Mostra das fortes armas de que vsaão,
 Quando cos inimigos pelejaão.

Responde o valeroso Capitão,
 Por hum que a lingua escura bem sabia,
 Dar-te ey senhor illustre relação
 De my, da ley, das armas que trazia:
 Nem sou da terra, nem da geraçam,
 Das gentes enojosas de Turquia:
 Mas sou da forte Europa belicosa.
 Busco as terras da India tão famosa.

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, & inuisibil,
 Aquelle que criou todo o Hemispherio,
 Tudo o que sente, & todo o insensuel
 Que padeceo deshonna, & vituperio,
 Sofrendo morte injusta, & insufruel:
 E que do ceo á terra em fim deceo,
 Por subir os mortais da terra ao ceo.

66.

Deste Deos homem, alto, & infinito,
 Os Liuros que tu pedes, nam trazia,
 Que bem posso escusar trazer escripto
 Em papel, o que na alma andar deuia.
 Se as armas queres ver, como tês dito,
 Comprido esse desejo te seria,
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

67.

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros, amostrar as armaduras,
 Vem arneses, & peitos reluzentes
 Malhas finas, & laminas seguras,
 Escudos de pinturas diferentes,
 Pilouros, espinguardas de aço puras;
 Arcos, & sagittiferas aljauas.
 Partasanas agudas, chuças bravas.

68.

As bombas vem de fogo, & juntamente
 As panellas sulphureas, tam danosas,
 Porem aos de Vulcano nam consente
 Que dem fogo às bombardas temerosas:
 Porque o generoso animo, & valente,
 Entre gentes tam poucas, & medrosas
 Não mostra quanto pode, & com razão.
 Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.

Porem disto que o Mourro aqui notou,
 E de tudo o que vio, com olho atento,
 Hum odio certo na alma lhe ficou,
 Hũa vontade mã de pensamento,
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
 Mas com risonho, & ledo fingimento,
 Tratalos brandamente determina,
 Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão
 Por quem podesse á India ser leuado,
 Dizhe, que o largo premio leuãrão
 Do trabalho que nisso for tomado.
 Prometelhos o Mourro com tenção
 De peito venenoso, & tão danado:
 Que a morte se podesse neste dia,
 Em lugar de Piloto: lhe daria.

Tamanho odio foy, & a mã vontade,
 Que aos estrangeiros supito tomou,
 Sabendo ser sequaces da verdade,
 Que o filho de David nos ensinou,
 Os segredos daquella Eternidade
 A quem juyzo algum não alcançou.
 Que nunca falte hum perfido inimigo,
 A aquelles de quem foste tanto amigo?

72.

Partiose nisto em fim co a companhia,
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa, & grande cortesia,
 Com gesto ledo a todos, & fingido,
 Cortarão os bateis a curta via
 Das agoas de Neptuno, & recebido
 Na terra do obsequente a juntamento,
 Se foy o Mouro ao cognito apouento.

x Do mar

73.

Do claro asento Ethereo, o grão Tebano,
 Que da paternal coxa foy nacido
 Olhando o ajuntamento Lusitano,
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:
 No pensamento cuida hum falso engano
 Com que seja de todo destruido.
 E em quanto isto so na alma imaginava
 Consiigo estas palauras praticava.

x Baeto

x De Fugir

74.

Estâ do fado ja determinado,
 Que tamanhas victorias tam famosas,
 Ajão os Portugueses alcançado,
 Das Indianas gentes belicosas.
 E eu só filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas:
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?

Ia qui-

Os Lusíadas de Luys de Camões.

75.

La quiseram os Deoses que tiuesse,
O filho de Filippo nesta parte,
Tanto poder, que tudo submetesse
Debaixo do seu jugo, o fero Marte:
Mas ha se de soffrer que o Fado desse,
A tam poucos tamanho esforço, & arte
Qu'en co grão Macedonio, & co Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

76.

Não sera assi, por que antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe sera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu decerey á terra, & o indignado
Pito, reuoluerey da Maura gente,
Porque sempre por via yrà direita,
Quem do oportuno tempo se aprouעה.

77.

Isto dizendo yrado, & quasi insano,
Sobre a terra Africana decendeo,
Onde vistindo a forma & gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moueo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se conuerteo,
De hũ Mouro, em Moçambique conhecido
Velho, sabio, & co Xequemuy valido.

E en-

78.

E entrando assi a falarlhe, a tempo & horas,
 A sua falsidade acomodadas,
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,
 Estas que ora de nouo sam chegadas:
 Que das nações na costa moradoras,
 Correndo a fama veio, que roubadas,
 Forão por estes homẽs, que passauão,
 Que compactos de paz sempre ancorauão.

79.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido,
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem ja de longe engano vrdido,
 Contra nos, & que todos seus intentos
 Sam pera nos matarem, & roubarem,
 E molheres & filhos captiuarem.

80.

E tambem sey que tem determinado,
 De vir por agoa a terra muito cedo,
 O capitão dos seus acompanhado,
 Que da tenção danada nasce o medo:
 Tu deues de yr tambem cos teus armado
 Esperallo em cilada, oculto & quedo:
 Porque saindo a gente descuydada,
 Cairão facilmente na cilada.

E se

E se inda não ficarem de ste geito,
 Destruydos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginado no conceito,
 Outra manha, & ardil que te contente:
 Mandalhe dar Piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, & tam prudente,
 Que os leue aonde seião destruydos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,
 O Mouro nos tais casos, sabio, & velho
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho:
 E logo nesse instante concertou,
 Pera a guerra beligero aparelho:
 Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
 Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,
 Mouro que por Piloto á nao lhe mande,
 Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano
 De quem fiarse possa hum feyto grande
 Diz lhe que acompanhando o Lusitano,
 Por tais costas, & mares co elle ande:
 Que se daqui escapar, que la diante
Ua cair onde nunca se alevante.

84.

Ia o rayo *Apolineo* visitava,
 Os montes *Nabatheos* acendido,
 Quando *Gama* cos seus determinava,
 De vir por agoa a terra apercebido
 A gente nos bateis se concertava,
 Como se fosse o engano ja sabido:
 Mas pode sospeitar-se facilmente,
 Que o coração presago nunca mente.

85.

E mais tambem mandado tinha a terra,
 De antes pelo *Piloto* necessario:
 E foilhe respondido em som de guerra
 Caso do que cuydava muy contrário:
 Por isto, & por que sabe quanto erra,
 Quem se cre de seu perfido aduersario,
 Apercebido vay como podia,
 Em tres bateis somente que trazia.

86.

Mas os *Mouros* que andauão pela praya,
 Por lhe defender a agoa desejada,
 Hum de escudo embarçado, & de azagaya
 Outro de arco encurvado, & setta ernada,
 Esperão que a guerreira gente saya,
 Outros muytos ja postos em cillada:
 E por que o caso leue se lhe faça,
 Poem hũs poucos diante por negaça.

Andão

Andão pela ribeira alua arenosa,
 Os belicosos Mouros acenando,
 Com a adarga, & co a astea perigosa,
 Os fortes Portugueses incitando,
 Nam soffre muito a gente generosa,
 Andarlhe os cães os dentes amostrando.
 Qualquer em terra salta, cam ligeiro,
 Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante.
 Vendo a fermosa dama desejada,
 O Touro busca, & pondo se diante,
 Salta, corre sibila, acena, & brada,
 Mas o animal atroce nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, & os olhos cerra,
 Derribada, fere, & mata, & poem terra.

Eis nos bateis o fogo se levanta,
 Na furiosa & dura artilheria,
 A plumbea pela mata, o brado espanta:
 Ferido o ar retumba, & asouia,
 O coração dos Mouros se quebranta,
 O temor grande o sangue lhe resfia.
 Ia foge o escondido de medroso.
 E morre o descuberto auenturoso.

90.

Não se contenta a gente Portuguesa,
 Mas seguindo a victoria estrue, & mata
 A pouoção sem muro, & sem defesa,
 Esbombardea, acende, & desbarata:
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
 Que bem cuidou comprala mais barata,
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,
 O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

91.

Seguindo, a seta o Mouro vay tirando,
 Sem força, de couarde, & de apressado,
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,
 Dalhe armas o furor desatinado.
 Ia a Ilha, & todo o mais, deseparando,
 A terra firme foge amedrontado,
 Passa, & corto do mar o estreito braço,
 Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

92.

Os Lus vão nas almâdias carregadas,
 Hum corta o mar a nado diligente,
 Quem se affoga nas ondas encruvadas,
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente.
 Arrombão as meudas bombardas
 Os Pangayos sotis da bruta gente,
 Desta arte Portugues em fim castiga,
 A vil malicia, perfida, inimiga,

Tornão

Tornão victoriosos pera armada,
 Co despojo da guerra, & rica presa,
 E vam a seu prazer fazer agoada,
 Sem achar resistencia, nem defesa
 Ficava a Maura gente magoada,
 No odio antigo, mais que nunca acesa.
 E vendo sem vingança tanto dano,
 Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,
 O Regedor daquella inica terra,
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra,
 Porque o Piloto falso prometido,
 Que toda a mã tençam no peito encerra;
 Para os guiar à morte lhe mandava
 Como em final das pazes que tratava.

O Capitam, que ja lhe entam conuinha,
 Tornar a seu caminho acostumado,
 Que tempo concertado, & ventos tinha,
 Pera yr buscar o Indio desejado,
 Recebendo o Piloto que lhe vinha,
 Foy d'elle alegremente agasalhado,
 E respondendo ao mensageiro, atento
 Aas vellas manda dar ao largo vento.

98

Dest' arte despedida a forte armada,
 As ondas de Anfitrite diuidia,
 Das filhas de Nerèo acompanhada,
 Fiel, alegre, & doce companhia:
 O Capitão, que não cahia em nada
 Do enganoso ardil que o Mouro urdia:
 Delle muy largamente se informaua,
 Da India toda, & costas que passaua.

* Comal.

* Moringe

99

Mas o Mouro instruido nos enganos,
 Que o Maleuolo Bacco lhe ensinára,
 De morte, ou captiueiro novos danos,
 Antes que à India chegue lhe prepara,
 Dando razão dos portos Indianos,
 Tambem tudo o que pede lhe declara:
 Que auendo por verdade o que dezia,
 De nada a forte gente se temia.

100

E dizlhe mais co falso pensamento,
 Com que Synon os Phrygios enganou,
 Que perto está hũa Ilha, cujo assento,
 Pouo antigo Christão sempre habitou:
 O Capitão que a tudo estaua atento,
 Tanto co estas nouas se alegrou,
 Que com dadiuas grandes lhe rogaua,
 Que o leue á terra onde esta gente estaua.

C

O

O mesmo o falso Mouro determina,
 Que o seguro Christão lhe manda, & pede,
 Que a ilha he possuyda da malina
 Gente, que segue o torpe Masamed:
 Aqui o engano, & morte lhe imagina,
 Porque em poder, & forças muito excede
 A Moçambique, esta ilha, que se chama
 Quilua, muy conhecida pola fama.

Pera là se inclinava a leda frota:
 Mas a Deosa em Cythere celebrada,
 Vendo como deixava a certa rota,
 Por yr buscar a morte não cuidada,
 Não consente que em terra tão remota
 Se perca a gente della tanto amada:
 E com ventos contrarios a desuia,
 Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o malvado Menro não podendo
 Tal determinação levar auante,
 Outra maldade inica cometendo,
 Ainda em seu proposito constante,
 Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
 Os leuarão por força por diante,
 Que outra ilha tem perto, cuja gente,
 Não Christãos com Mouros juntamente.

Tambem

Tambem nestas palauras lhe mentia,
 Como por regimento em fim leuaua,
 Que aqui gente de Christo não auia,
 Mas a que a Mafamede celebraua:
 O Capitão que em tudo o Mouro cria,
 Virando as velas, a ilha demandaua:
 Mas não querendo a Deosa guardadora,
 Não entra pola barra, & surge fora.

Estaua a ilha à terra rão chegada,
 Que hum estreito pequeno a diuidia,
 Hũa cidade nella situada,
 Que na frente do mar apparecia,
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fora ao longe descobria,
 Regida por hum Rey de antiqua idade,
 Mombaca he o nome da ilha, & da Cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,
 Estranhamente ledo, por que espera
 De poder ver o pouo baptizado,
 Como o falso Piloto lhe dissera:
 Eys vem bateis da terra com recado
 Do Rey, que ja sabia a gente que era,
 Que Bacco muito d'antes o auisara,
 Na forma doutro Mouro que comára.

O recado que trazem he de amigos:

Mas debaixo o veneno vem cuberto,

Que os pensamentos erão de inimigos,

Segundo foy o engano descuberto:

O grandes, & grauissimos perigos,

O caminho de vida nunca certo,

Que a onde a gente poem sua esperança,

Tenha a vida tão pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,

Tantas vezes a morte apercebida,

Na terra, tanta guerra, tanto engano,

Tanta necessidade auorrecida:

Onde pode acolherse hum fraco humano,

Onde ter á segura a curta vida?

Que não se arme, & s'indigne o cèo sereno,

Contra hum bicho da terra tão pequeno.

Fim.

Canto Segundo.



A Neste tempo o luzido Pla-
neta,

Que as horas vay do dia distin-
guindo,

Chegava à desejada, & lenta
Meta,

A luz celeste às gentes encobrindo:

E da casa maritima secreta,

Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo:

Quanda as infidas gentes se chegaram

As Naos, que pouco avia que ancoráram.

2.

D'antre elles hum que traz encomendado,

O mortifero engano, assi dizia:

Capitam valeroso, que cortado

Tens de Neptuno o Reyno, & salsa via,

O Rey que manda esta Ilha, aluoracado

Da vinda tua tem tanta alegria,

Que nam deseja mais que agasalharte,

Verte, & do necessario reformarte.

Os Lusíadas de Luys de Camões

3.

E porque está em extremo desejeſo
De te ver, como couſa nomeada,
Te roga que de nada receoſo
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoſo,
Trarás a gente debil, & cansada,
Diz que na terra pòdes reformala,
Que a natureza obriga a deſejala.

4.

E ſe buscando vas mercadoria,
Que produze o aurifera Levante,
Canella, Crauo, ardente eſpeciaria,
Ou Droga ſalutifera, & preſtante:
Ou ſe queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido Diamante:
D'aqui leuarás tudo tam ſobejo,
Com que faças o fim a teu deſejo.

5.

Ao meſſageyro o Capitão reſponde,
As palauras do Rey agradecendo,
E diz, que porq̃ o Sol no mar ſe eſconde,
Não entra pera dentro obedecendo:
Porem que como a luz moſtrar por onde
Vá ſem perigo, a frota não temendo,
Comprirá ſem receo ſeu mandado,
Que a mais por tal ſenhor está obrigado.

Perguntalhe

6

Perguntalhe despois, se estão na terra
 Christãos, como o Piloto lhe dizia,
 O mensageyro astuto, que não erra,
 Lhe diz, q̃ a mais da gẽte em Christo cria:
 Desta sorte do peyro lhe desterra
 Toda a sospeyta, & cauta fantasia:
 Por onde o capitam seguramente,
 Se fia da infiel, & falsa gente.

7.

E de algũs que trazia condenado,
 Por culpas, & por feyros vergonhosos.
 Porque podesses ser auenturado,
 Em casos desta sorte duvidosos:
 Manda dous mais sagazes, ensayados,
 Porque notem dos Mouros enganosos,
 A cidade, & poder, & por que veijão,
 Os Christãos, que só tanto ver deseijão.

8

E por estes ao Rey presentes manda,
 Porque a boa vontade que mostrava,
 Tenha firme, & segura, limpa, & branda,
 A qual bem ao contrario em tudo estava.
 Lá a companhia perfida, enefanda
 Das Naos se despedia, & o mar cortava,
 Foram com gestos ledos, & fingidos,
 Os dous da froca em terra recebidos.

C 4

E despois

E depois que ao Rey apresentaram,
 Co recado os presentes que traziam,
 A cidade correrão, & notarão
 Muyto menos d'aquillo que querião,
 Que os Mouros cautelosos se guardarão
 De lhe mostrarem tudo o que pedião.
 (Que onde reyna a malicia, está o receo
 Que a faz imaginar no peyto alheo.)

Mas aquelle que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua, & foy nascido
 De duas mãys: que vr dia a falsidade,
 Por ver o nauegante destruydo:
 Estaua n'ua casa da cidade,
 Com rosto humano, & habito fingido
 Mostrandose Chriştão, & fabricaua
 Hum altar sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada
 Do alto & Sancto Spirito a pintura,
 A candida Pombinha debuxada,
 Sobre a vnica Fenix Virgem pura,
 A companhia Sancta está pintada,
 Dos doze camoruados na figura,
 Como os que, s'õ das linguas que cayram,
 De fogo, varias linguas referiam.

12.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
 Onde com este engano Bacco estaua
 Poem em terra os gíolhos, & os sentidos
 Naquelle Deos, que o mundo gouernaua
 Os cheyros excellentes produzidos,
 Na Panchaya o dorifera queymaua,
 O Thioneu, & assi por derradeyro
 O falso Deos adora o verdadeiro.

13

Aqui foram de noite agasalhados,
 Com todo o bom, & honesto tratamento
 Os dous Christãos, nam vendo q̃ enganado
 Os tinha o falso, & sancto fingimento:
 Mas assi como os rayos espalhados
 Do Sol foram no mundo, & nũ momento,
 Apareceo no rubido Orezonte,
 Na moça de Titão a roxa fronte.

14.

Tornam da terra os Mouros co recado
 Do Rey, pera que entrassem, & consigo
 Os dous que o Capitam tinha mandado,
 A quem se o Rey mostrou sincêro amigo:
 E sendo o Portugues certificado,
 De nam auer receo de perigo.
 E que gente de Christo em terra auia,
 Dentro no falso Rio entrar queria.

Dizem

Os Lusíadas de Luys de Camões.

15.

Dizem lhe os que mandou, que em terra virão,
Sacras aras, & Sacerdote Sancto,
Que ali se agasalhãrão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rey, & gentes não sentirão
Se não contentamento, & gosto tanto,
Que não podia certo auer sospçta,
Nũa mostra tão clara, & tão perfeyta.

16.

Co isto o nobre Gama recebia
Alegramente os Mouros que subiam,
Que leuemente hum animo se fia
De mostras que tam certas pareciam:
A Nao da gente per fi-la se enchia,
Deyxando a bordo os barcos que trazião,
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

17.

No terra cautamente aparelhauam,
Armas, & munições, que como vissem
Que no Rio os Nauios ancorauam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta treyçam determinauam,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem deste geyto
O mal que em Moçambique tinhão feyto.

18.

As ancoras tenaces vam leuando,
 Com a nautica grita costumada,
 Da proa as vellas sôs ao vento dando,
 Inclinaam pera a barra abalisada:
 Mas a linda Ericina, que guardando
 Andaua sempre a gente aßinalada,
 Vendo a cilada grande, & tam secreta
 Uoa do Ceo ao Mar como hũa setta.

19.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,
 Com toda a mais cerulea companhia,
 Que porque no salgado Mar nasceo,
 Das aguas o poder lhe obedecia:
 E propondo lhe a causa a que deceo,
 Com todos juntamente se partia:
 Pera estoruar que a armada não chegasse
 Aonde pera sempre se acabasse.

20.

Já na agua erguendo vão com grande pressa
 Com as argêteas caudas branca escuma,
 Clotho co peyro corta, & atraueffa
 Com mais furor o Mar do que costuma.
 Salta Nise, Nerine se arremessa,
 Por cima da agua crespa, é força summa,
 Abrem caminho as ondas encuruadas,
 De temor das Nereydas a pressadas.

Os Lusíadas de Luys de Camões

21.

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,
Uay a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
Iá chegão perto donde o vento ceso,
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartemse, & rodeão nesse instante
As Naos ligeiras que hião por diante.

22

Poem se a Deosa com outras em dereyto
Da proa capitania, & ali fechando,
O caminho da barra estam de geyto,
Que é vão assopra o vento, a vella inchado:
Poem no madeyro duro o brando peyto,
Pera de tras a forte Naos forçando.
Outras em derredor leuando a estauam,
E da barra inimiga a desuiuam.

23.

Quaes pera a coua as prôuidas formigas,
Leuando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado:
Ali são seus trabalhos, & fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado.
Tais andauam as Nimphas estoruando
A gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

24

orna pera detras a não forçada,
 A pesar dos que leua, que gritando
 Marcão vellas. ferue a gente irada,
 O leme a hum bordo, & a outro atraueffando:
 O mestre astuto em vão da popa bradá,
 Vendo como diante ameaçando
 O estaua hum maritimo penedo,
 Que de quebrarlhe a nao lhe mete medo.

25

A ceuuma medonha se alevanta,
 No rudo marinheiro que trabalha,
 O grande estrondo a Maura gente espanta,
 Como se vissem horrida batalha:
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha:
 Cuidão que seus enganos são sabidos,
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

26

Eylos subitamente se lançauão
 A seus bateis velozes que trazião,
 Outros encima o mar alevantauão,
 Saltando nagoa a nado se acolhião:
 D'hum bordo, & doutro subito saltauão,
 Que o medo os compelia do que vião,
 Que antes querem ao mar auenturar-se,
 Que nas mãos enemigas entregar-se.

Assi como em seluatica alagoa,
 As rãs no tempo antigo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fora da agoa incautamente,
 Daqui, & dalli saltando o charco soa,
 Por fogir do perigo que se sente:
 E acolhendose ao outro que conhecem,
 Sòs as cabeças na agoa lhe aparecem.

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,
 Que ao perigo grande as naos guiãra,
 Crendo que seu engano estava noto,
 Tambem foge saltando na agoa amara:
 Mas por não darem no penedo immoto,
 Onde percão a vida, doce, & cara:
 A ancora solta logo a capitayna,
 Qualquer das outras junto della amayna.

Vendo o Cama atencado a estranheza
 Dos Mouros, não cuidada, & juntamente
 O Piloto fogir lhe com presteza,
 Entende o que ordenaua a bruta gente
 Evendo sem contraste, & sem braueza
 Dos ventos, ou das agoas sem corrente,
 Que a Não passar auante não podia,
 Auendolo por milagre assi dizia.

30

O caso grande, estranho, & não cuylado,
 O milagre clarissimo, & evidente,
 O descuberto engano inopinado,
 O perfida inimiga, & falsa gente,
 Quem poderà do mal aparelhado
 Lurarse sem perigo sabiamente,
 Se l'è de cima a guarda soberana,
 Não acudir á fraca força humana?

31

Bem nos mostra a diuina providencia
 Destes portos a pouca segurança,
 Bem claro temos visto na apparencia,
 Que era enganada a nossa confiança:
 Mas pois saber humano, nem prudencia
 Enganos tão fingidos não alcança,
 O tu guarda diuina, tem cuidado,
 De quem sem ti não pode ser guardado.

32

E se te moue tanto a piedade,
 Desta misera gente peregrina,
 Que sò por tua altissima bondade,
 Da gente a saluas perfida, & malina,
 N'algum porto seguro de verdade,
 Conduzirmos ja agora determina,
 Cu nos amostra a terra que buscamos,
 Pois sò por teu seruiço nauégamos.

enun.
 Ouviolhe estas palauras piadosas
 A fermosa^x Dione, & comouida
 De ancre as Nymphas se vay, que saudosas
 Ficarão desta subita partida:
 Ia penetra as estrellas luminosas
 Ia na terceira esphera recebida:
 Auante passa, & là no sexto céo,
 Pera onde estaua o Padre se moueo.

enun.
 E como hia afrontada do caminho,
 Tão fermosa no gesto se mostraua,
 Que as estrellas, & o ceo, & o ar vizinho
 E tudo quanto auia namoraua:
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
 Hús espiritos viuos inspiraua,
 Com que os Polos gelados acendia,
 E tornaua do fogo a esphera fria.

enun.
 E por mais namorar o soberano
 Padre, de quem foy sempre amada, & cara
 Se lh'a presenta assi como ao Troyano,
 Na selua Idea ja se apresentàra:
 Se a vira o caçador, que o vulto humano
 Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
 Nunca os famintos galgos o matarão,
 Que primeiro desejos o acabarão.

Os

36

Os crespos fios d'ouro se esparzião
 Pello collo, que a neve escurescia,
 E nos laços que delles se tecião
 Contente a liberdade se prendia:
 Os olhos pretos, onde arder se vião
 Outras luzes mais bellas que a do dia:
 Armados de belleza, & d'esquinança,
 Principio do receo, & da esperança.

37

Cum delgado cendal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo,
 Porem, nem tudo esconde, nem descobre
 O veio dos roxos livios pouco auaro:
 Mas pera que o desejo acenda, & dobre,
 Lhe põe diante aquelle objecto raro:
 Ia se sentem no ceo por toda a parte
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte.

38

E mostrando no Angelico semblante
 Coriso hũa tristeza misturada,
 Como dama que foy do incauto amante,
 Em brincos amorosos mal tratada,
 Que se aqueixa, & se ri, num mesmo instante,
 E se torna entre alegre magoada:
 Desta arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D

Sempre

Sempre eu cuydey, o Padre poderoso,

Que pera as cousas que eu do peito amasse

Te achasse brando, affabil, & amoroso,

Posto que a algum contrario lhe pesasse;

Mas pois que contra mi te vejo yroso,

Sem que to merecesse, nem te errasse,

Façase como Baco determina,

Assentarey em fim que fuy mofoina.

Este pouso que he meu, por quem derramo

As lagrimas que em vão caydas vejo,

Que affaz de mal lhe quero pois que o amo,

Sendo tu tanto contra meu desejo:

Por elle a ti rogando choro, & bramo,

E contra minha dita em fim peleijo:

Ora pois porque o amo he mal tratado,

Querolhe querer mal, será guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes

Que pois eu fuy: & nisto de mimosa

O rosto banha em lagrimas ardentes,

Como co ornalho fica a fresca rosa,

Ealada hum pouco, como se entre os dentes

Lhe impedir a falla piadosa,

Toema a seguila, & indo por diante,

Lhe atalha o poderoso, & grão Tonante.

E destas brandas mostras comouido,
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,
 Co vulto alegre, qual do Ceo subido
 Torna sereno, & claro o ar escuro:
 As lagrimas lhe alimpa, & acenddo
 Na face a beija, & abraça o celo puro:
 De modo que dali, se sò se achâra,
 Outro novo Cupido se gerâra.

E co seu apertando o rosto amado,
 Que os saluços, & lagrimas aumenta,
 Como minino da ama castigado,
 Que quem no affaga o choro lhe acrecenta
 Por lhe pôr em sossego o peito yrado,
 Muytos casos futuros lhe apresenta:
 Dos fados as entrambas reuoluendo,
 Desta maneira em fim lhe està dizendo.

Fermosa filha minha nao remais
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que cffes chorosos olhos soberanos,
 Que eu vos prometo filha que vejais
 Esqueceremse Gregos, & Romanos,
 Pelos illustres feitos que esta gente,
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogigia Ilha eterno escravo,
 E se Antenor os seyos penetrou
 Iliricos, & a fonte de Timaou:
 E se o piadoso Eneas nauegou
 De Scila, & de Carybdis o mar brauo,
 Os vossos mōres cousas atentando,
 Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, cidades, & altos muros,
 Por elles vereis filha edificados:
 Os Turcos bellacissimos, & duros,
 Delles sempre vereis desbaratados:
 Os Reys da India liures, & seguros,
 Vereis ao Rey potente sojugados,
 E por elles de tudo em fim senhores,
 Serão dadas na terra leys milhores.

Vereis este, que agora presuroso,
 Por tantos medos o Indo vay buscando,
 Tremar d'elle Neptuno de medroso
 Sem ventos suas agoas encresspando.
 O caso nunca visto, & milagroso,
 Que trema, & ferua o mar em calma estando,
 O gente forte, & de altos pensamentos,
 Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis a terra que a agoa lhe colhia,
 Que inda ha de ser hum porto muy decente,
 Em que vão descansar da longa via
 As náos que nauegarem do Occidente:
 Toda esta costa em fim, que agora vrdia
 O mortifero engano, obediente
 Lhe pagarâ tributos, conhecendo
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

Evereis o Mar Roxo tao famoso,
 Tornar selhe amarello de infiado:
 Vereis de Ormuz o Reyno poderoso,
 Duas vezes tomado, & sojugado,
 Alli vereis o Mouro furioso
 De suas mesmas settas traspassado,
 Que quem vay contra os vossos, claro veja,
 Que se resiste contra si peleya.

Vereis a inexpugnauel Dio forte,
 Que dous cercos terâ, dos vossos sendo,
 Alli se mostrarâ seu preço, & sorte,
 Feitos de armas grandissimos fazendo:
 Enuejoso vereis o grão Mauorte,
 Do peito Lusitano, fero & horrendo:
 Do Mouro ali verão que a voz extrema
 Do falso Masamede ao Céu blasfema.

OS LYSIADAS DE L. DE CA

51

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virà despois a ser senhora
 De todo o Oriente, & sublimada
 Cos triumphos da gente vencedora:
 Alli soberba, altiva, & exalçada,
 Ao Genticio que os Idolos adora,
 Duro freo porà, & a toda a terra,
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52

Vereis a fortaleza sustentarse,
 De Cananor, com pouca força, & gente:
 E vereis Calecù desbaratarse,
 Cidade populosa, & tão potente:
 E vereis em Cochim asinalarse
 Tanto hum peito soberbo, & insolente,
 Que Cicara ja mais cantou victoria,
 Que assi mereça eterno nome, & gloria.

53

Nunca com Marte, instructo, & furioso,
 Se vio feruer Leucate, quando Augusto
 Nus ciuis Actias guerras animoso,
 O Capitaõ venceo Romano injusto:
 Que dos pouos de Aurora, & do famoso
 Nilo, & do Bactra Scitico, & robusto,
 A victoria trazia, & presa rica,
 Preos da Egyptica linda, & não pudica.

54

Como vereis o mar feruendo aceso,
 Cos incendios dos vossos pelcujando,
 Leuando o Idolatra, & o Xouro preso,
 De nações diferentes triumphando,
 Esogeita a rica Aurea Chersoneso,
 Até o longinco China nauegando,
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,
 Serlheha todo o Occeano obediente.

55

De modo filha minha, que de geito
 Amostrarão esforço mais que humano,
 Que nunca se verà tão forte peito,
 Do Gangetico mar ao Caditano,
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito
 Que mostrou o agrauado Lusitano,
 Posto que em todo o mundo, de affrontados
 Resuscitassem todos os passados.

56

Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Xaya à terra, por que tenha
 Hum pacifico porto, & sossegado,
 Pera onde sem receyo a frota venha,
 E pera que em Mombaça, auenturad
 O forte Capitão senão detenha,
 Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quito repousasse.

OS LUSIADAS DE L. DE C.

57

Ia pelo ar o Cyleneo voava,
 Com as asas nos pés à terra deca,
 Sua vara fatal na mão leuava,
 Com que os olhos cansados adormesce:
 Com esta, as tristes almas reuocava,
 Do inferno, & o vento lhe obedesce
 Na cabeça o galêro costumado,
 E desta arte a Melinde foy chegado.

58

Configo a Fama leua, porque diga
 Do Lusitano, o preço grande, & raro,
 Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado, & caro:
 Desta arte vay fazendo a gente amiga,
 Corumor famosissimo, & perclaro,
 Ia Melinde em desejos arde todo,
 De ver da gente forte, o gesto, & modo.

59

Dalli pera Nombança logo parte,
 Aonde as nãos estauão temerosas,
 Pera que à gente mande que se aparte,
 Da barra imiga, & terras sospeitosas:
 Porque muy pouco val esforço, & arte,
 Contra infernais vontades enganosas,
 Pouco val coraçãõ, astucia, & siso,
 Selá dos Céos, não vem celeste aniso.

60

Meyo caminho a noite tinha andado,
 E as Estrellas no Céu co a luz albea
 Tinhão o largo Mundo allumiado,
 E sò co sono a gente se recrea:
 O Capitão illustre, ja cansado
 De vigiar a noite que arrecea,
 Breue repouso então aos olhos dava,
 A outra gente a quartos vigiaua.

61

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
 Dizendo: Fuge, fuge Lusitano,
 Da cilada que o Rey maluado tece,
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,
 Fuge, que o vento, & o Ceo te fauoresce,
 Sereno o tempo tês, & o Oceano,
 E outro Rey mais amigo noutra parte,
 Onde podes seguro agasalhar-te.

62

Não tês aqui senão aparelhado
 O hospicio que o crû Diomedes dava,
 Fazendo ser manjar acostumado,
 De cauallos a gente que hospedava:
 As aras de Busiris infamado,
 Onde os hospedes tristes immolava,
 Terâs certas aqui, se muito esperas,
 Fuge das gentes perfidas, & feras.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

63

Vayte ao longo da costa discorrendo,
 E outra terra acharàs de mais verdade,
 Lá quasi junto donde o Sol ardendo,
 Iguala o dia, & noite em cantidade:
 Alli tua frota alegre recebendo
 Hum Rey, com muitas obras de amizade,
 Casalhado seguro te dariz,
 E pera a India certa, & sabia guia.

64

Isto Mercurio disse, & o sono leua
 Ao Capicão, que com muy grande espanto
 Acorda, & vê ferida a escura treua,
 De hũa subita luz, & rayos sancto:
 Evendo claro quanto lhe releua
 Não se deter na terra iniqua tanto,
 Com nouo espirito ao mestre seu mandaua,
 Que as velas desse ao vento que assoprava.

65

Day velas, disse, day ao largo vento,
 Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda;
 Que hum mensageiro vi do claro assento
 Que sò em favor de nossos passos anda:
 Alevantase nisto o mouimento
 Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,
 Leuão gritando as ancoras acima,
 Mostrando a ruda força que se estima.

Niste

66

Neste tempo, que as ancoras leuauão,
 Na sombra escura os Mouros escondidos,
 Mansamente as amarras lhe cortauão,
 Por serem, dando â costa, destruydos:
 Mas com vista de Linceos vigiauaõ
 Os Portugueses sempre apercebidos,
 Elles como acordados os sentirão,
 Voando, & não remando lhe fogirão.

67

Mas ja as agudas proas apartando
 Hião as vias humidas de argento,
 Assopralhe galerno o vento, & brando,
 Com suau, & seguro mouimento:
 Nos perigos passados vão fallando,
 Que mal se perderão do pensamento
 Os casos grandes, donde em tanto aperto
 A vida em saluo escapa por acerto.

68

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
 E noutra começaua, quando virão
 Ao longe dous nauios, brandamente
 Cos ventos naugando, que respirão,
 Porque auião de ser da Maura gente,
 Pera elles arribando, as velas virão,
 Hum de temor do mal que arreceita,
 Por se salvar a gente â costa daia.

Não

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

69

Não he o outro que fica tão manhoso:
Mas nas mãos vay cayr do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil, & medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano:
Não teve resistencia, & se a tiuera
Mais danno resistindo recebera.

70

E como o Cama muito desejava,
Piloto pera a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:
Mas não lhe soccedeo como cuidava,
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
A que parte dos Ceos a India estava,
Porem dizemlhe todos que tem perto
Melinde onde acharão Piloto certo.

71

Louuauão do Rey os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade,
Porque ja lho dissera deste geito,
O Cyleneo em sonhos, & partia,
Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

72

Era no tempo alegre quando entrava
 No roubador de Europa a luz Febea,
 Quando hum, & o outro corno lhe aquentava,
 E Flora derramava o de Amalthea:
 A memoria do dia renovava
 O presuroso Sol, que o Ceo rodea,
 Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
 O sello pos a quanto tinha feito.

73

Quando chegava a frota àquella parte
 Onde o Reyno Melinde ja se via,
 De toldos adornada, & leda de arte,
 Que bem mostra estimar o Sancto dia:
 Treme a Bandeira, vos o Estandarte,
 A còr purpurea ao longe apparecia,
 Soão os atambores, & pandeiros,
 E assi entravão ledos, & guerreiros.

74

Enchese toda a praya Malindana,
 De gente que vem ver a leda armada,
 Gente mais verdadeira, & mais humana
 Que toda a d'outra terra a tras deixada.
 Surge diante a frota Lusitana,
 Pega no fundo a ancora pesada,
 Manda o fora hũ dos Mauros que tomarão,
 Por quem sua vinda ao Rey manifestarão.

O Rey

* Domingo de
 Janeiro

O Rey que ja sabia da nobreza
 Que tanto os Portugueses engrandesce,
 Tomarem o seu porto tanto preza,
 Quanto a gente fortissima meresce:
 E com verdadeiro animo, & pureza,
 Que os peitos generosos ennobresce,
 Lhe manda rogar muyto que saysssem
 Pera que de seus Reynos se servissem.

São offercimentos verdadeiros,
 E palauras sinceras, não dobradas,
 As que o Rey manda aos nabres caualleiros
 Que tanto mar, & terras tem passadas:
 Mandalhe mais lanigeros carneiros,
 E galinhas domesticas ceuadas:
 Com as frutas que então na terra auia,
 E a vontade â dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledo, & seu recado,
 E logo manda ao Rey outro presente,
 Que de longe trazia a parelhado:
 Escarlata purpurea, cor ardente,
 O ramofo coral fino, & prezado,
 Que debaixo das agoas molle cresce,
 E como he fora dellas se endurece.

Manda mais hum na pratica elegante,
 Que co Rey nobre as pazes concertasse,
 E que de não sayr naquelle instante
 De suas nãos em terra o desculpasse:
 Partido assi o embaixador prestante,
 Como na terra ao Rey se apresentasse,
 Com estilo que Pallas lhe ensinava,
 Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rey, a quem do Olimpo puro
 Foy da suma justiça concedido
 Refrear o soberbo pouo duro,
 Não menos d'elle amado que temido:
 Como porto muy forte, & muy seguro,
 De todo o Oriente conhecido,
 Te vimos a buscar, pera que achemos
 Em ti o remedio certo que queremos.

Não somos roubadores, que passando
 Pelas fracas cidades descuydadas,
 A ferro, & a fogo, as gentes vão matando,
 Por roubarlhe as fazendas cubicadas:
 Mas, da soberba Europa naugando,
 Himos buscando as terras apartadas
 Da India grande, & rica, por mandado
 De hum Rey que temos alto, & sublimado.

OS LIVSIADAS DE L. DE CA.

81

Que geração tão dura ahi de gente
 Que barbaro costume, & vsança fea,
 Que não vedem os portos tão somente:
 Mas inda o hospicio da deserta area?
 Que má tenção? que peito em nos se sente?
 Que de tão pouca gente se arrecea?
 Que com laços armados tão fingidos,
 Nos ordenassem vernos destruydos?

82

Mas tu, em quem muy certo confiamos
 Acharse mais verdade, ò Rey benigno,
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,
 Que teue o perdido Ithaco em Alcino:
 A teu porto seguros nauegamos,
 Conduzidos do Interprete diuino:
 Que pois a ti nos manda, está muy claro,
 Que es sincero, humano, & raro.

83

E não cuydes, ò Rey, que não saysse;
 O nosso Capitão esclurecido
 A verte, ou a servirte, porque visse,
 Ou sospeitasse em ti peito fingido.
 Mas saber às que o fez, porque cumprisse,
 O regimento em tudo obedecido,
 De seu Rey, que lhe manda que não saye,
 Deixando a frota em nenhum porto, ou praya.

E por que

E porque he de vassallos, o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça;
 Não quereràs, pois rês de Rey officio,
 Quem ninguem a seu Rey desobedesca:
 Mas as merces, & o grande beneficio,
 Que hora acha em ti, promette que conheça,
 Em tudo aquillo que elle, & os seus poderem
 Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, & todos juntamente,
 Hũs com outros em practica fallando
 Louuauão muito o estamago da gente,
 Que tanto ceos, & mares vay passando,
 E o Rey illustre, o peito obediente,
 Dos Portugueses, na alma imaginando
 Tinha por valor grande, & muy subido,
 O do Rey que he tão longe obedescido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,
 Responde ao embaixador, que tanto estima;
 Toda a sospeita mã tiray do peito,
 Nenhum frio temor em vos se imprima:
 Que vosso preço, & obras são de geito,
 Pera vos ter o mundo em muita estima;
 E quem vos fez molesto tratamento,
 Não pode ter sobido pensamento.

E não sair em terra toda a gente,
 Por observar a usada preminencia,
 Ainda que me pese estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia:
 Mas se lhe o regimento não consente,
 Nem eu consentirey que a excellencia,
 De peitos tão leais em si desfaça,
 Sò porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada
 Ao mundo for, em minhas almadias,
 Eu irey visitar a forte armada,
 Que ver tanto desejo, há tantos dias,
 E se vier do mar desbaratada,
 Do furioso vento, & longas vias:
 Aqui terà, de limpos pensamentos
 Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,
 O filho de Latona, & o mensageiro
 Coa embaixada alegre se partia
 Pera a frota, no seu batel ligeiro:
 Enchemse os peitos todos d'alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro,
 Pera acharem a terra que buscauão,
 E assi ledos a noite festejavão.

91.

Não faltão alli os rayos de arteficio,
 Os tremulos cometas imitando,
 Fazem os bombardeiros seu officio:
 O ceo, a terra, & as ondas atroando:
 Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
 Nas bombas que de fogo estão queimando,
 Outros com vozes, com que o ceo ferirão,
 Instrumentos altisonos tangião.

92.

Respondem-lhe da terra juntamente,
 Co rayo volteando, com zonido,
 Anda em giros no ar a roda ardente,
 Estoura o pô sulphureo escondido:
 A grita se alevanta ao ceo da gente,
 O mar se via em fogos acendido:
 E não menos a terra, & assi festeja
 Hum ao outro a maneira de peleya.

93.

Mas já o céo inquieto revolvendo,
 As gentes incitava a seu trabalho,
 Eja a mãy de Memnon a luz trazendo,
 Ao sono longo punha certo acalho:
 Hiãose as sombras lentas de fazendo,
 Sobre as flores da terra, em frio cru alho,
 Quando o Rey Milindano se embarcava
 A ver a frota que no mar estava.

Viãse em derredor feruer as prayas
 Da gente, que a ver sò concorte leda;
 Luz m da fina purpura as cabayas,
 Lustrão os panos da tecida seda:
 Em lugar de guerreiras azagayas
 E do arco, que os cornos arremeda
 Da lãa, trazem ramos de palmeira,
 Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande, & largo, que toldado
 Vinha de sedas de diuersas cores,
 Tras o Rey de Melinde acompanhado
 De nobres de seu Reyno, & de senhores:
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segnndo seus costumes, & primores,
 Na cabeça hũa fota guarneçada,
 D'ouro, & de seda, & de algodão recida.

Cabaya de damasco rico, & dino,
 Da Tíria còr, entre elies estimada;
 Hum collar ao pesçoço d'ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada
 C'hum resplandor reluze adamantino,
 Na cinta a rica adaga bem laurada
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro, & aljofar ao veludo.

97.

Um hum redondo emparo alto de seda,
 N'ũa alta, & dourada hastea enxerido,
 Hum ministro a solar quentura veda,
 Que não offenda, & queime o Rey subido:
 Musica traz na proa, estranha, & leda,
 D'aspero som, horrißino ao ouido:
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

98.

Tão menos guarnecido o Lusitano,
 Nos seus bateis da frota se partia,
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa, & honrada companhia:
 Vestido o Cama vem ao modo Hispano:
 Mas Francesa era a roupa que vestia,
 De cetim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, cór que a gente tanto preza.

99.

e botões douro as mangas vem tomadas
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:
 As calças soldadescas recamadas,
 Do metal que fortuna a tantos nega,
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibão ajunta, & achega:
 Ao Italico modo a aurea espada,
 Pluma na gorra, hum pouco declinada.

* Capes de...

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

100.

Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tinta que dà o Murice excellente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do traje differente;
 Tal o fermoso esmalte se notava,
 Dos vestidos olhados juntamente:
 Qual apparece o arco rutilante,
 Da bella Nympha filha de Thaumante.

Inis.

101.

Sonorosas trombetas incitauão,
 Os animos alegres resoando,
 Dos Mouros os bateis o mar coalhauão,
 Os toldos pelas agoas arrojando:
 As bombardas horriſſonas bramauão,
 Com as nuuẽs de fumo o sol tomando,
 Ameudãose os brados acendidos,
 Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

102.

Ja no batel entrou do capitão
 O Rey, que nos seus braços o leuava,
 Elle coa cortesia, que a razão
 (Por ser Rey) r:queria, lhe fallava.
 C'huas mostras de espanto, & admiracão,
 O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,
 Como quem em muy grande estima tinha,
 Gente que de tão longe à India vinha.

E com

103.

E com grandes palauras lhe offeresce,
 Tudo o que de seus Reynos lhe comprisse,
 E que se mantimento lhe fallesce,
 Como se proprio fosse lho pedisse:
 Diz lhe mais, que por fama bem conhece
 A gente Lusitana, sem que a visse,
 Que ja ouuio dizer, que n'outra terra
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

104.

E como por toda Africa se soa,
 Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,
 Quando nella ganharão a coroa
 Do Reyno, onde as Hesperidas viuerão:
 E com muitas palauras apregoa,
 O menos que os de Luso merecerão:
 E o mais que pela fama o Rey sabia:
 Mas desta sorte o Cama respondia.

105.

O tu que só tiueste piedade,
 Rey benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria, & aduersidade,
 Dos mares experimenta a furia insana.
 Aquella alta, & diuina eternidade,
 Que o céo reuolue, & rege a gente humana.
 Pois que de ti tais obras recebemos,
 Te pague o que nos outros não podemos.

Tu sô de todos quantos queima Apolo,
 Nos recebes em paz do mar profundo
 Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
 Refugio achamos bom, fido, & jocundo:
 Em quanto apascentar o largo polo,
 - As estrellas, & o sol der lume ao mundo,
 Onde quer que eu viuer, com fama, & gloria,
 Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,
 Pera a frota, que o Mouro ver deseja,
 Vão as naos, hũa & hũa rodeando,
 Porque de todas tudo note, & veja:
 Mas pera o céo Vulcano fazilando,
 A frota co as bombardas o festeja,
 às trombetas canoras lhe tangião,
 Cos anafis os Mouros respondião.

Mas depois de ser tudo já notado,
 Do generoso Mouro, que pasmaua,
 Ouindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostraua.
 Mandaua estar quieto, & ancorado,
 Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,
 Por fallar de vagar co forte Gama,
 Nas cousas de que tem noticia, & fama.

109.

Em praticas o Meuro diferentes,
 Se delectava, perguntando agora,
 Pellas guerras famosas, & excellentes,
 Co pouo auidas, que a Masoma adora:
 Agora lhe pergunta pellas gentes
 De toda a Hisperia vltima, onde mora,
 Agora pellos pouos seus vezinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.

110.

Mas antes valeroso capitão,
 Nos conta, lhe dizia, diligente,
 Da terra tua o clima, & região
 Do mundo onde morais distintamente,
 E assi de vossa antiga geração,
 E o principio do reyno tão potente:
 Cos successos das guerras do começo,
 Que sem sabellas, sey que são de preço.

111.

E asitambem nos conta dos rodeyos
 Longos, em que te traz o mar yrado,
 Vendo os costumes barbaros alheyos,
 Que a nossa Africa ruda tem criado:
 Conta: que agora vem cos aureos freyos,
 Os ceuallos que o carro marchecado,
 Do nuuo sol, da fria aurora trazem,
 O vento dorme, o mar, & as ondas jazem.

E não

E não menos co tempo se parece,
 O desejo de ouirte o que contares,
 Que quem ha, que por fama não conhesce
 As obras Portuguezas singulares:
 Não tanto desuiado resplandesce,
 De nos o claro sol, pera julgares,
 Que os Melindanos tem tão rudo peito,
 Que não estimem muito hum grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes,
 Com guerra vão, o limpo, claro, & puro,
 Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,
 O Reyno de Plutão horrendo, & escuro,
 Se ouue feitos no mundo tão possantes,
 Não menos he trabalho illustre, & duro,
 Quanto foy cometer inferno, & céu,
 Que outrem cometta a furia de Nerco.

Egleis Queimou o sagrado templo de Diana,
 Do sutil Tesifonio fabricado,
 Horostrato, por ser da gente humana,
 Conhecido no mundo, & nomeado:
 Se tambem com tais obras nos engana,
 O desejo de hum nome auentajado,
 Mais rezão ha que queira eterna gloria
 Quem faz obras tão dignas de memoria.

Canto terceiro.

1.

Agora tu Calliopemene ensina
 O que contou ao Rey, o illustre
 Cama:
 Inspira immortal canto, & voz di-
 uina,

Neste peito mortal, que tanto te ama.
 Assim o claro inuentor da medicina,
 De quem Orpheo pariste, ò linda dama:
 Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe
 Te negue o amor diuido, como soe.

* Apolo

* Caliope

2.

Põe tu Nympha em effeito meu desejo,
 Como merece a gente Lusitana,
 Que veja & saiba o mundo que do Tejo
 O licor de Aganippe corre, & mana,
 Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
 Banharme Apollo na agoa soberana,
 Senão direy, que tês algum receo,
 Que se escureça o teu querido Orpheo.

* Fonte da
Musas.

Prometeu

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

3.

Promptos estauão todos escuitando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rey, que conte declarando,
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia:
Mas mandas-me louuar dos meus a gloria.

4.

Que outrem possa louuar esforço alheyo,
Consa he que se costuma, & se deseja:
Mas louuar os meus proprios arreceo,
Que louuor tão sospeito mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo, & creyo,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, & serey breue.

5.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto ordem leue, & siga,
Segundo o que desejas de saber
Primeiro tratarey da larga terra,
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre i

6.

Entre a Zona que o Cancro senhorea,
 Meta Septentrional do Sol luzente;
 E aquella, que por fria se recea
 Tanto, como a do meyo por ardente,
 Iaz a soberba Europa, à quem rodea,
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
 Com suas falsas ondas o Oceano,
 E pela Austral, o mar Mediterraneo.

7.

Da parte donde o dia vem nascendo,
 Com Asia se auizinha: mas orio
 Que dos montes Ripheos vay correndo,
 Na alagoa Meotis, curuo, & frio
 As diuide. & o mar, que fero, & horrendo
 Vio dos Greges o yrado senhorio:
 Onde agona de Troya triumphante,
 Não vê mais que a memoria o nauegante.

8.

Là onde mais debaixo està do Polo,
 Dos montes Hyperboreos apparecem,
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,
 E co nome dos sopros, se ennobrescem,
 Aqui tão pouca força tem de Apolo,
 Os rayos que no mundo resplandescem,
 Que a neuve està contino pello montes,
 Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

9.

Aqui dos Scythas. grande cantidade
Viuem, que antiguamente grande guerra
Teuerão. sobre a humana antiguidade,
Cos que tinham então a Egipcia terra:
Mas quem tão fora estava da verdade,
(la que o juyzo humano tanto erra.)
Pera que do mais certo se informára,
Ao campo Damasceno o perguntára.

10.

Agora nestas partes se nomea,
A Lapia fria, a inculta Noruega,
Escandinavia Ilha, que se arrea,
Das victorias que Italia não lhe nega:
Aqui, em quanto as agoas não refrea,
O congelado inuerno, se nauega
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pela Brusio, Suecio, & frio Dano.

11.

Entre este mar, & o Tanais viue estranha
Cente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios,
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinia, os Marcomanos são Polonios:
Suggeitos ao imperio de Alemanha,
São Saxones, Bohemios, & Panonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lana, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.

Entre

12.

Entre o remoto Istro, & claro estreito,
 E onde Hele deixou, co nome, a vida,
 Estão os Traces de robusto peito,
 Do fero Marte, patria tão querida,
 Onde co Hemo, o Rhodope suggeito
 E o Otomano está, que sometida,
 Bizancio tem a seu serviço indino,
 Boa injuria do grande Constantino.

13.

Logo de Macedonia estão as gentes,
 E quem lava do Axio a agoa fria:
 E vos também, ò terras excelentes,
 Nos costumes, engenhos, & onfadia,
 Que criastes os peitos eloquentes,
 E os juyzos de alta phantasia:
 Com quem tu clara Grecia o ceo penetras,
 E não menos por armas, que por letras.

14.

Logo os Dalmatas vivem, & no seyo,
 Onde Entenor ja muros levantou,
 E soberba Veneza está no meyo
 Das agoas, que tão baixa começou:
 Da terra, hum braço vem ao mar, que cheyo
 De esforço, nações varias suggeitou,
 Braço forte, de gente sublimada,
 Não menos nos engenhos, que na espada.

Em

OS LIVRADAS DE L. DE C. A.

15.

Em torno o cerca o Reyno Neptunino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o divide o Apenino,
Que tão illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veyo, & bellica arte:
Pobre está já de antiga potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade.

16.

Gallia alli se verá, que nomeada,
Cos Cesarios Triumphos foy no mundo,
Que do Sequána, & Rhodano he regada,
E do Garumna frio, & Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se aleuantão, que segundo
Antiguidades contão, quando ardêrão,
Rios d'ouro, & de prata antão corrêrão.

17.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, & gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderâ com força, ou manha
A fortuna inquieta pôr lhe nada:
Que lha não tire o esforço, & ousadia,
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

18.

Com Tingitania entesta, & ali pareſce
 Que quer fechar o mar mediterano,
 Onde o ſabido eſtreito ſe ennohreſce
 Co extremo trabalho do Thebano.
 Com nações diferentes ſe engrandeſce,
 Cercadas com as ondas do Oceano
 Todas de tal nobreza, & tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he milhor.

19.

Tem o Trragones, que ſe fez claro,
 Sojeitando Partenope in quietã,
 O Nauarro, as Aſurias, que reparo
 Ia forão, contra a gente Mahometa,
 Tem o Callego canto, & o grande & raro
 Caſtelhano, á quem fez o ſeu planeta,
 Reſtituidor de Eſpanha, & ſenhor della,
 Bethis, Lião, Granada, com Caſtella.

20.

Eis aqui quaſi cume da cabeça,
 De Europa toda, o rcino Luſitano,
 Onde a terra ſe acaba, & o mar começa,
 E onde Fhebo repouſa no Oceano:
 Eſte quis o cêo juſto, que floreça
 Nas armas, contra o torpe Mauritano
 Deitando o de ſi fora, & là na ardente
 Affrica eſtar quieto o não conſente.

F

Eſta he

Os Lusíadas de Luys de Camões.

21.

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o cêo meda, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz alli comigo,
Esta foy Lusitania deriuada,
De Luso, ou Lisa: que de Baccho antigo,
Filhos forão paresce, ou companheiros,
E nella ancão os incolas primeiros.

22.

Desta o pastor nasceo, que no seu uome
Se ve, que d'homem forte os feitos teue,
Cujafama ninguem virà que dome,
Pois a grande de Roma não se atreue:
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do, cêo ligeiro, & leue,
Vey a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reino illustre, & foi dest' arte.

23.

Hũ rei, por nome A ffonso, foy na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguineas, força, è manha
A muitas fez perder a vida, & a terra:
Voando deste rey a fama estranha,
Do Herculano Calpe áa Caspia serra,
Muitos, pera na guerra esclarecerse,
Uinhão a elle, & à morte offerecerse.

E com

24.

E c' hũ amor intrinseco acen didos
 Da fé, mais que das honras populares,
 Erão de varias terras conduzidos,
 Deixãodo a patria amada, & propios lares
 Depois que em feitos altos & subidos,
 Se mostrão nas armas singulares
 Quis o famoso Affonso, que obras tais,
 Leuasse premio digno, & dões igoais.

25.

Deste Henrique dizem que segundo,
 Filho de hum rei de Ungria experimentado,
 Portugal ouue em sorte, que no mundo
 Entãõ nãõ era illustre, nem prezado;
 E pera mais sinal d' amor profundo,
 Quis o rei Castelhana, que casados
 Com Teresa sua filha o conde fosse,
 E com ella das terras tomou posse,

26.

Este depois que contra os descendentes,
 Da escrava Agar, vittorias grãdes teue,
 ganhando muitas terras adjacentes,
 Fazendo o que a seu forte peito deue.
 Em premio destes feitos excelentes,
 Deulhe o supremo deos, em tempo breue,
 Hum filho, que illustrasse o nome v'fano
 D'obelloso reino Lusitano.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

27.

Já tinha vindo Henrique da conquista,
Da cidade Hyerosolima sagrada,
E do Jordão a rea tinha vista,
Que vio de deos a carne em si lauada;
Que não tendo Colfredo a quem resista,
Depois de ter Iudea sollugada,
Muitos que nestas guerras o ajudarão,
Pera seus senhorios se tornarão.

28.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte & famoso Ungaro estremado,
Forçado da falta necessidade,
O espirito deu, a quem lho tinha dado;
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixava seu tressado:
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pay tal filho se esperava.

29.

Mas o velho rumor, não sey se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãy tomando todo o estado
Do segundo Himeneo, não se despreza;
O filho orfão deixava desherdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do senhorio todo, so sua era,
Por que pera casar seu pay lhas dera.

Mas

30.

Mas o Principe Affonso, que desta arte
 Se chamaua, do Auô tomando o nome,
 Uendose em suas terras não ter parte,
 Que a mãy cõ seu marido as mãda, & come
 Feruendolhe no peito o duro Marte
 Imagina consigo como as tome,
 Reuoluidas as causas no conceito
 Ao proposito firme segue o effeito.

31.

De Cuimarães o campo se tingia,
 Co sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,
 A seu filho negaua o amor, & a terra
 Co elle posta em campo ja se via,
 E não vê a soberba o muito que erra,
 Contra Deos, contra o maternal amor.
 Mas nella o sensual era mayor.

32.

O Progne crua, o Magica Medea,
 Se em vossos propios filhos vos vingais
 Da maldade dos pais, da culpa alheya,
 Olhay que inda Tereja peca mais:
 Incontinencia mã, cubica fea,
 São as causas deste erro principais:
 Scilla por hũa mata o velho pay,
 Esta por ambas, contra o filho vay.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,
 Do padraſto, & da inica mãy leuaua,
 Ia lho obedece a terra num momento,
 Que primeiro contra elle peleijaua:
 Porem vencido de yra o entendimento,
 A mãy em ferros asperos ataua:
 Mas de Deos foi vingada em tempo breue,
 Tanta veneração aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Caſtelhano,
 Pera vingar a injuria de Teresa,
 Contra o tam raro em gente Luſitano,
 A quem nenhum trabalho agraua, ou peſa:
 Em batalha cruel, o peito humano,
 Ajudado da Angelica deſeſa,
 Não ſo contra tal furia ſe ſuſtenta:
 Mas o inimigo aſperrimo aſſugenta.

Não paſſa muito tempo, quanto o forte
 Principe, em Guimarães eſtá cercado,
 De infinito poder, que deſta ſorte,
 Foi refazer ſe o inimigo magoado:
 Mas com ſe offerecer à dura morte,
 O fiel Egas amo, ſoy liurado,
 Que de outra arte podéra ſer perdido,
 Segundo eſtaua mal apercebido.

36.

Mas o leal vassallo conhecendo,
 Que seu senhor não tinha resistencia,
 Se vay ao Castelhana, prometendo,
 Que elle faria darlhe obediencia:
 Leuanta o enemigo o cerco horrendo,
 Fido na promessa, & consciencia
 De Egas Monis, mas não consente o peito
 Do moço illustre, a outrem ser sojeito.

37.

Chegado tinha o prazo prometido,
 Em que o Rey Castelhana ja aguardaua,
 Que o Principe a seu mando sometido
 Lhe desse a obediencia que esperaua:
 Vendo Egas que ficaua fementido,
 O que d'elle Castella não cuidaua,
 Determina de dar a doce vida,
 Atroco da palaura mal comprida.

38.

E com seus filhos & molher se parte,
 A aleuantar com elles a fiança,
 Descalços, & despídos, de tal arte,
 Que mais moue a piedade que a vingança:
 Se pretendes Rey alto de vingarte,
 De minha temeraria confiança,
 Dizia, eis aqui venbo offerecido,
 Ate pagar coa vida o prometido.

Vês aqui trago as vidas inocentes,
 Dos filhos sem peccado, & da consorte,
 Se o peitos generosos, & excellentes,
 Dos fracos satisfaz a fera morte:
 Vês aqui as mãos, & a lingua delinquentes
 Nellas sos exprimenta, toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estillo
 De Scinis, & do couro de Perillo.

Qual diante do algoz o condemnado,
 Queja na vida a morte tem bebido,
 Poem no cepo a garganta, & ja entregado,
 Espera pelo golpe tam temido:
 Tal diante do Principe indinado,
 Egas estava a tudo offerecido,
 Mas o Rey vendo a estranha lealdade,
 Mais pode em fim que a yra a piedade.

O grã fidelidade Portuguesa,
 De vassallo que tanto se obrigava,
 Que mais o Persa fez naquella empresa
 Onde ó rosto & narizes se cortava
 Do que ao grande Dario tanto pesa
 Que mil vezes dizendo suspirava,
 Que mais o seu Zopiro sam prezara,
 Que vinte Babilonias que tomara.

42.

Mas ja o Principe Affonso aparelhava,
 O Lusitano exercito ditoso,
 Contra o mouro, que as terras abitava,
 Dalem do claro Tejo deleitoso:
 Ia no campo de Ourique se assentava,
 O arrayal soberuo & belicoso:
 De frente do inimigo Sarraceno,
 Posto que em força & grãde tão pequeno.

43.

Em nenhũa outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos que o Ceo regia,
 Que tão pouco era o pouo baptisado,
 Que pera hum sò cem mouros aueria:
 Julga qualquer juizo sossegado,
 Por mais temeridade que ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que pera hum cavalleiro ouvesse cento.

44.

Cinco Reys Mouros sam os inimigos,
 Dos quais o principal Ismar se chama,
 Todos experimentados nos perigos
 Na guerra, onde se alcança a illustre fama
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,
 Imitando a fermosa & forte Dama,
 De quem tanto os Trayanos ajudauam,
 E as que o Termo doute ja gostáram.

A matutina

A matutina luz serena, & fria.

As Estrellas do Pollo ja apartaaua,
Quando na Cruz o filho de Maria,
A mostrando se a Affonso o animaua:
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflamado assi gritaaua
Aos infieis Senhor, aos infieis,
E não a mi que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente
Portuguesa, inflamados leuantauão,
Por seu Rey natural, este excellent
Principe, que do peito tanto amauão:
E diante do exercito potente,
Dos inimigos gritando o ceo tocauão:
Dizendo em alta voz real real,
Por Affonso alto Rey de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,
Pola montanha o rabido Moloso,
Contra o Touro remete que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Ate que em fim rompendolhe a garganta,
Do brauo a força horrenda se quebranta.

48.

Tal do Rey novo, o estamago acendido
 Por Deos, & polo pouo juntamente,
 O barbaro comete apercebido,
 Co animoso exercito rompente:
 Leuantão nisto os perros o alarido
 Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
 As lanças, & arcos tomão, tubas soão,
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

46.

Bem como quando a flama que atcada,
 Foy nos aridos campos (asoprando
 O sibilante Boreas) animado
 Co vento, o seco mato vay queimando:
 A pastoral companhia, que deitada,
 Co doce sono estaua, despertando,
 Ao estridor do fogo que se atea,
 Recolhe o fato, & fuge pera a aldea.

50.

Desta arte o Mourro atonido, & toruado,
 Toma sem tento as armas muy depressa,
 Não foge: mas espera confiado.
 E o ginete belligero arremessa:
 O Portugues o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atranessa,
 Mús caem meios mortos, & outros vão
 Ajuda conuocando do Alcorão.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

51.

Ali se vem encontros temerosos,
Pera se desfazer hũa alta ferra,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, & forçosos,
Por toda a parte andaua acesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça, & malha,
Rompe, corta, desfaz, a bola, & talha.

52.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, & sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido:
Ia perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparfido
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesí de branco, & verde.

53.

Ia fica vencedor o Lusitano
Recolhendo os tropheos, & presa rica,
Desbaratado, & roto o Mauro Hispano,
Tres dias o gram Rey no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo vſano,
Que agora esta victoria certifica:
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em final destes cinco Reys vencidos.

E nestes

54.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros, porque deos fora vendido,
 Escreuendo a memoria em varia tinta,
 Da quelle de quem foy fauorescido.
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
 Porque assi fica o numero comprido:
 Pintando duas vezes o domeo,
 Dos cinco azues q̃ em Cruz pintando veo.

55.

Passando ja algum tempo, que passada
 Era esta grão victoria, o Rei subido
 A tomar vay Leiria, que tomada
 Fora muy pouco auita, do vencido:
 Com esta a forte Arronches sojugada
 Foy juntamente: & o sempre ennobrecido
 Scabelicastro, cujo campo o meno,
 Tu claro Tejo regas tão sereno.

56.

A estas nobres villas sometidas,
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,
 E nas serras de tua conhescidas,
 Sojuga a fria Cintra o duro braço.
 Cintra onde as Naiades escondidas
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
 Onde amor as enreda brandamente,
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

Ero

E tu nobre Lisboa, que no mundo,
Facilmente das outras es princeza,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tuáa quem obedece o mar profundo,
Obedeste àa força portuguesa
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy manda,

Là do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção santa erão partidos,
Entrando a boca já, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama antião subia aos céos,
Foy pasto cerco aos muros Ulisseos.

Cinco vezes a lũa se escondêra,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade em trada se rendêra,
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foy a batalha tão sanguina & fera,
Quanto obrigava o firme presuposto:
De vencedores asperos, & ousados,
E devencidos já desesperados.

60.

Desta arte m fim tomada serendeo,
 A quella que nos tempos ja passados
 Aa grande força nunca obedesceo,
 Dos frios pouos Scythicos onfadou:
 Cujoo poder à tanto se estendeo,
 Que o lbero o vno, & o Tejo amedronado
 E em fim co Betis tanto algũs poderão,
 Que àa terra de Vandalia nome dêrão,

61.

Que dacidade, tão forte, por ventura
 Auera, que resista, se Lisboa
 Não pode resistir à força dura
 Da gente, cuja fama tanto voa.
 Ia lhe obedece toda a Estremadura,
 Obidos, Alanquer, por onde soa
 O tom das frescas agoas, entre as pedras,
 Que murmurando lava, & Torres vedras,

62.

E vos tambem, ò terras transtaganas,
 Affamadas co dom da staua Ceres,
 Obedesceis àas forças mais que humanas,
 Entregando lhe os muros, & os poderes.
 E tu laurador Mourro que teenganas,
 Se sustentar á fertil terra queres
 Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas
 E Alcaçare do sal, se ão rendidas.

Eis

Os Lusíadas de Luys de Camões,

63.

Eis a nobre cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustentar de longo a terra, & a gente
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Nos ares se alleuantão nobremente
Obedesceo, por meyo & ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

64.

Iã na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que não sabe sosegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade: mas sento já rendida,
Em toda a cousa viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

65.

Com estas sollugada foy Palmella,
E a piscosa Cizimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a senhor della,
Que a socorrela vinha diligente
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.

66.

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
 Com quatro mil cavallos furiosos,
 Innumeros pões, d'armas, & d'ouro
 Cuarnecidos guerreiros, & lastrosos:
 Mas qual no mes de Mayo o brauo touro
 Cos ciumes de vacca, arreceosos,
 Sencindo gente o bruto, & cego amante
 Saltea o descuidado caminhante.

67.

De sta arte Affonso subito mostrado,
 Na gente dà que passa bem segura,
 Fere, matta, derriba denodado
 Foge o Rey Mouro, & sò da vida cura,
 D'hum Panico terror todo assombrado,
 Sò de seguillo o exercito procura
 Sendo estes que fizerão tanto aballo,
 Nomais que sò sessenta de cauallo.

68.

Logo segue a victoria sem tardança,
 O grão Rey incansavel, ajuntando
 Centes de todo o Reyno, cuja vsança
 Era andar sempre terras conquistando,
 Cercar vay Badajoz, & logo alcança
 O fim de seu desejo, pelejando
 Com tanto esforço, & arte, & valencia,
 Que a fez fazer às outras companhia.

Mas o alco Deas, que pera longe guarda
 O castigo daquelle que o mereſce,
 Ou pera que se emende ás vezes tarda,
 Ou por ſegredos que homem não conheſce,
 S'arê qui sempre o forte Rey reſguarda,
 Dos perigos a que elle ſe offerreſce,
 Agora lhe não deixa ter deſeſa
 Da maldiçãõ da mãy que eſtaua preſa.

Qu'eſtando na cidade que cercâra,
 Cercada nella foy dos Leoneses,
 Porque a conquista della lhe tomâra,
 De Leão ſendo, & não dos Portugueſes:
 A pertinacia aqui lhe cuſta cara
 Aſi como acontece muitas vezes,
 Que em ferros quebra as pernas, inda aceso.
 Aã batalha, onde foy vencido, & preſo.

O famoso Pompeyo não te pene
 De teus feitos illuſtres a ruyna,
 Nem ver que a juſta Nemesis ordene
 Ter teu ſogro de tivittoria dina:
 Poſto que o frio Phasis, ou Syene
 Que per a nenhum cabo a ſombra inclina,
 O Beotes gellado, & a linha ardente
 Tem eſſem o teu nome géralmente.

72.

Posto que a rica Arabia, & que os ferozes
 Eniochos, & Colchos cuja fama
 O veo dourado estende: & os Capadoces,
 E Iudea, que hum Deos adora, & ama,
 E que os molles Sophenos, & os atroces
 Silicios, com a Armenia, que derrama
 As agoas dos dous rios, cuja fonte
 Está n'outro mais alto, & sancto monte

73.

E posto em fim que desdeo mar de Atlante
 Até o Scythico Tauro monte erguido
 Ia vencedor te vissem, não te espante,
 Se o campo Emathio sò te vio vencido:
 Porque Affonso ver às soberbo, & auante,
 Tudo render, & ser despois rendido,
 Assim quis o conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, & o genro a este

74.

Tornado o Rey sublime finalmente,
 Do diuino iuyzo castigado,
 Despois que em Santarem soberbamente
 Em vão dos Sarracenos foy cercado:
 E despois que do martyre Vicente
 O santissimo corpo venerado
 Do sacro promontorio conhecido,
 À cidade Ulysea foy trazido.

Porque leuasse auante seu desejo,
 Ao forte filho manda o lasso velho
 Que às terras se passasse d' Alentejo,
 Com gente, & co belligero aparelho:
 Sancho desforço, & animo sobejo
 Auante passa, & faz correr vermelho
 O rio que Seuilba vay regando,
 Co sangue Mauro, barbaro, & nefando.

E com esta victoria cobiçoso,
 Ia não descansa o moço, até que veja
 Outro estrago como este temeroso,
 No barbaro, que tem cercado Beja:
 Não tarda muito o principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja,
 Assim estragado o Mouro, na vingança
 De tantas perdas põe sua esperança.

Ia se ajuntão do monte a quem Medusa
 O corpo fez perder que teue o ceo,
 Ia vem do promontorio de Ampelusa,
 E do Tinge, que assento foy d' Anteo:
 O morador de Abila não se escusa,
 Que tambem com suas armas se moueo
 Ao som da Mauricana, & rouca tuba,
 Todo o Reyno que foy do nobre Iuba.

78.

Entrava com toda esta companhia,
 O Miralmomini em Portugal,
 Treze Reys Mouros leua de valia,
 Entre os quaes tem o sceptro imperial;
 E assi fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal,
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,
 Porem não lhe succede muito bem.

79.

Dalhes combates asperos, fazendo
 Ardis de guerra mil o Mouro yroso,
 Não lhe approueita já trabuco horrendo,
 Mina secreta, Ariete forçoso,
 Porque o filho de Affonso não perdendo
 Nada do esforço, & accrdo generoso,
 Tudo proué com animo, & prudencia,
 Qu' em toda a parte ha esforço, & resistencia.

80.

Mas o velho a quem tinhão ja obrigado
 Os trabalhosos annos ao soffego,
 Estando na cidade cujo prado
 Enuer descem as agoas do Mondego,
 Sabendo como o filho está cercado,
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,
 Se parte diligente da cidade,
 Que não perde a presteza co a idade.

Nem era o pouo seu tyrannizado,
 Como Sicilia foy de seus tyrannos;
 Nem tinha como Phalaris achado
 Genero de tormentos inhumanos:
 Mas o Reyno altiuo, & costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rey não obedece, nem consente,
 Que não for mais que todos excellentes.

Por esta causa o reyno governou
 O Conde Bolonhes, despois alçado
 Por Rey, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado:
 Este que Affonso o brauo se chamou,
 Despois de ter o reyno segurado,
 Em dilatalo cuida, que em terreno
 Não cabe o altiuo peito tão pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co braço, & deita fora
 O Mouro malquerido ja de Marte:
 Este de todo fez liure, & senhora
 Lusitania, com força, & bellica arte:
 E acabou de oprimir a nação forte
 Na terra que aos de Luso coube em sorte. Eis

84.

Os altos promontorios o chorarão,
 E dos rios as agoas saudosas,
 Os semeados campos allagarão,
 Com lagrimas correndo piadosas:
 Mas tanto pello mundo se alargarão
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu reyno chamarão
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

85.

Sancho forte mancebo, que ficâra
 Imitando seu pay na valentia,
 E que em sua vida já se exprimentâra,
 Quando o Beris de sangue se tingia:
 E o barbaro poder desbaratâra,
 Do Ismaelita Rey de Andaluzia:
 E mais quando os q̃ Beja em vão cercâra,
 Os golpes de seu braço em si prouârão.

86.

Depois que foy por Rey alleuantado,
 Auendo poucos annos que reynaua,
 A Cidade de Silues tem cercado,
 Cujos campos o barbaro lauraua:
 Foy das valentes gentes ajudado,
 Da Germanica armada que passaua,
 De armas fortes, e gente apercebida,
 A rocostrar Iudea ja perdida.

Passarão ajudar na santa empresa,
 O roxo Frederico, que moueo
 O poderoso exercito, em defesa
 Da cidade onde Christo padescéo:
 Quando Guido co a gente em sede acesa,
 Ao grande Saladino se rendeo,
 No lugar onde aos Mouros sobejauão,
 As agoas que os de Guido desejanão.

Mas a fermosa armada, que viera
 Por contraste de vento à quella parte,
 Sancho quis ajudar na guerra fera
 Lá que em seruiço vay do santo Marte:
 Assim como a seu pay acontecera
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado Silues toma,
 E o brauo morador destrue, & doma:

E se tantos tropheos do Mahometta
 Alevantando vay, tambem do forte
 Liones não consente estar quieta
 A terra usada aos castos de Mauorte:
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tuy, que a mesma sorte,
 Vio ter a muitas villas suas vezinhas,
 Que por armas em Sancho humildes tinhas.

90.

Mas entre tantas palmas saltado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Hum filho seu de todos estimado,
 Que foy segundo Affonso, & Rey terceiro:
 No tempo deste, aos Mouros foy tomado
 Alcacere do sal por derradeiro:
 Porque dantes os Mouros o tomarão,
 Mas agora estruidos o pagarão.

91.

Morto despois Afonso, lhe succede
 Sancho segundo, manso, & descuidado,
 Que tanto em seus descuidos se desmede,
 Que d'outrem que mandava era mandado:
 De governar o reyno que outro pede
 Por causa dos privados foy privado,
 Porque como por elles se regia,
 Em todos os seus vicios consentia.

92.

Não era Sancho não tão deshonesto
 Como Nero, que hum moço recebia
 Por molher, & despois horrendo incesto
 Com a mãy Agrippina cometia:
 Nem tão cruel às gentes, & molesto,
 Que a cidade queimasse onde viuia,
 Nem tão mão como foy Helio Cabâlo,
 Nem como o molle rey Sardapalo.

E coa famosa gente à guerra usada,
 Vay socorrer o filho, & assi ajuntados
 A Portuguesa furia costumada,
 Em breue os Mouros tem desbaratados.
 A campina que toda està coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavalloos, jaezes, presa rica,
 De seus senhores mortos chea fica.

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida,
 O Miralmomini sò não fugio,
 Porque antes de fugir lhe foge a vida:
 A quem lhe esta victoria permitto,
 Dão louvores, & graças sem medida:
 Que em casos tão estranhos claramente
 Mais peleja o favor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphava
 O velho Affonso, principe subido
 Quando quem tudo em fim vencendo andava
 Da larga, & muita idade sós vencidos:
 A pallida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquescido;
 E pagarão seus annos deste geito
 À triste Libitina seu dereite.

96.

Eis depois vem Dinis, que bem parece
 Do brauo Affonso estirpe nobre, &
 Com quem a fama grande se escurece
 Da liberalidade Alexandrina:
 Co este o reyno prospero floresce,
 (Alcançada ja a paz aurea diuina)
 Em constituições, leys, & costumes,
 Na terra ja tranquilla claros lumes.

97.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
 O valeroso officio de Minerva,
 E de Helicon as Musas fez passar-se
 A pisar de Mondego a fertil herua:
 Quanto pode de Achenas desejar-se
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua;
 A qui as capellas dá tecidas d'ouro,
 Do baccaro, & do sempre verde louro.

98.

Nobres villas de nouo edificou,
 Fortaleza, castellos muy seguros,
 E quasi o reyno todo reformou
 Com edificios grandes, & altos muros:
 Mas despois que a dura Atropos cortou
 O fio de seus dias ja maduros,
 Ficouthe o filho pouco obediente,
 Quarto Affonso, mas forte, & excellent.

Este

Este sempre as soberbas Castelhanas
 Co peito desprezou firme, & sereno,
 Porque não he das forças Lusitanas
 Temer poder mayor por mais pequeno:
 Mas porem quando as gentes Mauritanas
 A possuir o Hesperico terreno,
 Entrarão pellas terras de Castella,
 Uay o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semiramis gente tanta
 Veo os campos Hydaspicos enchendo,
 Nem Attila, que Italia toda espanta,
 Chamandose de Deos açoute horrendo:
 Gottica gente trouxe tanta, quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo,
 Co poder excessiuo de Granada
 Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Evendo o Rey sublime Castelhana
 A força inexpugnauel, grande, & forte,
 Temendo mais o fim do pouo Hispano,
 Ia perdido hũa vez, que a propria morte,
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandaua a carissima consorte,
 Mulher de quem a manda, & filha amada
 D'aquelle a cujo reyno foy mandada.

102.

Entrava a fermosíssima Maria
 Polos paternaes paços sublimados,
 Lindo o gesto, mas fora de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados,
 Os cabellos Angelicos trazia
 Pellos eburneos ombros espalhados:
 Diante do pay ledo que agasalha,
 Estas palauras tais chorando espalha.

103.

Quantos pouos a terra produzio
 De Africa, toda gente fera, & estranha,
 O grão Rey de Marrocos conduzio
 Pera vir possuir a nobre Espanha:
 Poder tamanho junto não se vio,
 Depois que o falso mar a terra banha,
 Trazem ferocidade, & furor tanto
 Que a vivos medo, & a mortos faz espanto.

104.

Aquelle que me deste por marido,
 Por defender sua terra amedrentada,
 Co pequeno poder offerecido
 Ao duro golpe está da Moura espada:
 E senão for contigo socorrido
 Verme às delle, & do Reyno ser privada,
 Viuva, & criste, & posta em vida escura,
 Sem marido, sem Reyno, & sem ventura.

Por

Por tanto ò Rey, de quem com puro medo
 O corrente Mulaca se congella,
 Rompe toda a tardança, acude cedo,
 Aá miseranda gente de Castella:
 S'este gesto que mostras claro & ledo
 De pay o verdadeiro amor a sella,
 Acude, & corre pay, que senão corres
 Pode ser que não aches quem socorres.

Não di' outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a criste Venus, quando
 A Iupiter seu pay favor pedia,
 Pera Eneas seu filho, nauegando:
 Que a tanta piedade o comouia,
 Que caydo das mãos o rayo infando:
 Tudo o clemente padre lhe concede,
 Resandolhe do pouco que lhe pede.

Mas já cos esquadrões de gente armada,
 Os Eborenses campos vão coalhados,
 Lustra co sol o arnes, a lança, a espada,
 Vão rinchando os cavalloos jaezados:
 A canora a trombeta embandeirada,
 Os corações à paz acostumados
 Vay ás fulgentes armas incieando,
 Polas concavidades recumbando.

108.

Entre todos no meyo se sublima,
 Das insignias reaes acompanhado,
 O valeroso Affonso, que por cima
 De todos leua o colo aleuantado:
 E sòmente co gesto esforça, & anima
 A qualquer coração amedrentado,
 Assim entra nas terras de Castella,
 Com a filha gentil Raynha della.

109.

Juntos os dois Affonsos finalmente
 Nos campos de Tarifa, estão defronte
 Da grande multidão da cega gente
 Pera quem são pequenos campo, & monte:
 Não ha peito tão alto, & tão potente,
 Que de desconfiança não se affronte,
 Em quanto não conheça, & claro veja
 Que co braço dos seus Christo peleija.

110.

Estão de Agar os netos quasi vindo,
 Do poder dos Christãos fraco, & pequeno,
 As terras como suas repartindo,
 Ante mão, entre o exercito Agareno:
 Que com titulo falso possuindo
 Estão o famoso nome Sarraceno,
 Assim tambem com falsa conca, & nua,
 A q nobre terra alhea chamão sua.

Qual

Qual o membrudo, & barbaro Gigante,
 Do Rey Saul com causa tão temido,
 Vendo o pastor inerte estar diante,
 Sò de pedras, & esforço apercebido:
 Com palauras soberbas o arrogante
 Despreza o fraco moço mal vestido
 Que rodeando a funda o desengana
 Quanto mais pode a fe, que a força humana.

Dest' arte o Mouro perfido despreza
 O poder dos Christãos, & não entende
 Que està ajudado de alta fortalez
 A quem o inferno horrifico se rende:
 Co ella o Castelhana, & com destreze,
 De Marrocos o Rey comete, & offende,
 O Portugues que tudo estima em nada,
 Se faz temer ao Reyno de Granada.

Eis as lanças, & espadas recinião,
 Por cima dos arneses, brauo estrago,
 Chamão (segundo as leys que ali seguião)
 Hũs Masamede, & outros sanc' lago:
 Os feridos com grita o céo ferião,
 Fazendo de seu sangue bruto lago,
 Onde oueros meynos mortos se afogauão,
 Quando do ferro as vidas escapauão.

114.

Com esforço tamanho estrue, & mata,
 O Lusó ao Granadil, que em pouco espaço,
 Totalmente o poder lhe desbarata,
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
 De alcançar tal victoria tão barata,
 Inda não bem contente o forte braço,
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,
 Que pelejando está co Mauritano.

115.

Ja se hia o sol ardente recolhendo,
 Pera a casa de Thetis, & inclinado,
 Pera o Ponente o Hespero trazendo,
 Estava o claro dia memorado.
 Quando o poder do Mauro grande, & horrêdo
 Foy pelos fortes Reys desbaratado,
 Com tanta mortandade, que a memoria,
 Nunca no mundo vio tão grão victoria.

116.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
 Dos que morrerão neste vencimento,
 Quando as agoas co sangue do aduersario,
 Fez beber ao exercito sedento.
 Nemo Peno asperissimo contrario,
 Do Romano poder de nascimento:
 Quando tantos matou da illustre Roma,
 Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

H

Ese

OS LUSITANAS DE L. DE CA.

117.

E se tu tantas almas sò podeste

Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a sancta cidade desfizeste
Do pouo pertinaz no antigo rito:
Permissão, & vingança foy celeste,
E não força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois por I E S V certificado.

118.

Passada esta tão prospera victoria,

Tornado Affonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso existe, & digno da memoria,
Que do sepulchro os homões desenterra,
Aconteceo da miseria, & mezquinha
Que despois de ser morta foy Raynha.

119.

Tu sò, tu puro amor com força crua,

Qu' os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero amor que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga:
E porque queres aspero, & tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas

120.

Estavas linda Ines posta em sossego
 De teus annos, colhendo doce fructo,
 N' aquelle engano d' alma, ledo, & cego,
 Qu' a fortuna não deixa durar muito.
 Nos famosos campos do Mondego,
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes insinando, & às herminhas
 O nome que no peita escrito tinhas.

121.

Do teu principe alli te respondião,
 As lembranças que na alma lhe morauão,
 Que sempre ante seus olhos te trazião,
 Quando dos teus fermosos se appartauão,
 Denoite em doces sonhos, que mentião,
 De dia em pensamentos que voauão,
 E quanto em fim cuidava, & quanto vi,
 Erão tudo memorias d' alegria.

122.

D' outras bellas senhoras, & princezas,
 Os desejados thalamos engeita,
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
 Quando hum gesto suave te soggeita:
 Vendo estas namoradas estranhezas,
 O velho pay sesudo, que respeita
 O murmurar do pouo, & a phantasia
 Do filho, que casarse não queria.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

123.

Tirar Ines ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso,
 Credo cò sangue sò da morte indina,
 Matar do firme amor o fogo aceso:
 Que furor consentio que a espada fina,
 Que pude sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada,
 Contra hũa fraca dama delicada?

124.

Traziaõ a os horrificos algozes,
 Ante o Rey, ja movido a piedade:
 Mas o pouo com falsas, & ferozes
 Razões, à morte crua o persuade:
 Ella com tristes, & piadosas vozes,
 Saidas só da magoa, & saudade
 Do seu principe, & filhos que deixava,
 Que mais que a propria morte a magoava.

125.

Pera o céo cristalino alevantando,
 Com lagrimas os olhos piedosos,
 Os olhos, (porque as mãos lhe estava atando,
 Hum dos duros ministros rigurosos.)
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha, & tão mimosos,
 Cuja orfandade como mãy temia,
 Pera o auò cruel assi dizia.

126.

Se já nas brutas feras, cuja mente
 Nasura fez cruel de nascimento,
 E nas aves agrestes, que sómente
 Nas rapinas acrias tem o intento:
 Com pequenas crianças vio a gente,
 Terem tão piadoso sentimento,
 Como co a mãy de Nino ja mostrárão,
 E cos irmãos que Roma edificárão.

127.

O tu que tês de humano o gesto, & o peito
 (Se de humano he, matar hũa donzella
 Fraca, & sem força, sò por ter sogeito
 O coração, a quem soube vencella.)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tês á morte escura della,
 Mouate à piedade sua, & minha,
 Pois te não moue a culpa que não tinha.

128.

E se vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo, & ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia,
 A quem pera per della não fez erro:
 Mas se to assi mereisce esta innocencia,
 Poeme em perpetuo, & misero desterro,
 Na Scythia fria, ou là na Lybia ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

Poeme onde se vŕse toda a feridade,
 Entre Leões, & Tigres, & verey
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos nãõ achey:
 Alli co amor intrinsicco & vontade,
 N'aquelle por quem mouro, criarey
 Estas reliquias suas que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mãy triste.

Queria perdoarlhe o Rey benino,
 Mouido das palauras que o magoão:
 Mas o pertinaz pouo, & seu destino
 (Que desta sorte o quis) lhe nãõ perdoão:
 Arrancão das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feito alli apregoão,
 Contra hũa dama, ò peitos carniceiros
 Feros vos amostrais, & caualleiros?

Qual contra a linda moça Policena,
 Consolação extrema da mãy velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co ferro o duro Pyrro se aparelha:
 Mas ella os olhos com que o ar serena,
 (Bem como paciente, & mansa ouelha)
 Na misera mãy postos, que endoudece
 Ao duro sacrificio se offerrece.

132.

Tais contra Ines os brutos mactadores,
 No collo de alabastro, que sostinha
 As obras com que amor mactou de amores,
 Aquelle que despois a fez Raynha:
 As espadas banhando, & as brancas flores,
 Qu'ella dos olhos seus regadas tinha,
 S'encarnicauão feruidos, & yrosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

133.

Bem poderas, o sol, da vista destes
 Teus raios apartar aquelle dia,
 Como da seua mesa de l'ystes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia;
 Vos, ò concavos vales que podestes,
 A voz extrema ouuir da boca fria,
 O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,
 Por muito grande espaço repetistes.

134.

Assi como a bonina que cortada,
 Antes do tempo foy, candida, & bella,
 Sendo das mãos lasciuas maltrattada,
 Da minina que a tronxe na capella:
 O cheiro traz perdido, & a còr murchada:
 Tal està morta a pallida donzella,
 Seccas do rosto as rosas, & perdida
 A branca, & viva còr, co a doce vida.

OS LVSI ADAS DE L. DE C. A.

135.

As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo chorando memorarão,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformarão:
O nome lhe poserão, qu'inda dura
Dos amores de Ines que alli passarão
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agoa, & o nome amores.

136.

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Qu' em comando do reyno à governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
D'outro Pedro cruissimo os alcança,
Qu' ambos inimigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro, & injusto,
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

137.

Este castigador foy riguroso,
De latrocínios, mortes, & adulterios,
Fazer nos mãos cruezas, fero, & yroso,
Erão os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justicoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Thesen.

138.

Do justo, & duro Pedro nasce o brando
 (Uede da natureza o desconcerto)
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,
 Que todo o Reyno pos em muito aperto:
 Que vindo o Castelhana deuastando
 As terras sem defesa, esteve perto
 De destruirse o reyno totalmentẽ,
 Que hum fraco Rey faz fraca a forte gente

139.

Ou foy castigo claro do peccado
 De tirar Lianor a seu marido
 E casarse co ella d'enleuado,
 N'hum falso parecer mal entendido:
 Ou foy que o coração sogeito, & dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, & fraco, & bem parece
 Que hum baixo amor os fortes enfraquesce

140.

Do peccado teuerão sempre a pena
 Muitos, que Deos o quis, & o permittio,
 Os que forão roubar a bella Helena,
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem David santo se condena?
 Ou quem o tribu illustre destruiu
 De Benjamim? bem claro no lo insina,
 Por Sarra Pharaõ Sychem por Dinã.

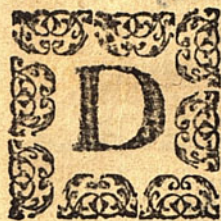
E pois se os peitos fortes enfraquece,
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Almena se parece,
 Quando em Omfale andava transformado;
 De Marco Antonio a fama se escurece,
 Com ser tanta a Cleopatra afeiçãoado:
 Tu tambem Feno prospero o semiste,
 Depois que a moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar-se por ventura,
 Dos laços que amor arma brandamente
 Entre as rosas, & a neve humana pura,
 O ouro, & o alabastro transparente?
 Quem de hũa peregrina fermosura
 D'hum vulto de Medusa propriamente
 Qu' o coração conuerte que tem preso,
 Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brande,
 Hũa suave, & angelica excellencia
 Qu' em si está sempre as almas transformando
 Que tiuesse contra ella resistencia:
 Desculpado por certo está Fernando,
 Pera quem tem de amor experiencia:
 Mas antes tendo liure a phantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

1.

Canto Quarto.



Es pois de procellosa tempestade,
 Nocturna sombra, & sibilante
 vento,
 Traz a manhã serena claridade,
 Esperança de porto, & salua-
 mento:

Aparta o sol a negra escuridade,
 Removendo o temor ao pensamento:
 Assim no Reyno forte aconteceu,
 Despois que o Rey Fernando falleceo.

2.

Porque se muito os nossos desejarão,
 Quem os danos, & offensas vá vingando,
 N'aquelles que tambem se aproneitãrão,
 Do descuido remisso de Fernando.
 Despois de pouco tempo alcançãrão,
 Ioanne sempre illustre alleuancando
 Por Rey, como de Pedro vnico herdeiro
 (Ainda que bastardo) verdadeiro.

OS LVSIADAS DE L. DE C. A.

^{3.}
Ser isto ordenação dos céos diuina
Por sinais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz d'ũa minina,
Anse tempo falando o nomeou:
E como cousa em fim que o cêo destina,
No berço o corpo, & a voz alleuancou,
Portugal, Portugal, alcançando a mão
Disse, pello Rey nouo Dom Iôão.

^{4.}
Alteradas então do reyno as gentes,
Co odio que occupado os peitos tinha
Absolutas cruzas, & euidentes
Faz do pouo o furor por onde vinha:
Marrando vão amigos, & parentes,
Do adultero Conde, & da Raynha,
Com quem sua incontinnencia deshonestã
Mais despois de viuua, manifesta.

^{5.}
Mas elle em fim com causa deshorrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitas na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima, & corre,
Quem como Astiana precipitado
(Sem lhe valerem ordês) de alta torre
A quem ordês, nem aras, nem respeito,
Quem nũ por ruas, & em pedaços feito.

6.

Podemse pôr em longo esquecimento,
 As cruezas mortais que Roma vio,
 Feitas do feroz Mario, & do cruento
 Sylva, quando o contrario lhe fogio:
 Por isso Lianor, que o sentimento
 Do morto Conde ao mundo descobrio,
 Faz contra Lusitania vir Castella,
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

7.

Beatriz era a filha, que casada
 Co Castelhana está, que o Reyno pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede.
 Com esta voz Castella alevantada,
 Dizendo que esta filha ao pay succede:
 Suas forças ajunta pera as guerras
 De varias regiões, & varias terras.

8.

Vem de toda a provincia que de hum Brigo,
 (Se foy) ja teve o nome derivado
 Das terras que Fernando, & que Rodrigo
 Canharão do tyrano, & Mauro estado,
 Não estimão das armas o perigo,
 Os que cortando vão co duro arado
 Os campos Lioneses, cuja gente,
 Cos Mauros foy nas armas excellent

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

9.

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntarão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as agoas lauão.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tirios habitauão:
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

10.

Tambem vem là do Reyno de Toledo
Cidade nobre, & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suaue, & ledo,
Que das serras de Conca vem manando:
A vos oueros tambem não tolheo medo,
O sordidos Gallegos, duro brando,
Que pera resistirdes, vos armastes,
àquelles, cujos golpes já prouastes.

11.

Tambem mouem da guerra as negras furias,
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, & que as injurias
Muito mal dos estranhos compadesce:
A terra de Guipuscua, & das Asturias
Que com minas de ferro s'ennobresce,
Armou d'elle, os soberbos mactadores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

12.

Ioane, da quem do peito o esforço cresce,
 Como a Sansão Hebreo da guezelha,
 Posto que tudo pouco lhe parece
 Cos poucos de seu Reyno se aparelha,
 E não porque conselho lhe falece,
 Cos principaes senhores se aconselha:
 Mas só por ver das gentes as sentenças,
 Que sempre ouue entre muitos differenças.

13.

Não falta com razões quem desconcerte,
 Da opinião de todos, na vontade,
 Em quem o esforço antigo se conuerte,
 Em desusada, e má deslealdade.
 Podendo o temor mais, gelado, inerte
 Que a propria, e natural fidelidade,
 Negão o Rey, e a patria, e se conuem
 Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

14.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
 No forte Dom Nuno Alueres; mas antes
 Posto que em seus irn.ãos tão claro o visses,
 Reprouando as vontades inconstantes:
 A aquellas duuidosas gentes disse,
 Com palauras mais duras que elegantes,
 A mão na espada irado, e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

Como

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

15.

Como, da gente illustre Portuguesa,
Ha de auer quem refuse o patria Marte?
Como, desta prouincia que princesa
Foy das gentes na guerra em toda parte.
Ha de sair quem negue ter defesa,
Quem negue a fe, o amor, o esforço, & arte
De Portugues, & por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver soggeito?

16.

Como, não sois vos inda os descendentes
Daquelles, que de baixo da bandeira,
Do grande Henriquez, feros, & valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Poserão em fugida, de maneira,
Que sette illustres Condes lhe trouxerão
Presos, afora a presa que tuerão?

17.

Com quem forão cantino sopeados
Estes de quem o estais agora vos,
Por Dinis, & seu filho, sublimados
Senão cos vossos fortes pais, & auôs?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,
Torne vos vossas forças o Rey nouo,
Se he certo que co Rey se muda o pouo.

18.

Rey tendes tal, que se o valor teuerdes
 Igual ao Rey que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,
 Quanto mais a quem já desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não mouerdes,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atay as mãos a vosso vão receyo,
 Que eu sò resistirey ao jugo alheo.

19.

Eu sò com meus vassallos, & com esta;
 (E dizendo isto arranca mea espada)
 Defenderey da força dura, & infesta
 A terra nunca d'outrém sojugada.
 Em virtude do Rey, da patria mesta,
 Da lealdade já por vos negada,
 Vencerey (não sò estes aduersarios):
 Mas quantos a meu Rey forem contrarios.

20.

Bem como entre os mancebos recolhidos,
 Em Camisio, reliquias sòs de Canas,
 Lá pera se entregar quasi mouidos
 â fortuna das forças Affricanas:
 Cornelio moço os faz, que compelidos
 De sua espada jurem, que as Romanas
 Armas, não deixarão em quanto a vida
 Os não deixar, ou nellas for perdida.

1

Destarte

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

21.

Destarte a gente força, & esfoça Nuno,
Que com lhe ouir as vltimas razões
Remouem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animais caualgão de Neptuno,
Brandindo, & volteando arremessões,
Vão correndo, & gritando a boca aberta,
Viua o famoso Rey que nos liberta.

22.

D. s gences populares, hũs approuão
A guerra com que a patria se sostinha,
Hũs as armas alimpão, & renouão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capateres est fãio, peitos prouão,
Arma-se cada hum como conuinha,
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com letras, & tenções de seus amores.

23.

Com toda esta lustrosa companhia,
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes.
Os primeiros armigeros regia
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conto,
Com que passaua Xerxes o Helespono.

24.

Dom Nuno Aluerez digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos Castelhanos,
 Como ja o fero Huno o foy primeiro
 Pera Franceses, pera Italianos,
 Outro tambem famoso cavalleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto pera mandalos, & regellos,
 Men Rodriguez se diz de Vasconcellos.

25.

E da outra ala que a esta corresponde,
 Antão Vazquez de Aalmada he Capitão,
 Que despois foy de Abranches nobre Conde,
 Das gentes vay regendo a seftra mão.
 Logo na retaguarda não se esconde,
 Das quinas, & castellos o pendão,
 Com Ioanne Rey forte em toda parte,
 Que escurecendo o preco vay de Marte.

26.

Estauão pelos muros temerosas,
 E d'hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mais, irmãs, damas, & esposas,
 Promettendo jejũs, & romarias:
 Ia chegãõ as esquadras bellicofas,
 De fronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duvida coincebem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

27.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, & atambores,
Alfercezes volteão as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores:
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lauradores,
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,
Bacho das vuas tira o doce mosto.

28.

Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouuiu o monte Artabro, & Guadiana,
Atras tornou as ondas de medroso:
Ouuiu o Douro, & a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duuidoso:
E as mãys que o som terribel escuitárão,
Aos peitões os filhinhos apertárão.

29.

Quantos rostos alli se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
He mayor muitas vezes que o perigo.
E se o não he, pareceo, que o furor
D'offender, ou vencer o duro immigo,
Faz não sentir, que he perda grande, & rara
Dos membros corporais da vida cara.

Começase

30.

Começase a trauar a incerta guerra,
 De ambas partes se moue a primeira ala,
 Hum leua a defensão da propria terra,
 Outros as esperanças de ganhala:
 Logo o grande Pereira em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se assinala,
 Derriba, & encontra, & a terra em fim semea,
 Dos que a tanto desejão, sendo alhea.

31

Na pelo espesso ar, os estridentes
 Farpões, setas, & varios tiros vão,
 Debaixo dos pés duros dos ardentes
 Cavallos, creme a terra, os vales soão:
 Espedaçãose as lanças, & as frequentes
 Quedas, co as duras armas tudo atroão:
 Recrecem os inimigos sobre a pouca
 Gente, do fero Nuno, que os apouca.

32.

Eis ali seus irmãos contra elle vão,
 (Caso feo, & cruel:) mas não se espanta,
 Que menos he querer matar o irmão,
 Quem contra o Rey, & a patria se aleuanta:
 Destes arrenegados muitos são,
 No primeiro esquadrão, que se adianta,
 Contra irmãos, & parentes (caso estranho)
 Quaes nas guerras ciuis de Iulio Magno.

OS LVSIADAS DE L. DE C. A.

33.

O tu Sertorio, o nobre Coriolano
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se là no Reyno escuro de Sumano
Receberdes grauisimos castigos
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algũs arredores ouue algũas vezes.

34.

Rompemse aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Està ali Nuno, qual pellos outeiros
De Ceita està o fortissimo Lião,
Que cercado se vê dos caualleiros
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguemno com as lanças, & elle iroso
Tornado hum pouco estã, mas não medroso.

35.

Com torua vista os vê, mas a natura
Ferina, & a yra não lhe compadecem
Que as costas dê, mas na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal està o caualeiro que a verdura
Tinge de sangue alheyo, ali perecem
Algũs dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

36.

Sentio loane a affronta que passaua,
 Nuno, que como sabio capitio,
 Tudo corria, & via, & a todos daua
 Com presenca, & palauras coraçãõ:
 Qual parida Lioa fera, & braua
 Que os filhos que no ninho sòs estãõ
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscarã,
 O pastor de Castilia lhos furcava.

37.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos
 Os montes sette irmãos atroa, & abala,
 Tal loane com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode á primeira ala,
 O fortes companheiros, ò subidos
 Cavalleyros, a quem nenhum se ygoala,
 Defendey vossas terras, que a esperança
 Da liberdade, está na vossa lança.

38.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro
 Que entre as lanças, & seccas, & os arneses
 Dos inimigos corro, & vou primeiro
 Pelejay verdadeyros Portugueses.
 Isto disse o magnanimo guerreyro
 E sopesando a lança quatro vezes,
 Com força tira, & deste vnico tiro
 Mucos lançarão o vltimo suspiro.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

39.

Porque eis os seus acesos nouamente
 D'hũa nobre vergonha, & honroso fogo
 Sobre qual mais com animo valente,
 Perigos vencerà, do Marcio jogo:
 Porfião: tinge o ferro o sangue ardente
 Rompem malhas primeiro, & peitos logo;
 Assim recebem junto, & dão feridas
 Como a quem ja não doe perder as vidas.

40.

A muytos mandão ver o Scygio lago
 Em cujo corpo a morte, & o ferro entrava
 O mestre morre alli de sancto lago
 Que fortissimamente peleijava:
 Morre tambem, fazendo grande estrago
 Outro mestre cruel de Calatraua,
 E os ingratos Pereiras, que poderão
 Armar-se contra a terra, onde nascerão.]

41.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, & tambem dos nobres ao profundo
 Onde o trifauce Cão perpetua fome
 Tem, das almas que passão deste mundo:
 E porque mais aqui se amanse, & dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foy derribada aos pés da Lusitana.

Aqui

CANTO QUARTO.

72

42.

Aqui a fera batalha se encruvesce
 Com mortes, gritos, sangue, & cutiladas
 A multidão da gente que perece
 Tem as flores da propria cor mudadas:
 Já as costas dão, & as vidas: já falece
 O furor, & sobejão as lançadas,
 Já de Castella o Rey desbaratado
 Se vé, & de seu proposito mudado.

43.

O campo vay deixando ao vencedor
 Contente de lhe não deixar a vida,
 Seguemno os que ficarão, & o temor,
 Lhe dá não pès, mas asas à fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da deshonra, & triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

44.

Algũs vão maldizendo, & blasfemando
 Do primeyro que guerra fez no mundo
 Outros a sede dura vão culpando
 Do peito cubiçoso, & sitibundo:
 Que por tomar o alheo, o miserando
 Pouo aventura às penas do profundo
 Deixando tantas mais, tantas esposas
 Sem filhos, sem maridos desditosas.

O ven-

OS LVSIAD AS DE L. DE C. A.

45.

O vencedor Ioanne esteve os dias

Costumados no campo, em grande gloria

Com offertas depois, & romarias

As graças deu a quem lhe deu victoria:

Mas Numa que não quer por outras vias,

Entre as gentes deixar de si memoria,

Senão por armas sempre soberanas

Pera as terras se passa Transfaganas.

46.

Ajudao seu destino de maneira

Que fez igoal o effeito ao pensamento,

Porque a terra dos Vandalos fronteira

Lhe concede o despojo, & o vencimento:

Iá de Seuilha a Betica bandeira,

E de varios senhores n'hum momento

Se lhe derriba aos pés sem ter defesa

Obriguados da força Portuguesa.

47.

Destas, & outras victorias longamente

Erão os Castelhanos opprimidos

Quando a paz desejada já da gente

Derão os vencedores aos vencidos:

Depois que quis o Padre Omnipotente

Dar os Reys inimigos por maridos,

às duas illustrissimas Inglesas

Gentis fermosas, inclytas princezas.

Não

48.

Não sofre o peito forte usado á guerra
 Não ter imigo ja a quem faça dano,
 E assi não tendo a quem vencer na terra
 Vay cometter as ondas do Oceano:
 Este he o primeiro Rey que se desterra
 Da patria, por fazer que o Africano,
 Conheca pollas armas, quanto excede
 A ley de Christo â ley de Mafamede.

49.

Eis mil nadantes aues pelio argento
 Da furiosa Teis inquieta,
 Abrindo as pandas asas vão ao vento
 Pera onde Alcides pos a extrema meta;
 O monte Abila, & o nobre fundamento
 De Ceita toma, & o torpe Mahometta
 Deita fora, & segura toda Espanha
 Da Iuliana, mã, & desleal manha.

50.

Não consentio a morte tantos annos
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse,
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do ceo supremo, quis que pouoasse;
 Mas pera defensão dos Lusitanos
 Deixou quem o leuou, quem governasse,
 E augmentasse a terra mais que dantes,
 Inclita geração altos Infantes.

Nã

Não foy do Rey Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na suma alteza,
 Que assi vay alternando o tempo iroso
 O bem co mal, o gosto co a tristeza:
 Quem vio sem hum estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
 Pois inda neste Reyno, & neste Rey
 Não vson ella tanto desta ley.

Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando
 Que a tão altas empresas aspirava
 Que por salvar o pouo miserando
 Cercado, ao Sarraceno sentregava:
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita
 Mais o publico bem, que o seu respeito.

Codro, porque o inimigo não venceffe,
 Deixou antes vencer da morte a vida,
 Regulo, porque a patria não perdesse,
 Quis mais a liberdade ver perdida:
 Este porque se Espanha não temesse
 A captiueiro eterno se conuida:
 Codro, nem Curcio, ouui do por espanto
 Nem os Decios leais fizeram tanto.

54.

Mas Affonso do Reyno vnico herdeiro,
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
 Que a soberba do barbaro fronteiro,
 Tornou em baixa, & humillima miseria,
 Fora por certo inuidto caualleiro,
 Senão quiserá yr ver a terra Iberia:
 Mas Africa dirá ser impossivel,
 Poder ninguem vencer o Rey terribel.

55.

Este pode colher as maçãs de ouro,
 Que sómenee o Terinchio colher pode,
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
 A cerviz inda agora não sacode:
 Na fronte a palma leua, & o verde louro,
 Das vittorias do barbaro, que acode
 A defender Alcacer forte villa,
 Tangere populoso, & a dura Arzillu.

* Hercules

56.

Porem ellas em fim por força entradas,
 Os muros abaixarão de Diamante,
 Às Portuguesas forças costumadas,
 A derribarem quanto achão diante,
 Marauilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dinas elegante,
 Fizerão caualleiros nesta empresa
 Mais affanando a fama Portuguesu.

Porem

57.

Porém depois tocado d'ambição,
 E gloria de mandar amara, & bella,
 Vay cometer Fernando de Aragão,
 Sobre o potente reyno de Castella,
 Ajuntase a inimiga multidão,
 Das soberbas, & varias gentes della,
 Desde Caliz ao alto Perineo,
 Que tudo ao Rey Fernando obedecco.

58.

Não quis ficar nos Reinos occioso,
 O mancebo Ioanne, & logo ordena
 De ir ajudar o pay ambicioso,
 Que então lhe foy ajuda não pequena.
 Sayose em fim do trance perigoso,
 Com fronte não tornada, mas serena
 Desbaratado o pay sanguinolento:
 Mas ficou duvidoso o vencimento.

59.

Porque o filho sublime, & soberano,
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contrarios fazendo immenso danno,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro.
 Desta arte foy vencido Octaviano,
 E Antonio vencedor seu companheiro,
 Quando d'aquelles que Cesar matarão
 Nos Philipicos campos se vingârão.

60.

Porem depois que a escura noite eterna,
 Affonso apousencou no cèo sereno,
 O Principe que o Reyno então governa,
 Foy Ioanne segundo, & Rey trezeno:
 Este por auer fama sempiterna,
 Mais do que tentar pode homem terreno,
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

61.

Manda seus mensageiros que passarão
 Espanha, França, Italia celebrada,
 E là no illustre porto se embarcarão,
 Onde já foy Parthenope enterrada.
 Napoles onde os fados se mostrarão,
 Fazendo a à varias gentes subjugada,
 Pola illustrar no fim de tantos annos,
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

62.

Pelo mar alto Siculo nauegão,
 Vãose às prayas de Rhodes arenosas,
 E d'alli às ribeiras altas chegão,
 Que com morte de Magno são famosas:
 Vão a Memphis, & às terras que se regão,
 Das enchentes Niloticas vndosas,
 Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
 Que de Christo lá guarda o sancto rito.

Passão

Paſſão tambem as ondas Erythreas,
 Quo pouo de Israel ſem não paſſou,
 Ficão lhe atras as ſerras Nabateas,
 Quo filho de Iſmael co nome ornou:
 As coſtas odoríferas Sabeas,
 Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,
 Cercão, com toda a Arabia descuberta
 Feliz, deixando a Petra, & a Deſerta.

Entrão no eſtreito Perſico, onde dura
 Da confuſa Babel, inda a memoria,
 Alli co Tigres, Eufrates ſe meſtura,
 Qu' as fontes onde naſcem tem por gloria:
 Dalli vão em demanda d' agoa pura,
 Que cauſa inda ſerá de larga historia
 Do Indo, pellas ondas do Oceano,
 Onde não ſe atreueo paſſar Trajano.

Virão gentes incognitas, & eſtranhas
 Da India, da Carmania, & Gedroſia,
 Vendo varios coſtumes, varias manhas
 Que cada Região produz, & cria.
 Mas de vias tão aſperas, tamanhas
 Tornar ſe facilmente não podia,
 Lá morrerão em fim, & là ficarão
 Que a deſejada patria não tornârão.

66.

Parece que guardava o claro ceo
 A Manoel, & seus merecimentos,
 Esta empresa tão ardua, que o moueo
 A subidos, & illustres mouimentos:
 (Manoel, que a Ioane succedeo
 No Reyno, & nos altiuos pensamentos)
 Logo como tomou do reyno cargo
 Tomou mais a conquista do mar largo.

67.

O qual, como do nobre pensamento
 De aquella obrigação, que lhe ficára
 De seus antepassados, (cujo intento,
 Foy sempre acrescentar a terra chara)
 Não deixasse de ser hum sò momento
 Conquistado: no tempo que a luz clara
 Foge, & as estrellas nitidas que saem
 A repouso conuidão, quando caem.

68.

Estando ja deitado no aureo leito
 Onde ymaginações mais certas são,
 Reuoluendo contino no conceito,
 De seu officio, & sangue a obrigação:
 Os olhos lhe occupou o sonno aceito
 Sem lhe desoccupar o coração,
 Porque tanto que lasso se adormesce
 Morfeo em varias formas lhe apparece.

K

Aqui

Aqui se lhe appresenta que subia
 Tão alto que tocava á prima spherã,
 Donde diante varios mundos via
 Nações de muita gente estranha, & fera:
 E lá bem junto donde nasce o dia
 Despois que os olhos longos estenderã,
 Vio d'antiguos longinquos & altos montes
 Nascerem duas claras & altas fontes.

Aves agrestes, feras, & alimarias
 Pello monte seluatico habitauão,
 Mil arvores syluestres, & heruas varias
 O pasto, & o tratto às gentes atalhanão:
 Estas d'oras montanhas aduersarias
 De mais conuersação, por si mostrauão
 Que desque Adão peccou aos nossos annos
 Não as romperão nunca pés humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião
 Por elle os largos passos inclinando,
 Dous homẽs, que muy velhos parescião
 De aspeito, inda que agreste, venerando:
 Das pontas dos cabelos lhe saião
 Cottas, que o corpo todo vão banhando,
 A cor da pelle baça, & denegrida
 A barba hirsuta, inconsta, mas comprida.

rio Gangu, &
 Nilo.

72.

D'ambos de dous a fronte coroadã
 Ramos não conhescidos & heruas tinhã,
 Hum delles a presença traz cansada
 Como quem de mais longe alli caminha,
 E así a agoa com impito alterada
 Parecia que d'outra parte vinha,
 Bem como * Alfeo de Arcadia em Syracusa
 Vay buscar os abraços de Arethusa.

* Rio

73.

*
 Este que era o mais grãve na pessoa
 Dest'arte pera o Rey de longe brada:
 O tu à cujos Reynos & coroa
 Grande parte do mundo está guardada:
 Nos outros, cuja fama tanto voa
 Cuja cerviz bem nunca foy domada,
 Te ausamos que he tempo que ja mandes
 A receber de nos tributos grandes.

* Ganges

74.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,
 Est'outro he o Indo Rey que nesta serra
 Que vês, seu nacimiento tem primeiro:
 Custart'emos com tudo dura guerra,
 Mas insistindo tu por derradeiro,
 Com não vistas victorias, sem recco
 A quantas gentes vês por à o freo.

Não disse mais o rio illustre, & santo,
 Mas ambos desaparecem n'hum momento,
 Acorda Emanuel cum nouo espanto
 E grande alteração de pensamento:
 Estendeo nisto Phebo o claro manto
 Pello escuro Hemispherio somnolento:
 Veyo a menhã no ceo pintando as côres
 De pudibunda rosa, & roxas flores.

Chama o Rey os senhores a conselho
 E propõe-lhe as figuras da visão,
 As palavras lhe diz do santo velho,
 Que a todos forão grande admiração:
 Determinão o nautico apparelho
 Pera que com sublime coraçãõ
 Vã gente que mandar cortando os mares
 A buscar nonos climas, nonos ares.

Gama.
 Eu* que bem mal cuidava que em effeito
 Se possesse o que o peito me pedia,
 Que sempre grandes cousas a este geito
 Presago o coraçãõ me promettia.
 Não sei porque rezãõ, porque respeito,
 Ou porque bom sinal que em mi se via,
 Me põe o inclito Rey nas mãos a chauce
 Deste comettimento grande, & graue.

E com rogo, & palavras amorosas
 Que he hum mado nos Reys que a mais obrigã,
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas
 S' alcanção com trabalho, & com fadiga;
 Faz as pessoas altas & famosas
 A vida que se perde, & que perigã
 Que quando ao medo infame não se rende
 Então, se menos dura, mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Pera hũa empresa qual a vos se deue,
 Trabalho illustre, duro, & esclarecido,
 O que eu sey que por mi vos serà leue:
 Não sofri mais, mas logo: O Rey subido
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neve,
 He tão pouco por vos, que mais me pena
 Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginai tamanhas auenturas
 Quaes Euristeo a Alcides inuentaaua,
 Olião Cleonéo, Harpias duras
 O porco de Erimanto, a Tydra braua:
 Decer em fim às sombras vãs, & escuras
 Onde os campos de Dice a Stryge lava,
 Porque a mayor perigo, a mor affronta
 Por vos, Rey, o sprito, & carne he prompta.

Com merces sumptuosas me agardesce
 E com razões me louua esta vontade,
 (Que a virtude louuada viue, & cresce.)
 E o louvor altos casos persuade:
 A acompanhar me logo se offrece
 Obrigado damor, & damizade,
 Não menos cobicoso de honra, & fama,
 O charo meu irmão Paulo da Cama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho
 De trabalhos muy grande sofedor,
 Ambos são de valia, & de conselho
 Dexperiencia em armas, & furor:
 Já de manceba gente me aparelho
 Em que crece o desejo do valor,
 Todos de grande esforço, & assi parecem
 Quem a tamanhas cousas se offeresce.

Forão de Emanoel remunerados,
 Porque com mais amor se apercebessem
 E com palauras altas animados
 Pera quantos trabalhos succedessem,
 Assi forão o ^{*}Alynias ajuntados
 Pera que o véo dourado combatessem,
 Na facidica não, que ouzou primeyra
 Tentar o mar Euxino, aventureyra.

84.

E já no porto da inclyta Uliſſea
 C'hum aluoraço nobre, & c'hum deſejo,
 Onde o licor meſtura, & branca area
 Coſalgado Neptuno o doce Tejo:
 As naos preſtes eſtão, & não refreza
 Temor nenhum o juvenil deſejo,
 Porque a gente maritima, & a de Marte
 Eſtão pera ſeguirme a toda parte.

85.

Pellas prayaſ veſtidos os ſoldados
 De varias cores vem, & varias artes,
 E não menos de eſforço aparelhados
 Pera buscar do mundo novas partes:
 Nas fortes naos os ventos ſoſsegados
 Ondeão os acrios eſtandartes,
 Ellas promettẽ vendendo os mares largos
 De ſer no Olimpo eſtrellas como a de Argos.

86.

Deſpois de aparelhados deſta forte
 De quanto tal viagem pede, & manda,
 Aparelhamos a alma pera a morte,
 (Que ſempre aos nautas ante os olhos anda)
 Pera o ſumo poder que a etherea corte
 Suſtenta ſò coa viſta veneranda,
 Imploramos fauor que nos guiaffe
 E que noſſos começos aſpiraffe.

Partiamonos assi do sancto templo

Betlem

Que nas prayas do mar està assentado,
 Que o nome tem da terra, pera exemplo
 Donde Deos foy em carne ao mundo dado:
 Certificote, o Rey que se contemplo
 Como fuy destas prayas apartado,
 Cheo dentro de duuida, & receo
 Qu'a penas nos meus olhos ponho o freeo.

A gente da cidade aquelle dia

(Hũs por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver sòmente) concorria
 Saudosos na vista, & descontentes:
 Enos co a virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes,
 Em procissão solenne a Deos orando
 Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho, & duuidoso

Por perdidos as gentes nos julgauão,
 As molheres cum choro piadoso,
 Os homẽs com sospiros que arrancauão:
 Mais esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconfia, acrecentauão
 A desesperaçãõ, & frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

90.

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha
 Só pera refrigerio, & doce emparo
 Desta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabar á penoso, & amaro:
 Porque me deyxas, misera, & mezquinha?
 Por que de mi te vas, ó filho charo
 Afazer o funereo enterramento
 Onde sejas de peyxes mantimento?

91.

Qual em cabello: O doce, & amado effoso
 Sem quem não quis amor que viver possa;
 Porque is auenturar ao mar yroso
 Essa vida que he minha, & não he vossa?
 Como por hum caminho duuidoso
 Vos esquece a afeyção tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento
 Quereis que com as velas leue o vento.

92.

Nestas, & outras palauras que dezião
 D' amor, & de piadosa humanidade,
 Os velhos, & os mininos os seguião
 Em quem menos esforço poem a idade:
 Os montes de mais perto respondião
 Quasi mouidos d' alta piedade,
 A branca areia as lagrimas banha uão
 Que em multidão co ellas se iguala uão.

Nos outros sem a vista alevantarmos
 Nem a mãy, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado:
 Determiney de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado,
 Que posto que he de amor vsança boa
 (A quem se aparta, ou fica mais magoa.)

Mas hum velho daspeyto venerando,
 Que ficaua nas prayas, entre a gente,
 Postos em nos os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente:
 A voz pesada hum pouco alevantando,
 Que nos no mar ouuimos claramente,
 Cum saber sò de experiencias feyto
 Tais palauras tirou do experto peyto.

O gloria de mandar, o vaa cubicz
 Desta vaidade a quem chamamos fama,
 O fraudolento gosto, que se aticaz
 Cua aura popular, que honra se chama:
 Que castigo tamanho & que justiça
 Fazes no peyto vão que muyto te ama,
 Que mortes, que perigos, que tormentas
 Que crueldades n'elles esprimentas?

96.

Dura inquietação d'al na, & da vida
 Fonte de desemparos, & adulterios;
 Sagaz consumidora conhescida
 Defazendas, de reynos, & de imperios:
 Chamãote illustre, chamãote subida,
 Sendo digna de infames vituperios,
 Chamãote fama, & gloria soberana,
 Nomes com quem se o povo nescio engana.

97.

A que novos desastres determinas
 De leuar estes reynos, & esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas
 Debayxo dalgum nome preminente?
 Que promessas de reynos, & de minas
 D'ouro que lhe faràs tão facilmente?
 Que famas lhe prometteràs, que historias?
 Que triumphos, que palmas, que victorias?

98.

Mas ò eu geração daquelle insano
 Cujõ peccado, & desobediencia,
 Não sòmente do reyno soberano
 Te pos neste desterro, & criste ausencia:
 Mas inda d'outro estado mais que humana
 Da quieta, & da simples innocencia,
 Idade d'ouro, tanto te priuou
 Quem na de ferro, & d'armas te deytou.

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enleuas a leue phantasia,
 Já que à bruta cruza, & feridade
 Possesste nome, esforço, & valencia,
 Já que prezus em tanta cantidade
 O desprezo da vida, que deuia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeo tanto per della quem a dà.

Não tens junto contigo o Ismaelita
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não segue elle do Arakio a ley maldita,
 Se tu polla de Christo sò pelejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras, & riqueza mais desejas?
 Não he elle por armas esforçado
 Se queres por victorias ser louvado?

Deyxas criar às portas o inimigo
 Por yres buscar outro de tão longe,
 Por quem se despoou o reyno antigo
 Se enfraquesça, & se vâ deitando a longe:
 Buscas o incerto, & incognito perigo
 Porque a fama te exalte, & te lisonge,
 Chamandote senhor com larga copia
 Da India, Persia, Arabia, & de Echiopia.

102.

O maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas vella pôs em seco lenho,
 Dino da eterna pena do profundo
 Se he justa a justa ley que figo, & tenho:
 Nunca juyzo algum alto, & profundo,
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
 Te dè por isso fama, nem memoria,
 Mas contigo se acabe o nome, & gloria:



103.

Trouxe o filho de lapeto do ceo
 O figo que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o mundo em armas acendeo
 Em mortes, em deshonoras (grande engano)
 Quanto melhor nos fora Prometeo,
 E quanto pera o mundo menos danno,
 Que a tua estatua illustre não teuera
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

* Prometeo.

* Sua mulher de
 fin. q. se.

104.

Não cometera o moço miserando
 O carro alto do pay, nem o ar vazio
 O grande Architector co' filho, dando
 Hum nome ao mar, & o outro fama ao rio:
 Nenhum cometimento alto, & nefando
 Por fogo, ferro, agoa, calma, & frio,
 Deixa intentado a humana geração:
 Misera sorte, estranha condição.

* Reactione.

* Debaldo
 * Icaro

FIN.

Canto quinto.



1.



ESTAS Sentenças tais o velho
 honrado
 Veciferando estava, quando abrimos
 As asas ao sereno, & sossegado
 Vento, & do porto amado nos par-
 timos:

E como he já no mar costume usado
 A vela desfraldando o ceo ferimos,
 Dizendo boa viagem, logo o vento
 Nos troncos fez o usado movimento.

2.

Entrava neste tempo o eterno lume,
 No animal Nemeo eraculento,
 E o mundo que com tempo se consume
 Na sexta idade andava enfermo, & lento,
 Nella vè, como tinha por costume
 Cursos do sol catorze vezes cento,
 Com mais noventa & sette, em que corria
 Quando no mar a armada se estendia.

o Sol.
 No amigo
 Leo

3.

Já a vista pouco & pouco se desterra
 D'aquelles patrios montes que ficauão,
 Ficaua o claro Tejo, & a fresca serra
 De Cynthra, & nella os olhos se allongauão;
 Ficauanos tambem na amada terra
 O coração, que as magoas là deyxauão,
 E já deffois que toda se escondo
 Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Virg. Aeneid. l. v.
8.

4.

Assi fomos abrindo aquelles mares
 Que geração alguma não abrio,
 As nouas ilhas vendo, & os novos ares,
 Que o generoso Henrique descobrio:
 De Mauritania os montes, & lugares
 Terra que Anteo n'hum tempo possuyo,
 Deyxando à mão esquerda, que à direita
 Não ha certeza doutra, mas sospeita.

5.

Passamos a grande ilha da Madeira
 Que do muito arvoredo assi se chama,
 Das que nós pousoamos, a primeira,
 Mais celebre por nome, que por fama:
 Mas nem por ser do mundo a derradeira
 Se lhe auentajão quantas Venus ama,
 Antes sendo esta sua se esquecerá
 De Cypro, Gnido, Paphos, & Cychera.

Deixa

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

6.

Deixamos de Massilia a steril costa
Onde seu gado os Azenegues pastão,
Gente qu'as frescas agoas nunca gosta
Nem as heruas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fructo em fim disposta,
Onde as aues no ventre offerrogastão,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

7.

Passamos o limite a onde chega
O sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os pouos, a quem nega
O filho de Climéne a cor do dia:
Aqui gentes estranhas lava, & rega
Do negro Sanagà a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde
Chamandose dos nossos Cabo Verde.

8.

Passadas tendo já as Canareas ilhas
Que teuerão por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas fihas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas.
Terras por onde nouas maravilhas
Andarão vendo já nossas armadas,
Alli tomamos porto com bom vento
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquel-

x
Cítia.

Placome.

9.

A aquella ilha aportamos, que tomou
 O nome do guerreiro Sant^e Iago,
 Santo que os Hespanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:
 Daqui tanto que Boreas nos ventou
 Tornamos a cortar o immenso lago,
 Do salgado Oceano, & assi deixamos
 A terra onde o refresco doce achamos.

10.

Por aqui rodeando a larga parte
 D^e Africa, que ficava ao Oriente,
 A provincia Ialoso, que reparte
 Por diuersas nações a negra gente:
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,
 Logramos o metal rico & luzente,
 Que do curuo Gambea as agoas bebe
 As quaes o largo Atlantico recebe.

11.

As Dorcadas passamos, pouoadas
 Das ir mãs, que outro tempo alli viuão,
 Que de vista total sendo priuadas
 Todas tres d^e hum sò olho se seruião:
 Tu sò, tu cujas tranças encrepadas
 Neptuno là nas agoas acendião,
 Tornada já de todas a mau fea
 De binoras encheste a ardente area.

*
 Gafaria irma
 La Médica

* Médica

L

Sempre

OS LIVSI ADAS DE L. DE C. A.

12.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa
 No grandissimo golfão nos mettemos,
 Deixando a serra asperrima Lyoa
 Co Cabo a quem das Palmas nome demos,
 O grande rio, onde battendo soa
 O mar nas prayas notas, que alli temos,
 Ficou, co a ilha illustre que tomou
 O nome d'hum que o lado a Deos tocou.

com nome

13.

Alli o muy grande Reyno está de Congo
 Por nós já conuertido á Fe de Christo,
 Por onde o Zayre passa claro, & longo
 Rio pellos antigos nunca visto:
 Por este largo mar em fim me alongo
 Do conhecido Polo de Calysto,
 Tendo o termino ardente já passado
 Onde o meyo do mundo he limitado.

Nos

14.

Já descoberto tinhamos diante
 Lá no nouo Hemispherio noua estrella;
 Não vista d'outra gente, que ignorant
 Algus tempos estene incerta della:
 Vimos a parte menos rutilante
 E por falta d'estrellas menos bella,
 Do polo fixo, onde tinha se não job
 Qu'outra terra comece, ou mar acabe.

A 3a

15.

Assi passando aquellas regiões
 Por onde duas vezes passa Apolo,
 Dous inuernos fazendo, & dous verões
 Em quanto corre d'hum ao outro Polo:
 Por calmas, por tormentas, & oppressões
 Que sempre faz na mar o irado Eolo,
 Vimos as Ursas a pesar de Iuno
 Banharemse nas agoas de Neptuno.

16.

Contarte longamente as perigosas
 Cousas do mar, que os homẽs não entendem,
 Subitas trouoadas temerosas,
 Relampagos que o ar em fogo acendem:
 Negros chuveiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trouões que o mundo fendem,
 Não menos he trabalho, que grande erro
 Ainda que tiuesse a voz de ferro.

17.

Os casos vi que os rudos marinheiros
 Que tem por mestra a longa experiencia,
 Contão por certos sempre, & verdadeiros
 Julgando as causas sò polla apparencia:
 E que os que tem juyzos mais inteiros
 Que sò por puro engenho, & por sciencia,
 Vem do mundo os segredos escondidos
 Julgão por falsos, ou mal entendidos.

* Virg. Aeneid. li.
 vi. vers.

Vi claramente visto o lume viuo
 Que a maritima gente tem por santo,
 Em tempo de tormenta, & vento esquiuo
 De tempestade escura, & triste pranto:
 Não menos foy a todos excessiuo
 Milagre, & cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuuës do mar com largo cano
 Soruer as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente (& não presumo
 Que a vista me enganaua) levantar se,
 No ar hum vaporzinho & sutil fumo
 E do vento trazido, rodearse:
 De aqui leuado hum cano ao polo sumo
 Se via, tão delgado que enxergarse
 Dos olhos facilmente não podia,
 Da materia das nuuës parescia.

Hia se pouco & pouco acrescentando
 E mais que hum largo masto se engrossaua,
 A qui se estreita, a qui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agoa em si chupaua:
 Estauase co as ondas ondeando,
 Encima delle hũa nuuem se espessaua,
 Fazendose mayor mais carregada
 Co cargo grande d'agoa em si tomada.

21.

Qual roxa sangue suga se veria
 Nos beiços da alimaria que imprudente,
 Bebendo a recolheo na fonte fria,
 Fartar co sangue alheo a sede ardente:
 Chupando mais & mais se engrossa, & cria,
 Alli se enche, & se alarga grandemente,
 Tal a grande columna, enchendo aumenta
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

22.

Mas depois que de todo se fartou
 O pe que tem no mar a si recolhe,
 E pello céo chouendo em fim voou
 Porque coa agoa â jacente agoa molhe:
 às ondas torna as ondas que tomou:
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
 Vejão agora os sabios na scrittura
 Que segredos são estes de natura.

23.

S'os antigos Philosophos, que andarão
 Tantas terras, por ver segredos dellas,
 As maravilhas que eu passei, passarão
 A tão diuersos ventos dando as vellas:
 Que grandes scritturas que deixarão
 Que influença de sinos, & de estrellas,
 Que estranhezas, que grandes calidades,
 E tudo sem mentir, puras verdades.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

24.
Mas já ó planta que no céu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrara em quãto o mar cortava a armada,
Quando da etherea gauea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra, brada,
Salta no bordo aluoroçada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

25.
A maneira de nuões se começã
A descubrir os montes que enxergamos,
As anchoras pesadas se adereção,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas se conheçã
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo nouo instrumento do astrolabio
Inuencão de sutil juizo, e sabio.

26.
Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas deseiosa
Da terra quo outro pouo não pisou:
Porem eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou
Me detenho em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

29.

Achamos ter de todo já passado
 Do Semicaproxpe à grande meta,
 Estando entre elle, & o circulo gelado
 Austral, parte do mundo mais secreta;
 Eis de meus companheiros rodeado
 Vejo hum estranho vir de pelle preta,
 Que tomarão per força, em quanto apanha
 De mel os doces fauos na montanha.

28.

Toruado vem na vista, como aquelle
 Que não se vira nunca em tal extremo,
 Nem elle entende a nos, nem nos a elle;
 Seluagem mais que o bruto Poliphemo;
 Começolhe a mostrar da rica pelle
 De Colcos o gentil metal supremo,
 A prata fina, a quente especiaria:
 A nada disto o bruto se mouia.

29.

Mando mostrarlhe peças mais somenos
 Contas de christalino transparentes;
 Algũs soantes cascaueis pequenos,
 Hum barrete vermelho, cór contentes;
 Vi logo por sinais, & por acenos
 Que com isto se alegra grandemente,
 Mando o soltar com tudo, & assi caminha
 Pera a pouoação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia seus parceiros
 Todos n'us, & da cõr da escura treua,
 Decendo pellos asperos outeiros
 As peças vem buscar que estouro leua:
 Domesticos já tanto, & companheiros
 Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
 Fernão Velloso a yr ver da terra o trato
 E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado
 E d'arrogante cré que vay seguro,
 Mas, sendo c'hum grande espaço ja passado,
 Em que algum bom sinal saber procuro.
 Estando a vista alcada, co cuidado
 No aventureyro, eis pello monte duro
 Apparece, & segundo ao mar caminha
 Mais apressado do que fora, vinha.

O batel de Coelho foy depressa
 Pello tomar, mas antes que chegasse,
 Hum Echiopse ou se arremessa
 A elle, porque não se lhe escapasse:
 Outro, & outro lhe saem: vesse em pressa
 Velloso sem que alguem lhe alli ajudasse,
 Acido eu logo, & em quanto o remo aperto
 Se mostra hum banto negro descuberto.

33.

De espessa nuvem sêttas, & pedradas
 Chouem sobre nos outros sem medida,
 E não forão ao vento em vão deitadas
 Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
 Mas nos como pessoas magoadas
 A resposta lhe demos tão tecida,
 Que em mais que nos barretes se sospeita
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

34.

E sendo já Velloso em saluamento
 Logo nos recolhemos pera a armada,
 Vendo a malicia fea, & rudo intento
 Da gente bestial, bruta, & maluada:
 De quem nenhum melhor conhecimento
 Podemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muito longe della
 E assi torney a dar ao vento a vella.

35.

Dise então a Velloso hum companheiro
 (Começando se todos a sorrir)
 Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
 He melhor de decer que de subir:
 Si he, responde o ousado aventureiro
 Mas quando eu pera cá vi tantos vir,
 Daquelles cães, depressa hum pouco vim
 Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

Contou então que tanto que passarão
 Aquelle monte, os negros de quem fallo,
 Auante mais passar o não deixarão,
 Querendo, senão torna, alli matallo:
 E tornandose, logo se emboscarão,
 Por que saindo nos pera tomallo,
 Nos podessem mandar ao reyno escuro
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco soes erão passados
 Que dalli nos partiramos, cortando
 Os mares nunca d'outrém navegados,
 Prosperamente os ventos assoprando:
 Quando hũa noite estando descuidados
 Na cortadora proa vigiando,
 Hũa nuuem que os ares escurefice
 Sobre nossas cabeças apparefice.

Tão temerosa vinha, e carregada,
 Que pos nos corações hum grande medo,
 Bramindo o negro mar, de longe brada
 Como se desse em vão nalgum rochedo:
 O potestade, disse, sublimada
 Que ameaço diuino, ou que segredo,
 Este clima, e este mar nos aprezentã,
 Que mór cousa parece que tormentã?

^{39.}
 Não acabava, quando hũa figura
 Se nos mostra no ar, robusta, & valida;
 De disforme, & grandissima statura,
 O rosto carregado, á barba squallida:
 Os olhos enconados, & a postura
 Medonha, & mã, & a cor terrena, & palida
 Cheos de terra, & crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.

+
 Alamos

^{40.}
 Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificarte, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo Colosso,
 Que hum dos sete milagres foy do mundo:
 Com tom de voz nos falla horrendo, & grosso
 Que pareceo sair do mar profundo,
 Arrepiaose as carnes, & o cabelo
 A mi, & a todos, sò de ouuillo, & vello.

^{41.}
 E disse: O gente ousada mais que quantas
 No mundo cometerão grandes cousas,
 Tu que por guerras cruas, taos, & tantas
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas
 E nauegar meus longos mares ousas,
 Qu'eu tanto tempo há já que guardo, & tenho
 Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

Pois

OS LVSIADAS DE L. DE C.

42.

Pois vês ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouue os danos de mi, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atreuimento,
Por todo o largo mar, & polla terra
Que inda has de sojugar com dura guerra.

43.

Sabe que quantas náos esta viagem
Que tu fazes, fizeram de atreuidas
Inimiga terão esta paragem
Com ventos, & tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fezer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimproviso tal castigo
Que seja mór o dano que o perigo.

44.

Aqui espero tomar senão me engano
De quem me descobrio suma vingança,
E não se acabará sô nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náos vereys cada anno
Se he verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

45.

E do primeiro illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os céos,
 Serey eterna, & noua sepultura
 Por juyzos incognitos de Deos:
 Aqui porà da Turca armada dura
 Os soberbos, & prosperos tropheos,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Nombança.

46.

Outro tambem virà de honrada fama
 Liberal, caualleiro, enamorado,
 E consigo trará a fermosa dama
 Que amor por grão merce lhe terá dado:
 Triste ventura, & negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro, & yrado,
 Os deixarà d'hum crû naufragio viuos
 Pera verem trabalhos excessiuos.

47.

Verão morrer com fome os filhos charos
 Em tanto amor gérados, & nascidos,
 Verão os Cafres asperos, & auaros
 Tirar à linda dama seus vestidos:
 Os cristalinos membros, & perclaros
 à calma, ao frio, ao ar, verão despídos,
 Depois de ter pisada longamente
Cos delicados pés a area ardente.

E verão

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na feruida, & implacavel espessura
 Alli despois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da fermosa, & miserrima prisão.

Mais hia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alcado
 Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
 Corpo, certo me tem maravillado:
 A boca, & os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso, & grande brado,
 Não respondeo com voz pesada, & amara
 Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto, & grande Cabo
 A quem chamais vosoueros Tormentorio,
 Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Strabo,
 Plinio, & quantos passarão fuy notorio:
 A qui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontorio,
 Que pera o polo Antartico se estende
 A quem, vossa censadia tanto offende.

51.

Fuy dos filhos asperrimos da terra
 Qual Encelado, Egco, & o Cencimão,
 Chameime Adamastor, & fuy na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano:
 Não que possesse serra sobre serra
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fuy capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

* Jupiter

x 52.

Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empresa,
 Todas as deusas desprezey do céu
 Sò por amar das agoas a princesa:
 Hum dia a vi co as filhas de Nereo
 Sayr nua na praya, & logo presa,
 A vontade senti, de tal maneira
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

* Cerri

53.

Como fosse impossível alcançalla
 Polla grandeza fea de meu gesto,
 Determiney por armas de tomalla
 E a Doris este caso manifesto:
 De medo a Deosa então por mi lhe falla:
 Mas ella com fermoso riso honesto,
 Respondeo: Qual será o amor bastante
 De Nimpha que sustente o d'hum Gigante.

Cam

Com tudo por liurarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarey maneyra,
 Com que com minha honra escuse o danno
 Tal resposta me torna a mensageira:
 Eu que cair não pude neste engano,
 (Que he grande dos amantes a cegueira)
 Encherãome com grandes abondanças
 O peito de desejos, & esperanças.

Já nescio, já da guerra desistindo
 Hũa noite de Doris promettida,
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Tethis vnica despida:
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços, pera aquella que era a vida
 Deste corpo, & começo os olhos bellos
 A lhe beijar as faces, & os cabellos.

O que não sey de enojo como o conte
 Que crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achey c'hum duro monte
 De aspero mato, & de espessura brava:
 Estando cum penedo fronte a fronte
 Qu' eu pollo rosto angelico apertava,
 Não fiquey homem não, mas mudo, & quedo
 E junto a' hum penedo outro penedo.

57.

O nimpha á mais fermosa do Oceano,
 Ia que minha presença não se agrada,
 Que se custava ter-me neste engano,
 Ou fosse monse, nuuem, sonho, ou nada,
 Daqui me parto irado, & quasi insano
 Da magoa, & da deshonra alli passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quê de meu pranto, è de meu mal se risse.

58.

Erão ja neste tempo meus Irmãos
 Uencidos, & em miseria extrema postos,
 E por mais segurar se os Deoses vão
 Algũs a varios montes sozopostos:
 E como contra o Ceo não valem mãos
 Eu que chorando andaua meus desgostos
 Comecey a sentir do fado imigo
 Por meus acruimentos o castigo.

59.

Conuertese-me a carne em terra dura,
 Empenedos os ossos se fizerão,
 Estes membros que vez, & esta figura
 Por estas longas agoas se estenderão:
 Em fim minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo conuerterão
 Os Deoses, & por mais dobradas magoas
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

Assi contava & cum medonho choro
 Subito dance os olhos se apartou,
 Desfese a nuuem negra, & cum sonoro
 Bramido, muito longe o mar soou;
 Eu, leuando as mãos ao santo coro
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
 A Deos pedi, que remouesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros.

o mundo
 a Phlegon, & Pyrois vinhão tirando
 Cõs outros dous o carro radiante,
 Quando a terra alta se nos foy mostrando
 Em que foy conuertido o grão Gigante;
 Ao longo desta costa, começando
 Ia de cortar as ondas do Levante,
 Por ella abaixo hum pouco nauégamos
 Onde segunda vez terra tomamos.

A gente, que esta terra possuya
 Posto que todos Echiopes erão,
 Mais humana no trato parecia,
 Que os outros, que tão mal nos receberão;
 Com bailos, & com festas de alegria
 Pella praya arenosa a nòs vierão,
 As molheres consigo, & o manso gado
 Que apacentauão, gordo & bem criado.

63.

As mulheres queimadas vem encima
 Dos vagarosos bois, alli sentadas,
 Animais, que elles tem em mais estima
 Que todo o outro gado das manadas:
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
 Na sua lingua cantam concertadas,
 Co doce som das rusticas auenas
 Imitando de Titiro as Camenas.

Virgilio

64.

Estes, como na vista prazenteiros
 Fossem, humanamente nos trataram,
 Trazendonos galinhas & carneiros,
 A troco doutras peças que leuarão:
 Mas, como nunca em fim meus cõpanheiros
 Palaura sua algũa lhe alcançaram,
 Que desse algum sinal do que buscamos,
 As vellas dando, as ancoras leuamos.

65.

La aqui tinhamos dado hum gram rodeo
 Aa costa negra de Africa, & tornaua
 A prosa demandar o ardente meyo
 Do seo, & o polo Antartico ficaua,
 Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
 Outra armada primeira, que buscava
 O tormentorio Cabo, & descuberto
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

M 2

Daqui

Os Lusíadas de Luys de Camões.

66.

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes & bonanças,
No largo mar fazendo novas vias
So conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tempo andamos emporfias
Que como tudo nelle sam mudanças,
Corrente nelle achamos tam possante,
Que passar não deixava por diante.

67.

Era mayor a força em demasia,
Segundo para tras nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento que assoprava,
injuriado Noto da porfia,
Em que co mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforço iradamente
Com que fez vencer a gram corrente.

68.

livro de Reis Trazia o Sol o dia celebrado
o quinto maior Em que tres Reis das partes do Oriente
A Grindade Foram buscar hum Rey de pouco nado,
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foy tomado
Por nós, da mesma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos.

Destá

69.

Desta gente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca agoa, mas com tudo
 Nenhum sinal aqui da India achamos
 No pouo com nos outros casi mudo:
 Ora vé Rey quamanha terra andamos
 Sem sair nunca deste pouo rudo,
 Sem vermos nunca noua, nem sinal,
 Da desejada parte Oriental.

70.

Ora imagina agora quam coitados
 Andariamos todos, quam perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados
 Por climas & por mares não sabidos:
 E do esperar comprido tão cansados
 Quanto a desesperar ja compellidos,
 Por ceos não naturais de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

71.

Corrupto ja & danado o mantimento
 Danoso, & mau ao fraco corpo humano,
 E alem disso nenhum contentamento
 Que se quer da esperança fosse engano:
 Cre: tu que se este nosso ajuntamento
 De soldados, não fora Lusitano.
 Que durara elle tanto obediencia
 Por ventura a seu Rey & a seu regente?

72.

Cres tu que ja nam foram leuancados
 Contra seu capitam se os resistira,
 Fazendo se Piratas, obrigados
 De desesperaçam, de fome, de ira?
 Grandemente, por certo estam prouados
 Pois que nenhũ trabalho grande os tira
 Daquella Portuguesa alta excellencia
 De lealdade firme, & obediencia.

73.

Deixando o porto em fim do doce rio
 E tornando a cortar á agoa salgada,
 Fizemos da costa algum desuio
 Deitando pera o pego toda â armada:
 Porque ventando Noto manso & frio
 Nam nos apanhasse à agoa da enseada,
 Que a costa faz ali daquella banda
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

74.

Esta passada, logo o leue leme
 Encomendado ao sacro Nicolao,
 Pera onde o mar na costa brada & geme
 A proa inclina dhũa & doutra nao.
 Quando indo o coraçam que espera & teme
 E que tanto fiou dhum fraco pan,
 Do que esperaua ja desesperado
 Foy dhũa nouidade alnoraçado.

75.

E foy, que estando ja da costa perto
 Onde as prayas & velas bem se vião
 Num rio, que alisae ao mar aberto
 Bateis à vela entrãõ & sabhyão:
 Alegria muy grande foy por certo
 Acharmos ja pessoas que sabião
 Nauegar, por que entrellas esperamos
 De achar nouas algũas, como achamos.

76.

Ethiopes sam todos, mas parece
 Que com gente melhor comunicauão,
 Palaura algũa Arabia se conhece
 Entre a lingoagem sua que falauão,
 E com pano delgado que se tece
 De algodão, as cabeças apertauão,
 Com outro que de tinta azul se tinge
 Cada hum as vergonhosas partes cinge.

77.

Pella Arabica lingoa que mal falão,
 E que Fernão martinz muy bem entende
 Dizẽ, que por naos, q̃ em grãdeza ygoalão
 As nossas, o seu mar se corta & fende,
 Mas que lâ donde sae o Sol, se abalam
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estende,
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia
 Gente asfi como nos da cõr do dia.

Muy grandemente aqui nos alegramos
 Co a gente, & com as nouas muito mais.
 Pellos sinais que neste rio achamos
 O nome lhe ficon dos bons sinais:
 Hum padrão nesta terra aluancamos
 Que pera asinalar lugares tais
 Trazia alguns, o nome tem do bello
 Cuiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,
 Nojosa criação das agoas fundas,
 Alimpamos as naos, que dos caminhos
 Longos do mar, ṽe sordidas & immundas:
 Dos ospedes que tinhamos vizinhos
 Com mostras apraziueis & jocundas,
 Ouuemos sempre o usado mantimento
 Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperança grãde & immensa
 Que nesta terra ouuemos, limpa & pura
 A alegria: mas logo a recompensa
 A Ramnusia com noua desventura:
 Assim no ceo sereno se dispensa,
 Co esta condição p̃sada & dura
 Nacemos, o pesar ter â firmeza
 Mas o bem logo muda a natureza.

81.

E foy que de doynça crua & feya

A mais que eu nunca vi, de separarão
 Muitos a vida & em terra estranha & alhea
 Os ossos pera sempre sepultarão:
 Quem auerá que sem o ver o creya
 Que tão disformemente ali lhe incharão,
 As gingiuas na boca, que crecia
 A carne, & juntamente apodrecia.

82.

Apodrecia com fetido & bruto

Cheiro, que o ár vizinho inficionaua,
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Surgião sutil menos se achaua:
 Mas qualquer neste officio pouco instruto
 Pella carne ja podre assi cortaua,
 Como se fora morta, & bem conuinha
 Pois que morto ficaua a quem a tinha.

83.

Em fim nesta incognita espessura

Deixamos pera sempre os companheiros,
 Que em tal caminho & em tanta desuentura
 Forão sempre com nosco aventureiros
 Quam facil he ao corpo a sepultura
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer onteiras,
 Estranho, assi mesmo como aos nossos,
 Receberão de todo o illustre os ossos.

A B

Assi que deste porto nos partimos
 Com mayor esperança & mor tristeza:
 E pella costa abaixo o mar abrimos
 Buscando algum final de mais firmeza:
 Na dura Moçambique em fim surgimos,
 De cuja falcidade & m'ã vileza
 Ia seras sabedor, & dos enganos
 Dos pouos de Mombaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto,
 Cuja brandurs & doce tratamento,
 Darã saude a hũ viuo, & vida a hũ morto,
 Nos trouxe a piedade do alto assento:
 Aqui repousou, aqui doce conforto,
 Noua quietação do pensamento
 Nos deste, & vés aqui se atente ouuiste,
 Te contey tudo quanto me pediste.

Julgas agora Rey se ouue no mundo
 Gentes que tais caminhos cometeßem?
 Crês tu que tanto Eneas & o facundo
 Ulisses, pello mundo se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo
 Por mais versos que delle se escreuessem
 Do que eu vi, a poder desforço, & de arte,
 E do que inda ei de ver, a oitaua parte?

87.

Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre st, Rodes, Smirna, & Colofonia,
 Atenas, Ios, Argo, & Salamina:
 Es outro que esclarece toda Ausonia,
 A cuja voz altrisona & diuina
 Ouindo o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.

88.

Cantem, louuem, & escreuam sempre estremos
 Desses seus Semedioses, & encareçam,
 Fingindo Magas Circes, Polifemos,
 Syrenas que co canto os adormeçam:
 Dem lhe mais nauegar à vella & remos
 Os Cicones, & a terra onde se esquecem
 Os companheiros em gostando o Loto,
 Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

89.

Ventos soltos lhe finjam & imaginem
 Dos odres, & Calipso namoradas,
 Harpias, que o manjar lhe contaminem
 Decer aas sombras nuas ja passadas:
 Que por muito & por muito que se afinem
 Nestas Fabulas vaãs tambem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua & pura
 Vence toda grandiloca escriptura

Do

Da boca do facundo capitão

Pendendo estauão todos em bibidos,
 Quando deu fim à longa narração
 Dos altos feitos grandes & subidos:
 Louua o Rey o sublime coração
 Dos Reis em tantas guerras conhecidos,
 Da gente louua á antiga fortaleza,
 A lealdade d' animo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira

O caso cada qual que mais notou,
 Nenhum delles da gente os olhos tira
 Que tão longos caminhos rodeou:
 Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
 Que irmão de Lampecia mal guiou,
 Por vir a descansar nos Thetios braços
 E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria

Dos propios feitos, quando sam soados,
 Qualquer nobre trabalha q̃ em memoria
 Vença ou ygoale os grandes ja passados:
 As enuejas da illustre & alhea historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados,
 Quem valerosas obras exercita
 Louuor alheo muito o esperta & incita.

93.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Achilles Alexandro na pelleja,
 Quanto de quem o canta, os numerosos
 Versos, isso sô louva, isso deseja:
 Os tropheos de Melciades famosos
 Temistocles despertam só de enueja,
 E diz, que nada tanto o deleitava,
 Como a vez que seus feitos celebrava.

94.

Trabalha por mostrar Vasco da Gamma
 Que essas nauegações, que o mundo canta
 Não merecem tamanha gloria & fama:
 Como a sua, que o ceo, & a terra espanta:
 Si mas a quelle Heroe: que estima & ama
 Com dões, merces, fauores, & hõra tanta
 A lyra Mantuana faz, que soe
 Eneas, & a Romana gloria voe.

95.

Dâ a terra Lusitana Scipiões,
 Cesares, Alexandros, & dâ Augustos,
 Mas não lhe dà com tudo aquelles dões,
 Cujas falta os faz duros & robustos.
 Octauio, entre as mayores oppressões
 Compunha versos doutos & venustos,
 Não dira Fulvia certo que he mentira
 Quando a deixava Antonio por Glasira.

Uay

Vay Cesar sojugando toda França
E as armas nam lhe empedem a sciencia,
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança
Igoalaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe, & alcança
He nas comedias grande experiencia,
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim nam ouue forte capitam,
Que nam fosse tambem doutto & sciente,
Da Lacia, Grega, ou Barbara naçam
Se nam da Portuguesa tam samente:
Sem vergonha o nam digo, que a razam
Dalgum nam ser por versos excellente,
He nam se ver prezado o verso & rima,
Porq̃ quem nam sabe arte nam na estima.

Por isso, & nam por falta de Natura
Nam ha tambem Virgilios, nem Homeros
Nem auerá se este costume dura,
Pois Eneas, nem Achilles feros:
Mas o pior de tudo he, que a ventura
Tam asperos os fez, & tam Austeros,
Tam rudos, & de ingenho tam remisso
Que a muitos lhe dà pouco, ou nada disso.

99.

As Musas agradeça o nosso Gama

O muito amor da patria, que as obriga

A dar aos seus na lyra nome & fama

De toda a illustre & bellica fadiga,

Que elle, nã quem na estirpe seu se chama,

Caliope nam tem por tam amiga,

Nem as filhas do Tejo, que deixassem

As tellas douro fino, & que o cantassem.

100.

Porque o amor fraterno & puro gosto

De dar a todo o Lusitano feito

Seu louvor, he samente o profuposto

Das Tagides gentis, & seu respeito,

Porem nam deixe em fim de ter desposto

Ninguem a grandes obras sempre o peito,

Que por esta, ou por outra qualquer via

Nam perderá seu preço, & sua valia.

F I M.

Os Lusíadas de Luys de Camões

CANTO SEXTO.

I.

NA M. sabia em que modo festejasse
O Rey pagam aos fortes navegantes,
Pera que as amizades alcançasse
Do Rey Christão, das gentes tão possantes
Pesalhe, que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes,
Aventura, que namno fez vizinho
Donde Hercules ao mar abriu caminho.

2.

Com jogos, danças, & outras alegrias
Segundo a policia Melindana,
Com vsadas, & ledas pescarias
Com q̃ a Lageia Antonio alegre é engana
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas

³
 Mas vendo o capitão que se detinha,
 Ia mais do que devia, & o fresco vento
 O convida que parta, & tome a sinha,
 Os pilotos da terra, & mantimento:
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito pera cortar do falso argento,
 Iá do Pagão benigno se despede
 Que a todos amizade longa pede.

⁴
 Pedelhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas frocas visitado,
 Que nenhum outro bem mayor deseja,
 Que dar a tais varões seu Reyno, & estado:
 E que em quanto seu corpo o sprito reja
 Estar à de contino apparelhado,
 A pòr a vida, & reino totalmente
 Por tão bom rei, por tão sublime gente.

⁵
 Outras palavras tais lhe respondi
 O capitão, & logo as velas dando,
 Pera as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha já que vay buscando:
 No piloto que leua não avia
 Falsidade, mas antes vay mostrando
 A navegação certa, & assi conuinha
 Iá mais seguro do que dantes vinha.

As ondas nauégauão do Oriente
 Ia nos mares da India, & enxergauão
 Os thalamos do sol, que nasce ardente,
 Lá quasi seus desejos se acabauão:
 Mas o mau de Thisneo, que n^a alma sente
 As venturas que entrão se aparelhauão,
 À gente Lusitana dellas dina,
 Arde, morre, blasfema, & desatina.

Via estar todo o ceo determinado
 De fazer de Lisboa, noua Roma,
 Não no pode estoruar, que destinado
 Está doucro poder que tudo doma,
 Do Olimpo dece em fim desesperado,
 Nouo remedio em terra busca, & toma,
 Entra no humido reino, & vaysse à corte
 D'aquelle a quem o mar cayo em sorte.

No mais interno fundo das profundas
 Cauernas altas, onde o mar se esconde,
 Lá donde as ondas saem furibundas,
 Quando às iras do vento o mar responde,
 Neptuno mora, & morão as jocundas
 Nereidas, & outros deuses do mar, onde
 As agoas campo deixão às cidades,
 Que habitão estas humidas deidades.

Descobre o fundo nunca descoberto

As areas alli de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparence massa cristalina,
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he cristal o que vê, se diamante,
Qu'assi se mostra claro, & radiante.

10

As portas d'ouro fino, & marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nasce,
De sculptura fermosa estão lauradas,
Na qual do irado Bacho á vista pasce:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tão confusa face,
Vem se os quatro elementos trasladados,
Em diuersos officios occupados.

11

Alli sublime o fogo estaua encima,
Que em nenhũa materia se sustinha,
Daqui as cousas viuas sempre anima,
Despois que Prometheo fursado o tinha:
Logo apos elle leue se sublima
Do inuisuel ar, que mais a sinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

Estava a terra em montes reuestida
 De verdes heruas, & arvores floridas,
 Dando pasto diuerso, & dando vida
 Às alimarias nella produzidas:
 A clara forma alli estava esculpida
 Das agoas entre a terra desparzidas,
 De pescados criando varios modos,
 Com seu humor mantendo os corpos todos.

N^o outra parte esculpida estava a guerra
 Que teuerão cos Deoses os Gigantes,
 Está Tifeo debaixo da alta serra
 D^e Etna, que as flamas lança crepitantes:
 Esculpido se vé ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes
 Delle o cavallo osuerão, & a primeira
 De Minerva pacifica ouliueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado
 Na vista destas cousas, mas entrando
 Nos paços de Neptuno, que auisado
 Da vinda sua, o estava já aguardando:
 Às portas o recebe, acompanhado
 Das Nimphas, que se estão maravillhando,
 De ver que cometendo tal caminho
 Entre no Reino da goa o rey do vinho.

15.

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
 De Baccho nos teus reinos receberes,
 Porque também cos grandes & possantes
 Mostra a fortuna injusta seus poderes:
 Manda chamar os deoses do mar, antes
 Que fale mais, se ouvir me o mais quiseres,
 Verão da desventura grandes modos,
 Oução todos o mal que toca á todos.

16.

Julgando já Neptuno que seria
 Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os deoses dâ agoa fria,
 Que o mar habitão d'hũa & doutra banda,
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do Rey, & de Salacia veneranda,
 Era mancebo grande, negro & feo
 Trombeta de seu pay & seu correo.

16.

Os cabellos da barba, & os que decem
 Da cabeça nos hombros, todos erão,
 Hũs limos prenhes d'agoa, & bem parecem
 Que nunca brando pentem conhecerão:
 Nas pontas pendurados não falecem
 Os negros Mixilhões, que alli se gerão,
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Hũa muy grande casca de Lagosta.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

18.

O corpo nũ, & os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubereos cento & cento:
Camarões, & Cangrejos, & oueros mais,
Que recebem de Phebo crescimento,
Ostras, & Camarões do musgo cujos,
As costas coa casca os Caramujos.

19.

Na mão a grande concha retrocida
Que trazia com força ja tocava,
A voz grande canora foy ouvida
Por todo o mar, que longe recumbava:
Iá toda à companhia apercebida
Dos deoses, para os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destroidos despois da Grega insania.

20.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos & das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Nimphas pouoara:
O propheta Proceo, deixando o gado
Maritimo pascer pella agoa amara,
Alli veo sambem, mas já sabia
O que o padre Lyco no mar queria

Vinha

21.

Vinha por outra parte à linda esposa
 De Neptuno, de Celo & Vesta filha
 Graue, & leda no gesto, & tão fermosa
 Que s' amansava o mar de maravilha:
 Vestida hũa camisa preciosa
 Trazia de delgada beacilha,
 Que o corpo cristalino deixa ver-se,
 Que tanto bem não he pera esconder-se.

22.

Amphitrite fermosa como as flores,
 Neste caso não quis que falecesses,
 O delfim traz consigo, que aos amores
 Do Rey lhe aconselhou que obedesses:
 Cos olhos que de tudo são senhores
 Qualquer parecerà que o sol vencestes,
 Ambas vem pella mão, igoal partido
 Pois ambas são esposas d'hum marido.

23.

Aquella que das furias de Acamante
 Fugindo, veu à ter diuino estado,
 Consigo traz o filho, bello infante,
 No numero dos deoses relatado:
 Pella praya brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, que o salgado
 Mar sempre cria & às vezes pella areia
 No colo o toma a bella Panopea.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

24.

E o Deos que foy num tempo corpo humano,
E por virtude da herua poderosa
Foy conuertido em peixe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circes tinha usado coa fermosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado
Que a mais obriga amor mal empregado.

25.

Jà finalmente todos assentados
Na grande sala nobre & diuinal,
As deosas em requissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de cristal:
Forão todos do padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento ygoal:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, & Arabia é cheiro passa.

26.

Estando sossegado já o tumulto
Dos deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peito occulto,
A causa o Tyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Sò por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheo, fala desta sorte.

Princepe.

Principe, que de juro senhoreas
 D'hum polo, ào outro polo o mar irado,
 Tu que as gentes da terra toda enfreas,
 Que não passem o termo limitado:
 E tu padre Oceano, que rodeas
 O mundo vniuersal, & o tées cercado:
 E com justo decreto assi permites,
 Que dentro viñão só de seus limites.

E vos deoses do mar que não soffreis
 Injuria algũa em vosso reino grande,
 Que com castigo ygoal vos não vingueis,
 De quem quer que por elle corra, & ande:
 Que descuido foy este em que viueis?
 Quem pode ser que tanto vos abrande,
 Os peiros, com razão endurecidos
 Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia
 Forão já cometter o cêo supremo,
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com vela & remo:
 Vistes, & ainda vemos cadadia,
 Soberbas & insolencias tais, que temo
 Que domar & do cêo em poucos annos,
 Venhão deoses à ser, & nos humanos.

Os Lusíadas de Luys de Camões?

30.

Vedes agora a fraca geração
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, & alcino coração,
A vos, & â mi, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reino devastando
Os vossos estatutos vão quebrando.

31.

Eu vi que contra os Nynias, que primeiro
No vosso reino este caminho abrirão,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquila, & os outros todos resistirão:
Pou se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentirão,
Vos à quem mais compete esta vingança,
Que esperais, porq̃ a pondeis em tardanças

32.

Eu não consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vos do céu deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que seme faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente
Todas vejo abatidas desta gente,

Que

33.

Que o gram senhor & fados que destinão,
 Como lhebem parece, o baxo mundo,
 Famas mores que nunca determinão
 De dar a estes baroës no mar profundo:
 Aqui vereis ò deoses como ensinão
 O mal tambem a deoses: que a segunda
 Se ve, ninguem ja tem menos valia
 Que quem com mais razão valer deuia.

34.

E por isso do Olimpo ja fugi,
 Buscando algum remedio a meus pesares,
 Por ver o preço, que no céu, perdi,
 Se por dita acharey nos vossos mares:
 Mais quis dizer, & não passou daqui,
 Porque as lagrimas ja correndo a pares
 Lhe saltarão dos olhos, com que logo
 Se acendem as deidades d'agoa em fogo.

35.

A ira com que subito alterado
 O coração dos deoses foy n'hum ponto,
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,
 Nem dilação, nem outro algum desconço;
 Ao grande Eolo mandão ja recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugantes,
 Que não aja no mar mais navegantes.

Bem

Bem quisera primeiro alli Protheo
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que à todos pareceo,
Era algũa profunda prophecia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que Thetis indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.

Iá la o soberbo Hyppotades solcaua
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varões audaces & animosos:
Subito o céu sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nũaqua imperuosos
Começão nouas forças á yr tomando,
Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, à leda lassa frota
Com vento soffegado proseguia
Pello tranquilo mar, á longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemisferio está remota,
Os do quarto da prima se deitaũão
Para o segundo os outros despertauão.

39

Vencidos vem do sono, & mal despertos
 Bocejando a miúdo se encostauão
 Pellas antenas, todos mal cubertos,
 Contra os agudos ares que assoprauão:
 Os olhos contra seu querer abertos
 Mas esfregando os membros estirauão,
 Remedios contra o sono buscar querem,
 Historias contão, casos mil referem.

40

Com que melhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pesado,
 Senão com algum conto de alegria
 Com que nos deixe o sono carregado?
 Responde Lionardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado,
 Que contos poderemos ter melhores
 Pera passar o tempo, que de amores?

41

Não he, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza,
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não sofre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra feruida, & robusta
 A nossa historia seja, pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

Consente

Consentem nisto todos, & encomendão
 A Uelloso que conte isto que approua,
 Contarei disse, sem que me reprehendão
 De contar cousa fabulosa, ou noua:
 E porque os q̄ me ouirẽ daqui aprendão
 A fazer feitos grandes d'alta proua,
 Dos nacidos direy na nossa terra,
 E estes sejão os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue
 Ioão filho de Pedro moderauz,
 Depois que soffegado, & liure o teue
 Do vizinho poder que o molestaua:
 Là na grande Inglaterra, que da neu
 Boreal sempre abunda, semeauz,
 A fera Erymnis dura, & má cizania
 Que lustre fosse a nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
 E nobres cortesãos, a caso hum dia
 Se leuantou discordia em ira acesa,
 Ou foy opinião, ou foy porfia:
 Os cortesãos a quem tão pouco pesa
 Soltar palavras graues de ousadia,
 Dizem que prouarão, que honras, & famas
 Em tais damas não ha, pera ser damas.
 E que

45

E que se ouuer alguém com lança, & espada
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso, ou em estrada
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:
 A femeníl fraqueza pouco usada,
 Ou nunca a opprobrios tais, vendose nua,
 De forças naturais conuenientes,
 Socorro pede a amigos, & parentes.

46

Mas como fossem grandes, & possantes
 No reino os inimigos, não se atreuem
 Nem parentes, nem feruidos amantes
 A sustentar as damas, como deuem:
 Com lagrimas fermosas, & bastantes
 A fazer que em socorro os deoses leuem,
 De todo o ceo, por rostos de alabastro
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

47

Era este Ingres potente, & militar
 Cos Portugueses já contra Castella,
 Onde as forças magnanimas prouara
 Dos companheiros, & benigna estrella:
 Não menos nesta terra esperimentara
 Namorados affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma
 Do forte, rei, que por molher a toma.

Este

Este que socorrer lhe não queria,
 Por não causar discordias intestinas
 Lhe diz, quando o direito pretendia
 Do Reino lá das terras Iberinas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, & partes tão divinas,
 Que elles sós poderião, senão erro
 Sustentar vossa parte a fogo, & ferro.

E se agrauadas damas sois seruidas,
 Por vos lhe mandarey embayxadores,
 Que por cartas discretas, & polidas
 De vosso aggrauo os fação sabedores:
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palauras das agos, & damores,
 Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio
 Que alli tereis socorro, & forte esteo.

Destarte as aconselha o Duque experto,
 E logo lhe nomea doze fortes
 E porque cada dama hum tenha certo,
 Lhe manda que sobrelles lancem sortes,
 Que elles sò doze são: & descoberto
 Qual a qual tem caydo das consortes,
 Cad' hũa escreue ao seu por varios modos,
 E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

51.

Lá chega à Portugal o mensageiro,
 Toda a corte aluoroça a novidade,
 Quiserá o Rey sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a regia magestade:
 Qualquer dos cortesãos auentureiro
 Deseja ser, com feruida vontade,
 E só fica por bemauenturado,
 Quem já vem pello duque nomeado.

52.

Lá na leal cidade, donde teue
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal armar madeiro leue
 Manda o que tem o leme do gouerno:
 Aprecebemse os doze em tempo breue
 D'armas, & roupas de uso mais moderno,
 D'elmos cimeras, lettras, & primores
 Cavallos, & concertos de mil cores,

53.

Lá do seu Rey tomado tem licença
 Pera partir do Douro celebrado,
 Aquelles que escolhidos por sentença
 Forão do duque Ingres esperimentado:
 Não ha na companhia differença
 De caualeiro, destro, ou esforçado:
 Mas hum só, que Magriço se dizia,
 Destarte fala aa forte companhia.

O

Fortissimos

Os Lusíadas de Luys de Camões.

54.

Fortísimos consocios, eu desejo
Hã muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, q̃ as do Douro & Tejo
Varias gentes, & leis, & varias manhas:
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois q̃ do mundo as cousas são tamanhas)
Quero se me deixaes, ir sô por terra,
Porque eu serey conuoso em Inglaterra.

55.

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he vltima linha,
Não for com vosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que he diuido:
Mas se a verdade o sprito me adiuinha,
Rios, montes fortuna, ou sua enneja,
Não farão que eu com vosco là não seja.

56.

Assi diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte,
Passa Lião, Castella vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Nauarra, cos altísimos perigos
Do Perineo, que Hespanha & Gallia parte
Vistas em fim de França as cousas grandes
No grande emperio foy parar de Frandes.

Ahy

57.

A hy chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteue muitos dias,
 Mas dos onze illustrissima companha
 Cortão domar do norte as ondas frias:
 Chegados de Inglaterra aa costa estranha,
 Pera Londres ja fazem todos vias,
 Do duque são com festa agasalhados,
 E das damas seruidos, & amimados.

58.

Chegasse o prazo, & dia afinalado,
 De entrar em campo ja cos doze Ingreses,
 Que pello Rey ja tinhamo segurado,
 Armanse delmos, grauas, & de arneses:
 Là as damas tem por si fulgente & armado
 O Mauorte feroz dos Portugueses,
 Vestemse ellas de cores & de sedas
 D'ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

59.

Mas aquella, à quem fora em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja sen caualleiro, nesta empresa:
 Bem que os onze appregoão, que acabado
 Sera o negocio assi na corte Ingresa,
 Que as damas vencedoras se conheçãõ
 Posto que dons & tres dos seus faleçãõ.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

60.

Iã n'hum sublime & pubrico theatro
S'assenta o Rey Ingres com toda a corte,
Esteuão tres & tres, & quatro & quatro
Bem como à cada qual couber à sorte:
Nã são vistos do sol do Tejo ao Barro,
De força, esforço, & d'animo mais forte,
Outros doze sayr como os Ingleses
No campo, contra os onze Portugueses.

61.

Mastigão os cauallos escumando
Os aureos freoz, com feroz semblante,
Estaua o sol nas armas rutilando,
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase n'hum & noutro bando
Partido desigoal & dissonante.
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa à aluorocar-se geralmente.

62.

Virão todos o rosto aonde auia
A causa principal do reboiço.
Eis entra hum cauelleiro que trazia
Armas cauallo, ao bellico seruiço.
Ao Rey & as damas fala, & logo shia
Para os onze que este era o grão Magriço,
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

A dama

63

A dama como ouuio, que este era aquelle,
 Que vinha a defender seu nome, & fama,
 S'alegra, & veste alli do animal d'Hele,
 Que a gente bruta mais que a virtude ama:
 Ia d'ão final, & o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos, que inflamma,
 Picão d'esporas, largão redeas logo
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

64

Dos caualllos o strepito parece
 Que faz, que o chão debaixo todo treme,
 O coração no peito, que estremece.
 De quem os olha, se aluoroça, & teme:
 Qual do cauallo voa, que não desce,
 Qual co cauallo em terra dando, geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

65

Algum d'alli tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breue interuallo,
 Correndo algum cauallo vay sem dono,
 E noutra parte o dono sem cauallo:
 Cae a soberba Ingressa de seu throno,
 Que dous, ou tres ja fora vão do vallo,
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão já que arnes, escudo, & malha.

Gastar palauras em contar estremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos
 Mãos do tempo, com fabulas sonhadas:
 Basta por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas, & affamadas,
 Cos nossos fica a palma da victoria,
 E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços, com festas, & alegria,
 Cozinheiros occupa, & caçadores
 Das damas a fermosa companhia
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
 Em quanto se decem em Inglaterra,
 Até tornar á doce, & chara terra.

Mas dizem que com tudo o grão Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 Lá se deixou ficar, onde hum serviço
 Notavel á Condessa fez de Frandes:
 E como quem não era ja nouico
 Em todo trance, onde tu Marte mandes,
 Hum Frances matca em campo, que o dest. no
 Lá teve de Torcato, & de Coruino.

69

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, & teue hum fero desafio
 E hum Germano enganoso, que com manha
 Não deu da o quis pôr no estremo fio:
 Contando assi Velloso: ja a companhia
 Lhe pede, que não faça tal desuio
 Do caso de Magriço, & vencimento
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

70

Mas neste passo assi promptos estando,
 Eys o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca, acordão despertando,
 Os marinheiros d'hũa, & doutra banda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaueas tomar manda,
 Alerta, disse, estay, que o vento cresce
 Daquella nuuem negra que apparece.

71

Não erão os traquetes bem tomados,
 Quando dá a grande, & subita procella,
 Amayna, disse o mestre a grandes brados,
 Amayna, disse, amayna a grande vella.
 Não esperão os ventos indignados
 Que amaynassem, mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem, cum ruydo
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

O céo fere com gritos nisto a gente,
 Cum subito temor, & desacordo,
 Que no romper da vela a nao pendent
 Toma grão soma d'agoa pello bordo,
 Alija, disse o mestre, ryamente,
 Alija tudo ao mar, não falte acordo,
 Vão outros dar à bomba, não cessando,
 Aâ bomba que nos imos allagando.

Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba, & tanto que chegarão,
 Os balancos, que os mares temerosos
 Derão à nao, n'hum bordo os derribarão;
 Tres marinheiros duros, & forçosos,
 A menear o leme não bastarão,
 Talhas lhe punhão d'hũa, & d'outra parte,
 Se approueitar dos homens força, & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão
 Mostrar mais força d'impeto cruel,,
 Se pera derribar então vierão
 A forcissima torre de Babel:
 Nos altissimos mares, que crescerão,
 A pequena grandura d'hum bacel,
 Mostra a possante nao, que moue espanto
 Vendo que se sostem nas ondas tanto.

75

A nao grande, em que vay Paulo da Cama,
 Quebrado leua o masto pello meyo,
 Quasi toda allagada: a gente chama
 Aquelle que a saluar o mundo veyo:
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a nao de Coelho, com receyo,
 Com quanto tene o mestre tanto tento
 Que primeiro amainou que desse o vento.

76

Agora sobre as nuuens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo,
 Agora a ver parece que decião
 As intimas entranhas do profundo:
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
 Arruinar a machina do mundo,
 A noite negra, & fia se allumia,
 Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

77

As Alcioneas aues triste canto
 lunto da costa braua leuantarão,
 Lembrando se de seu passado pranto,
 Que as furiosas agoas lhe causarão:
 Os delfins namorados entre canto
 Là nas couas maritimas entrarão,
 Fugindo à tempestade, & ventos duros
 Que nem no fundo os deixa e star seguros.

Nuncz

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

78

Nunca tão viuos rayos fabricou
 Contra a fera soberba dos Gigantes,
 O grão ferreiro sordido, que obrou
 Do enteado as armas radiantes:
 Nem tanto o grão Tonante arremessou
 Relampados ao mundo fulminantes,
 No grão diluio, donde sòs viverão
 Os dous que em gente as pedras conuerterão.

Vulcano

Jucalia e
 Pirra.

79

Quantos montes então, que derribarão
 As ondas que batião denodadas,
 Quantas arvores velhas arrancarão
 Do vento brauo as furias indignadas:
 As forçosas rayzes não cuidarão
 Que nunca pera o cèo fossem variadas,
 Nem as fundas areas que podessem
 Tanto os mares que encima as revoluessem.

80

Vendo Vasco da Cama que tão perto
 Do fim de seu desejo se perdia,
 Vendo hora o mar até o inferno aberto,
 Hora com noua furia ao cèo subia,
 Confuso de temor, da vida incerto,
 Onde nenhum remedio lhe valia,
 Chama aquelle remedio santo, & forte
 Que o impossivel pode, desta sorte.

co

Divina

Divina guarda, Angelica, celeste,
 Que os céos, o mar, & terra senhoreas,
 Tu que a todo Israel refugio deste
 Por metade das agoas Erythreas:
 Tu que liuraste Paulo, & defendeste
 Das Syrtes arenosas, & ondas feas,
 E guardaste cos filhos o segundo
 Povoador do alagado, & vacuo mundo.

Se tenho novos medos perigosos
 Doutra Scylla, & Carybdis já passados,
 Outras Syrtes, & bayxos arenosos,
 Outros Acroceraunios infamados.
 No fim de tantos casos trabalhosos,
 Porque somos de ti desemparedos,
 Se este nosso trabalho não te offende,
 Mas antes teu serviço só pretende?

O ditosos aquelles que puderão
 Entre as agudas lanças Affricanas
 Morrer, em quanto fortes sustiuerão
 A Sancta Fe, nas terras Mauritanas:
 De quem feitos illustres se soberão,
 De quem ficão memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perdella,
 Doce fazendo a morte as honras della.

x Noé

a imitação de
 Virg. Eneid lib.
 10

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

84

Assi dizendo os ventos que luttanão,
 Como touros indomitos bramando
 Mais, & mais a tormenta accrescentanão,
 Pella miuda enxarcia asuuiando:
 Relampados medonhos não cessanão,
 Feros trouões que vem representando,
 Cair o cèo dos eixos sobre a terra,
 Censigo os elementos terà guerra,

85

Mas ja a amorosa estrellas cintillaua
 Diante do sol claro, no Orizonte
 Mensageira do dia, & visitaua
 A terra, & o largo mar, com leda fronte:
 A deosa que nos céos a governaua,
 De quem foge o ensifero Orizonte,
 Tanto que o mar, & a chara armada vira,
 Tocada junto foy de medo, & d'ira.

86

Estas obras de Baccho são por certo,
 Disse, mas não será, que auante leue
 Tão dannada tenção, que descuberto
 Me serà sempre o mal a que se arrene:
 Isto dizendo, dece ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breue,
 Em quanto manda as Nymphas amorosas
 Crinaldas nas cabeças pór de rosas.

Crinal-

87.

Grinaldas manda por de varias cores;
 Sobre cabellos louros à porfia,
 Quem não dirà, que nascem roxas flores;
 Sobre ouro natural, que amor enfia:
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos anojosa companhia,
 Mostrãdolhe as amadas Nymphas bellas;
 Que mais fermosas vinhão que as estrellas.

88.

Assi foy, porque tanto que chegarão
 A a vista dellas, logo lhe falecem
 As forças com que dantes pelejarão,
 E ja como rendidos lhe obedecem.
 Os pês & mãos, parece, que lhe atarão,
 Os cabellos que os rayos escurecem,
 A Boreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Orichia.

89.

Não creas, fero Boreas que te creio,
 Que me tieste nunca amor constante,
 Que brãdura he d'amor mais certo arreo,
 E não conuem furor á firme amante:
 Se já não pões a tanta insania freo,
 Não esperes de mi daqui em diante,
 Que possa mais amarte, mas temerte,
 Qu'amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

Os Lusíadas de Luys de Camões.

90.

Assi mesmo a fermosa Galatea
Dizia ao fero Noto que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crê que com elle tudo acaba.
Nam sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coraçam no peito lhe nam cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

91.

Desta maneira as outras amansauão,
Subitamente os outros amadores,
E logo à linda Venus se entregauam,
Amansadas as iras & os furores,
Ella lhe prometeo venbo que amauam
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos comandolhe homenagem,
De lhe serem leais esta viagem.

92.

Jâ amenham clara daua nos outeiros,
Poronde o Ganges murmurando soa.
Quando da celsa ganea os marinheiros
Enxergaram a terra alta pella proa.
Jâ fora de tormentas, & dos primeiros
Mares, o temor vam do peito voa,
Disse alegre o piloto Melindano,
Terra he de Calecut, se nam me engano,

Esta

93.

Esta he por certo a terra que buscais
 Da verdadeira India, que apparece:
 E se domundo mais não desejaís,
 Vosso trabalho longo aqui fenescer:
 Soffrer aqui não pode Gama mais,
 De ledo em ver que a terra se conhece,
 Os geolhos no cham, as mãos no céu
 A merce grande a Deos agardescer.

94.

As graças a Deos daua, & razam tinha
 Que não somente a terra lhe mostrava,
 Que com tanto temor buscando vinha
 Por quem tanto trabalho sprimentava.
 Mas via se liurado tão a sinha
 Da morte, que nomar lhe apparelhava
 O vento duro, feruido, & medonho,
 Como quem despertou de horrendo sonho.

95.

Por meo destes horridos perigos
 Destes trabalhos graues & temores,
 Alcanção os que são de fama amigos
 As honras immortais, & graos maiores
 Nam encoitados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores,
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Mosconia Zebellinos.

Não

Os Lusíadas de Luys de Camões!

96.

Não cos manjares novos, & exquisitos,
Não cos passeos molles, & ouciosos,
Não cos varios deleites, & infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos appetitos
Qu'a fortuna tem sempre tão mimofos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Para algũa obra heroica de virtude.

97.

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Uigiando, & vestindo o forjado aço
Soffrendo tempestades & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo sofrimento.

98.

E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Pera o pilouro ardente, que affouia
E leua a perna, ou braço ao companheiro:
Destarte o peito hum callo honroso cria
Desprezador das honras, & dinheiro,
Das honras, & dinheiro que a ventura
Forjou, & não virtude justa, & dura.


Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repousado,
 E fica vendo como de alto assento,
 O bayxo trato humano embarcado:
 Este onde tiuer força o regimento,
 Direito, & não de affeitos occupado,
 Subirâ (como deue) a illustre mando,
 Contra vontade sua, & não rogando.

F I M.

CANTO SEPTIMO.

I


 A se vião chegados junto à terra,
 Que desejada ja de tantos fora,
 Que entre as correntes Indicas se
 encerra,
 E o Ganges que no Ceo terreno
 mora:

Ora sus gente forte que na guerra
 Quereis leuar a palma vencedora,
 Ia seis chegados, ja tendes diante
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos

OS LYSIAD. DE L. DE CAM.

1
A vos, ò geração de Luso digo

Que tão pequena parte sois no mundo,
Não diga inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo,
Vos, a quem não somente algum perigo
Estorua conquistar o pouo inmundo,
Mas nem cobiza, ou pouca obediencia
Da Mãe, que os ceos está em essencia.

2
3
Vos Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais,
Vos à custa de vossas varias mortes
A ley da vida eterna dilatais,
Assi do ceo deitadas são as sortes,
Que vos por muito poucos que sejais,
Muito faciais na sancta Christandade,
Que tanto, ò Christo, exaltas a humildade.

4
Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Novo pastor, e nova seita inuenta:
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error senão contenta,
Não contra o superbissimo Otomano:
Mas por sayr do jugo soberano.

Vedelo

x
Ceo

Maria Santif.

5

Vedelo duro Ingles que se nomea
 Rey da velha, & santissima cidade,
 Que o corpe ismaelica senhorea
 (Quem vio honra tão longe da verdade)
 Entre as Boreais neues se recrea,
 Noua maneira faz de Christandade,
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra que era sua.

6

Guardelhe por em tanto hum falso Rey
 A cidade Hierosolima terrestre,
 Em quanto elle não guarda a sancta ley,
 Da cidade Hierosolima celeste:
 Pois de ti Gallo indigno que direy?
 Que o nome Christianissimo quiseste,
 Não pera defendelo, nem guardalo,
 Mas pera ser contra elle, & derribalo.

7

Achas que tês direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tão largo, & tanto,
 E não contra o Cinifio, & Nilo rios
 Inimigos do antigo nome sancto
 Alli se hão de prouar da espada os fios,
 Em quem quer repronar da Igreja o canto
 De Carlos, de Luis, o nome, & terra,
 Erdaste, & as cousas não da justa guerra.

OS LVSIAD. DE L. DE C. M.

8

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Castão as vidas, logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia falo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

9

O miseros Christãos pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desprazidos,
Qu' hũs aos outros se dão à morte dura
Sendo todos de hum ventre produzidos!
Não vedes a diuina sepultura
Possuyda de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra
Fazendose famosos pella guerra.

10

Vedes que tem por vso, & por decreto,
Do qual saõ tão inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que saõ de Christo amantes,
Entre vos nunca deixa a fera Aletto
De semean cizanias repugnantes,
Olhay se estais seguros de perigos,
Que elles, & vos sois vossos inimigos.

Se

11

Se cobiça de grandes senhorios

Vos faz yr conquistar terras alheas,
 Nam vedes que Pactolo, & Hermo rios
 Ambos voluem auríferas areas,
 Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,
 Africa esconde em si luzentes veas;
 Nouaos ja se quer riqueza tanta,
 Pois moueruos não pode a casa Sancta.

12

Aquellas inuenções feras, & nouas,
 De instrumentos mortais de artelharía,
 Ia deuem de fazer as duras prouas
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia;
 Fazey que torne là às siluestres couas,
 Dos Cassios montes, & da Citia fria,
 A Turca geração, que multiplica
 Na policia de vossa Europa rica.

13

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
 Bradando vos estaõ, que o pouo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do alcoram (duro tributo)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriay de peito forte, & astuco,
 E não queirais lououres arrogantes,
 De serdes contra os vossos muy possantes.

Mas em tanto que cegos, e sedentos
 Andais de vosso sangue, e gente insana
 Não faltarão Christãos acruimentos,
 Nesta pequena casa Lusitana
 De Affrica tem maricimos assentos,
 He na Asia mais que todas soberana,
 Na quarta parte noua os campos ara,
 E se mais mundo ouuera lá chegara.

E vejamos em tanto que acontecê
 Aquelles tão famosos nauegantes
 Depois que a brauda Venus enfraquece
 O furor vão dos ventos repugnantes:
 Depois que a larga terra lhe aparece,
 Fim de suas perfiás tão constantes,
 Onde vem sarnear de Christo a ley,
 E dar nouo costume, e nouo Rey.

Tanto que à noua terra se chegarão,
 Leues embarcações de pescadores
 Acharão, que o caminho lhe mostrarão
 De Calecu onde erão moradores:
 Pera là logo as proas se inclinarão,
 Porque esta era a cidade das milhores
 Do Malabar melhor; onde viuia
 O Rey que a terra toda possuia.

17

Alem do Indo jaz, & à quem do Gange,
 Hum terreno muy grande, & assaz famoso
 Que pella parte Austral o mar abrange,
 E pera o Norte o Emodio cauernoso:
 Iugo de Reys diuersos o constrange,
 A varias leys: algũs o vicioso
 Masfoma, algũs os ydolos adorão,
 Algũs os animais, que entre elles morão.

18

Là bem no grande monte, que cortando
 Tão larga terra, toda Asia discorre,
 Que nomes tão diuersos vay tomando,
 Segundo as regiões por onde corre,
 As fontes saem, donde vem manando
 Os rios, cuja grãe corrente morre,
 No mar Indico, & cercão todo o peso
 Do terreno, fazendo o Chersoneso.

19

Entre hum, & outro rio, em grande espaço
 Say da larga terra hũa longa ponta,
 Quasi piramidal, que no regaço
 Do mar, com Ceylão infula confronta:
 E junto donde nasce o largo braço
 Gangetico, o rumor antigo conta,
 Que os vizinhos da terra moradores
 Do cheiro se mantem das finas flores.

Mas agora de nomes, & de vsança,
 Nouos, & varios sam os habitantes;
 Os Delijs, os Patanes, que em possança
 De terra, & gente, sam mais abundantes,
 Decanis, Oriãs, que a esperança
 Tem de sua saluação nas resonantes
 Agoas do Gange, & a terra de Bengala
 Fertil de sorte, que outra não lhe igoala.

O Reyno de Cambaya bellicoso
 (Dizem que foy de Poro Rey potente)
 O Reyno de Narsinga poderoso,
 Mais de ouro, & pedras, que de forte gente
 Aqui se enxerga là do mar vndoso
 Hum monte alto, que corre longamente,
 Seruindo ao Malabar de forte muro,
 Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,
 Do pè do qual pequena cantidade,
 Se estende hũa fralda estreita, que combate
 Do mar a natural ferozidade.
 Aqui de outras cidades sem debate,
 Calecù tem a illustre dignidade,
 De cabeça de imperio, rica, & bella,
 Samarim se intitula o senhor della.

23

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Hum Portuguez mandado logo parece
 A fazer sabedor o Rey Gencio
 Da vinda sua a tam remota parte:
 Entrando o mesageiro pello rio,
 Que alli nas ondas entra, a não vista arce,
 A cor, o gesto estranho, o traje nouo
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

24

Entre a gente que a vello concorria,
 Se chega hum Mahometa, que nascido
 Fora na região de Berberia,
 La onde fora Anteo obedecido;
 Ou pela vezinhança ja teria
 O Reyno Lusitano conhecido,
 Ou foy ja a sinalado de seu ferro,
 Fortuna o trouxe atão longo de sterro.

X Gigante.

25

Em vendo o mesageyro, com jocundo
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana
 Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo
 Tão longe da tua patria Lusitana?
 Abrindo, lhe responde, o mar profundo
 Por onde nunca veyo gente humdina,
 Vimos buscar do Indo a grão corrente,
 Por onde a ley diuina se acrecente.

Espanta-

Espantado ficou da grão viagem,

O mouro, que Monçayde se chamaua,

Ouindo as opressões que na passajem

Do mar, o Lusitano lhe contaua:

Mas vendo em fim, que a força da mensajem

Sò para o Rey da terra releuaua,

Lhe diz que estava fora da cidade,

Mas de caminho pouca cunctidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse

De sua estranha vinda, se queria

Na sua pobre casa repousasse,

E do manjar da terra comeria:

E despois que se hum pouco recreasse,

Com elle pera a armada tornaria,

Que alegria não pode ser tamanha,

Que achar gente vezinha em terra estranha.

O Portuguez aceita de vontade

O que o ledo Monçayde lhe offerece,

Como se longa fora ja a amizade,

Com elle come, bebe, & lhe obedece;

Ambos se tornão logo da cidade

Pera a frota, que o Mouro bem conhece,

Sobem à capitania, & toda a gente

Monçayde recebeu benignamente.

29

O capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouvindo clara a lingua de Castella,
 Junto de si o assenta, & prompto, & quedo
 Pella terra pergunta, & cousas della:
 Qual se ajuntava em Rodope o arvoredo
 Sò por ouvir o amante da donzella,
 Euridice, tocando a lyra de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mourro.

30

Elle começa: ó gente que a natura
 Uezinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tão grande, ou que ventura
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho.
 Não he sem causa não oculta, & escura
 Vir do longinco Tejo, & ignoso Minho,
 Por mares nunca doutro lenho arados,
 A Reynos tão remotos, & apartados.

31

Deos por certo vos traz, porque pretende
 Algum serviço sem por vós obrado,
 Por isso sò vos guia, & vos deffende
 Dos inimigos, do mar, do vento yrado,
 Sabey que estais na India, onde se estende
 Diverſo pouo rico, & prosperado,
 De ouro luzente, & fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente especiaria.

Esta

OS LYSIAD. DE L. DE C. LX.

32

Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reys he, mas dum sò fora
Noucro tempo, segundo a antiga fama,
Saramà Perimal foy derradeiro
Rey que este Reyno teue vnido, & inteiro.

33

Porem como a esta terra então viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes:
Succedeo que prégando conuertessem
O Perimal, de sabios, & elloquentes,
Fazemlhe a ley tomar com feuor tanto,
Que profusos de nella morrer santo.

34

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria, que offereça rica
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a ley publica:
Antes que parca, o Reyno poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sogeitos.

35

A hum Cochim, & a outro Cananor
 A qual Chalè, a qual a ilha dà pimenta,
 A qual Coulão, a qual a ilha dà Cranganor,
 E os mais, a quem o mais serue, & contenta:
 Hum sò moço a quem tinha muyto amor
 Depois que tudo deu, se lhe apresenta,
 Para este Calecu somente fica
 Cidade ja por trato nobre, & rica.

36

Esta lhe dá co titulo excelente
 De Emperador, que sobre outros mande,
 Isto feizo se parte diligente,
 Pera onde em saneta vida, acabe, & ande,
 E daqui faça o nome de potente
 C, amori, mais que todos digno, & grande,
 Ao moço, & descendentes, donde vem
 Este, que agora o Imperio manda, & tem.

37

A ley da gente toda rica, & pobre
 De fabulas composta se imagina,
 Andão nús, & sòmente hum pano, cobre
 As partes, que a cubrir natura insina:
 Dous modos ha de gente, por que a nobre
 Nayres chamados saõ, & a menos digna
 Polcàs tem por nome, a quem obriga
 A ley não mesturar a casta antiga.

Porque

OS LYSIAD. DE L. DE CAM.

38

Porque os que vsarão sempre hum mesmo officio,
De ouero não podem receber consorte,
Nem os filhos terão ouero exercicio,
Senão os de seus passados até a morte;
Pera os Nayres he certo grande vicio
Destes serem tocadas de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, & apura.

39

Desta sorte o Iudayco povo antigo
Não tocava na gente de Samaria,
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de vsança varia,
Os Nayres sòs são dados ao perigo
Das armas, sos defendem da contraria
Banda o seu Rey, trazendo sempre vsada
Na esquerda adarga, na dextera a espada.

40

Bramenes são os seus religiosos
Nome antigo, & de grande preminencia,
Observão os preceitos tão famosos
De hum que primeiro pos nome a ciencia
Não matão cousa viua, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia
Sò mente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, & menos regimento.

41

Ceraes são as mulheres, mas sòmente
 Pera os da geração de seus maridos,
 Ditosa condição, ditosa gente,
 Que não são de ciúmes offendidos,
 Estes, & outros costumes variamente,
 São pelos Malabares admitidos,
 A terra he grossa em trato, & tudo aquilo
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

42

Assim contava o Mouro, mas vagando
 Andava a fama ja pela cidade,
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rey saber mandava da verdade,
 Ia vinhão pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, & idade,
 Os principaes que o Rey buscar mandara
 O Capitão da armada que chegara.

43

Mas elle que do Rey ja tem licença,
 Pera desembarcar acompanhado,
 Dos nobres Portugueses sem detença
 Parte de ricos panos adornado,
 Das cores a fermosa differença
 A vista alegre ao pouso aluorocado,
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar despois o fresco rio.

Na praya hum Regedor do Reyno estaua,
 Que na sua lingua Catual se chama,
 Rodeado de Nayres que esperaua,
 Com desusada festa o nobre Gama:
 Ia na terra nos braços o leuaua,
 E num portatil leyto hũa rica cama,
 Lhe offerrece em que vá, costume vsado,
 Que nos hombros dos homês he leuado.

Destarte o Malabor, destarte o Luso,
 Caminhão là pera onde o Rey o espera:
 Os outros Portugueses vão ao vsô
 Que infantaria segue esquadra fera,
 O pouo que concorre vay confuso
 De ver a gente estranha, & bem quisera
 Perguntar, mas no tempo ja passado
 Na torre de Babel lhe foy vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando
 Nas cousas que lhe o tempo offerrecia,
 Moncayde entre elles vay interpretando
 As palauras que de ambos entendia:
 Assi pela cidade caminhando,
 Onde hũa rica fabrrica se erguia
 De hum sumptuoso templo ja chegauão,
 Pelas portas do qual juntos entravão.

47.

Ali estão das deidades as figuras
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 O segundo o Demonio lhe fingia:
 Vem se as abominaveis esculturas,
 Qual a Chimera em membros se varia
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados
 Em forma humana estão maravillados.

48.

Hum na cabeça cornos esculpidos
 Qual Iupiter Amon em Libia estava,
 Outro num corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Iano se pintava:
 Outro com muitos braços diuidos
 A Briareo parece que imitava:
 Outro fronte Canina tem de fora,
 Qual Anubis Menfítico se adora.

49.

Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outra algum desvio,
 Pera onde estava o Rey do pouo vão:
 Engrossando se vay da gente o fio,
 Cos que vem ver o estranho Capitão,
 Estão pelos telhados & janellas
 Velhos & moços, donas & donzellas:

Os Lusíadas de Luys de Camões.

50.

La cheção perco, & não com passos lentos;
Dos jardins odoríferos fermosos,
Que em si escõdem os regios apouentos;
Altos de torres não, mas sumptuosos,
Edificação se os nobres seus assentos,
Por entre os aruoreos deleitosos,
Assi viuem os Reis daquella gente
No campo & na cidade juntamente.

51.

Pelos portais da cerca a suileza
Se enxerga da Dedalea facultade;
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade;
Asfiguradas vão com tal viueza
As historias daquella antiga idade;
Que quem dellas tiuer noticia inteira,
Pela sombra a conhece a verdadeira.

52

Estaua hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o i d'asse laua;
Rege o hum capitam de fronte lisa,
Que com frondentes Tirsos peleijaua.
Por elle edificada estaua Nisa
Nas ribeiras do rio, que manaua,
Tão proprio que se ali estiuer Semelle;
Dira por certo, que he seu filho aquelle.

Bairão.

Alas

53.

Mais auante bebendo seca o rio,
 Muy grande multidão da *Asiria* gente,
 Sujeta ao feminino senhorio
 De hũa *ram bella*, como incontinente;
 Ali tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem ceria o filho competencia,
 Amor nefando, bruta incontinencia.

x *Jemiran*

54.

Daqui mais apartadas tremolauão
 As bandeiras de *Grecia* gloriosas,
 Terceira *Monarchia*, & sojugauão,
 Até as agoas *Gangeticas* vndosas;
 Dum capitão mancebo se guiauão,
 De palmas rodeado valerosas,
 Que ja não de *Filippo*, mas sem falso
 De progenie de *Iupiter* se exalta.

x

55.

Os *Portugueses* vendo estas memorias,
 Dizia o *Catual* ao *Capitão*,
 Tempo cedo vir à que outras victorias,
 Estas que agora olhais abaterão:
 Aqui se escreuerão nouas historias,
 Por gentes estrangeiras que virão
 Que os nossos sabios magos o alcançarão,
 Quando o tempo futuro especularão.

Q 2

E diz

E dizlhe mais a magica sciencia,
 Que pera se euitar força tamanha,
 Não valerâ dos homêes resistencia,
 Que contra o Ceo não val da gente manha:
 Mas tambem diz que a bellica excellencia
 Nas armas, & na paz, da gente estranha,
 Sera tal, que sera no mundo ouuido
 O vencedor, por gloria do vencido.

Assi falando entraão ja na sala,
 Onde aquelle potente Emperador
 Nũa camilha jaz, que nam se igoala
 De outra algũa no preço & no valor.
 No recostada gesto se assinala
 Hum venerando & prospero senhor,
 Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
 De preciosas gemas se adereça.

Bem junto d'elle hum velho reuerence,
 Cos giolhos no chão, de quando em quando
 Lhe daua a verde folha da erua ardente
 Que a seu costume estaua ruminando:
 Hum Bramene, pessoa preminente,
 Pera o Gama vem com passo brando,
 Pera que ao grande Principe o apresente
 Que adiante lhe acena que se assente.

59.

Sentado o Gama junto ao rico leyro,
 Os seus mais afastados, prompto em vista
 Estava o Samori no traço & geyro
 Da gente, nunca de antes delle vista:
 Lançado a graue voz do sabio peyro,
 Que grande authoridade logo aquista
 Na opinião do Rey, & do povo toda
 O Capitão lhe falla deste modo.

60.

Hum grande Rey, de là das partes, onde
 O Ceo volubil com perpetua roda
 Da terra a luz solar coa terra esconde,
 Tingindo a que deyxou de escura nodã,
 Ouvindo do rumor que la responde
 O echo, como em ti da India toda
 O principado está, & a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.

61.

E por longos rodeos a ti manda,
 Por te fazer saber que tudo aquillo
 Que sobre o mar, q̄ sobre as terras anda
 De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:
 E desda fria plaga de Gelanda,
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
 Nos dias, sobre a gente de Echiopia,
 Tudo tem no seu Reyno em grande copia.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

62.

E se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comercio consentir das abundanças,
Das fazendas da terra sua, & tua,
Porque creção as rendas, & abastanças,
Por quem a gente mais trabalha & sua,
De vossos Reynos, sera certamente
De ti proueyto, & delle gloria ingente.

63.

E sendo assi que o nô desta amizade,
Entre vos firmemente permaneca,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reyno se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por irmão te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti sobriço posta
Me des a mi certissima repostura.

64.

Tal embaxada daua o Capitão,
A quem o Rey gentio respondia,
Que em ver embaxadores de nação
Tam remota, gram gloria recebia:
Mas neste caso a vltima tençam
Com os de seu conselho tomara,
Informando se certo de quem era
O Rey, & a gente, & terra que dissera.

E que

65.

E que em tanto podia do trabalho

Passado yr repousar, & em tempo breue

Daria a seu despacho hum justo talho,

Com que a seu Rey reposta alegre leue:

Iá nisto punha a noite o vsado atalho

As humanas canseyras, porque ceue

De doce sono os membros trabalhados,

Os olhos occupado ao ocio dados.

66.

Agasalhados foram juntamente,

O Gama, & Portugueses no aposento

Do nobre Regedor da Indica gente,

Com festas & gèral contentamento:

O Catual no cargo diligente

De seu Rey, tinha já por regimento

Saber da gente estranha donde vinha

Que costumes, que ley, que terra tinha

67.

Tanto que os igneos carros do fermoso

Mancebo Delio vio, que a luz renoua,

Manda chamar Monçayde, deseioso

De poderse informar da gente noua:

Iá lhe pergunta prompto & curioso,

Se tem noticia inteyra, & certa proua,

Dos estranhos quem são, que ouuido tinha

Que he gente de sua patria muy vizinha.

Que particularmente ali lhe desse
 Informação muy larga, pois fazia
 Nisso serviço ao Rey, porque soubesse
 O que neste negocio se faria:
 Monçayde torna, posto que eu quisesse
 Dizerte disto mais nam saberia,
 Sòmente sey que he gente là de Hespanha
 Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

(Enj)
 Tem a Ley dum ^xPropheta, que gerado
 Foy sem fazer na carne detrimento
 Da Mãy, tal que por baso estâ aprouado
 Do Deos, que tem do mundo o regimento:
 O que entre meus antigos he vulgado
 Delles, he que o valor sanguinolento
 Das armas, no seu braço resplandece,
 O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobre humana,
 Os deytarão dos campos abundosos
 Do rico Tejo, & fresca Guadiana,
 Com feytos memoraveis, & famosos:
 E não contentes inda, & na Africana
 Parte, cortando os mares procelosos
 Nos não querem deyxar viuer seguros,
 Tomandonos cidades, & altos muros.

71.

Não menos tem mostrado esforço, & manha,
 Em quaesquer outras guerras q̃ acõteção
 Ou das gentes beligeras de Espanha,
 Ou lá d'algũs que do Pyrene deçãõ.
 Assim que nunca em fim cõ lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheçãõ,
 Nem se sabe inda nam, te afirmo & affello
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.

72.

E festa informaçam nam for inteeyra
 Tanto quanto conuem, delles pretende
 Informarte, que he gente verdadeyra,
 A quem mais falsidade enoja & offende:
 Vay verlhe afrota, as armas, & a maneira:
 Do fundido metal, que tudo rende,
 E folgaràs de veres a policia
 Portuguesa na paz, & na milicia.

73.

Já com desejos o Idelatra ardia,
 Dever isto, que o Mouro lhe contava,
 Nada esquipar bateis, que ver queria
 Os lenhos em que o Cama nauégava.
 Ambos partem da praya, a quem seguia
 A Nayra geraçam, que o mar coalhava,
 Na Capitaina sobem forte & bella,
 Onde Paulo os recebeu a bordo della.

Purpureos

Os Lusíadas de Lusy de Camões:

74.

Purpureos são os toldos, & as bandeyras
Do rico fio são, que o bicho gera,
Nellas estão pintadas as guerreyras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campais aventureyras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gencio se apresenta,
Atento nella os olhos apacenta.

75.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeyro que se assente,
E que aquelle deleyte que tanto ama
A ceyta Epicurea, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrâra à gente:
Mas comer o Gencio nam pretende,
Que a ceyta que seguia lho defende.

76.

A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Gencio nota: mas o intento
Mostrava sempre cernos singulares
Feytos dos homẽs, que em retrato breue
A muda poesia ali descreue

Alcãse

77.

Alçase em pê, co elle os Gamas junto
 Coelho de outra parte, & o Mauritano
 Os olhos poem no bellico trasunto
 De hum velho brãco, aspeyto venerando,
 Cujos nome nam pode ser defuncto
 Em quãto ouuer no mūdo trato humano
 No trajo a Grega vsança está perfeyta,
 Hum ramo por insignia na dereyta.

78.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego
 Eu que cometo insano, & temerario,
 Sem vos Nimphas do Tejo, & do Mōdego,
 Por caminho tam arduo, longo, & vario:
 Vosso fauor inuoco, que nauego
 Por alto mar, com vento tam contrario,
 Que se nam me ajudais, ey grande medo,
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

79.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando
 O vosso Tejo & os vossos Lusitanos,
 A fortuna metraz peregrinando,
 Nouos trabalhos vendo, & nouos danos.
 Agora, o mar, agora esprimentando
 Os perigos Mauorcios inhumanos,
 Qual Canace que à morte se condena,
 Nũa mão sempre a espada, & n'outra a pena:

Agora

Agora com pobreza auorrecida,
 Por hospícios alheos degradado,
 Agora da esperança já adquirida,
 De nouo mais que nunca derribado:
 Agora às costas escapando a vida,
 Que dum fio pendia tam delgado,
 Que não menos milagre foy saluar-se,
 Que pera o Rey Iudaico acrecentar-se.

E ainda Nymphas minhas não bastaua,
 Que tamanhas misérias me cercassem:
 Senão q̄ aquelles que eu cãtando andaua,
 Tal premio de meus versos me tornassem
 A troco dos descansos que esperaua,
 Das capellas do louro que me honrassem,
 Trabalhos nunca vsados me inuentarão,
 Com q̄ em tam duro estado me deytarão.

Uede Nymphas que engenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assi sabem prezar com tais fauores
 A quem os faz cantando gloriosos:
 Que exemplos a futuros escriptores,
 Pera espartar engenhos curiosos,
 Pera parem as cousas em memoria,
 Que merecerem ter eterna gloria.

83.

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que so vosso fauor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diuerfos engrandeça:
 Daimo vós sôs, que eu tenho ja jurado
 Que não me empregue em que o não mereça
 Nem por lisonja louise algum subido,
 Sob pena de não ser agradecido.

84.

Nem creais Nimphas nam que fama dese
 A quem ao bem comum, & do seu Rey,
 Anteposer seu proprio interesse,
 Imigo da diuina & humana ley,
 Nenhum ambicioso, que quisesse
 Subir a grandes cargos contarey,
 So por poder com torpes exercicios
 Usar mais largamente de seus vicios.

85.

Nenhum que vse de seu poder bastante
 Pera servir a seu desejo feo,
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Proteo,
 Nem Camenas tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto & graue veu,
 Por contentar o Rey no officio nouo,
 A despir & roubar o pobre pouo

Nem

Nem quem acha que he justo & que he dereito
 Guardase aley do Rey seueramente,
 E nam acha que he justo & bom respeito,
 Que se pague o suor da seruil gente.
 Nem que sempre cõ pouco experto peico
 Razões aprende, & cuida q̃ he prudente,
 Vera taxar com mão rapace & escassa,
 Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturáram
 Por seu Deos, por seu Rey, a amada vida
 Onde perdendoa, em fama a dilatãrão,
 Tambem de suas obras merecida.
 Apolo, & as Musas que me acõpanharão
 Me dobraram a furia concedida
 Em quanto eu como alento descansado,
 Por tornar ao trabalho mais folgado.

FIN.

CANTO OCTAUO.

1.



A Primeira figura se des-
nha

O Cacual, que vira estar pin-
rada,

Que por diuisa hũ ramo na
mão tinha,

A barba branca, longa, & penceada:

Quem era, & por que causa lhe conuinha

A diuisa que tem na mão tomada,

Paulo responde, cuja voz discreta

O Mauritano sabio lhe interpreta

2.

Estas figuras todas que aparecem,

Brauos em vista, & feros nos aspectos,

Mais brauos, & mais feros se conhecem

Pela fama, nas obras, & nos feitos

Antigos sam, mas inda resplandecem

Co nome, entre os engenhos mais perfeitos

Este que ves he Luso, donde a fama

O nosso Rey no Lusitania chama.

3.

Foy filho & companheiro do Thebano
Que tam diuersas partes conquistou
Parece vindo ter ao ninho Hispano
Seguindo as armas que continuo vsou
Do Douro, Gadiana o campo vsano,
La dito Elifio, tanto o contentou
Que ali quis dar, aos ja cansados ossos
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

4.

O ramo que lhe ves pera diuisa,
O verde Tyrso foi Baco vsado,
O qual à nossa idade amostra & auisa
Que foi seu companheiro & filho amado,
Ves outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tam longo mar arado,
On le muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, que em memoria fica.

5.

Ulises he o que faz a sancta casa
Aa Deosa, que lhe dá lingoa facunda,
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Ca na Europa Lisboa ingente funda,
Quem sera estrouco ca que cãpo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Agueas nas bãdeiras tẽ pintadas.

6.

Assim o Gencio diz, responde o Gama
 Este que vos pastor ja foi de gado,
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais que no cajado,
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuenciuel affamado,
 Não tem coelle não, nem ter puderão
 O primor que com Pyrrho ja tiuerão.

7.

Com força não: com manha vergonhosa,
 A vida lhe tirarão que os espanta,
 Que o grãde aperto em gente, inda q̃ hõrosa
 Aas vezes leys magnimas quebranta:
 Outro esta à aqui q̃ contra a patria irõsa:
 Degradado com nosco se alleuanta,
 Escolheo bem com quem se alleuantasse
 Para que eternamente se illustrasse.

8.

U'es com nosco tambem vence as bandciras
 Dessas aues de Iuppiter validas,
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nos souberão ser vencidas:
 Olha tão sotis artes & maneiras,
 Para adquerir os pouos tão fingidas
 A fatidica cerua que o auisa,
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

9.

Olha estoutra bandeira, & vê pintado,
O gram progenitor dos Reys primeiros,
Nos Ungaro o fazemos, porem nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros;
Despois de ter cos Mouros superado
Gallegos, & Leoneses caualheiros,
Aa casa Sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reys se sanctifique.

10.

Quem he me dize estoutro que me espanta,
Pergunta o Malabar maravilhado,
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tam pouca, tem roto & destrocado:
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dà nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pés derribadas, & estandardes?

11.

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura afama,
De mais nam celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso á quem Deos ama,
Com cujo braço o Meuro imigo doma,
Para quem de seu Reyno abaxa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

12.

Se Cesar, se Alexandre Rey cinerão,
 Tão pequeno poder, tão pouca gente,
 Contra tantos inimigos quantos erão,
 Os que desbarataua este excellentes,
 Não creas que seus nomes se estenderão
 Com glorias immortais tão largamente:
 Mas deixa os feitos seus ineplacaveis,
 Vê que os de seus vassallos são notaveis.

13.

Este gae vés olhar com gesto yrado,
 Para o rompido alumno mal soffido,
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,
 Recolha, & torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas Moniz se chama o forte velho
 Para leais vassallos claro espelho.

14.

Vello cà vay cos filhos a entregarse,
 A corda ao collo, nũ de seda & pano,
 Porque nam quis o moço sogeitar-se,
 Como elle promettera ao Castelhanao:
 Fez com siso & promessas leuantarse
 O cerco que já estava soberano,
 Os filhos, & molher obriga à pena,
 Para que o senhor salue, a si condena.

O s Lusíadas de Luys de Camões.

15.

Não fez o Consul tanto que cercado
Foy nas forças Caudinas de ignorante
Quando a passar por baxo foy forçado
Do Samuitico jugo triumphante:
Este pello seu pouo injuriado,
Assise entrega só firme & constante,
Est' outro assi, & os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

16.

Vês este que saindo da cilada,
Dá sobre o Rey que cerca a villa forte,
Lá o Rey tem preso, & a villa descercada
Illustre feito digno de Manórie,
Uello ca vay pintado nesta armada
No mar também aos Mouros dando a morte
Tomandolhe as galés, teuando a gloria,
Da primeira maritima victoria.

17.

He dom Fuas Roupinho que na terra,
E no mar resplandesce juntamene,
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas galés da Maura gente
Olha como em tão justa & sancta guerra
De acabar peljando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa palma.

Não

18.

Não ves hum ajuntamento d' estrangeiro
 Trajo sair da grande armada noua,
 Que ajuda à combater o Rey primeiro
 Lisboa, de si dando santa proua:
 Olha Henrique famoso cavalleiro,
 A palma que lhe nasce junto à coua,
 Por elles mostra Deos milagre visto,
 Germanos são os Martyres de Christo.

19.

Hum sacerdote vê brandindo a espada,
 Contra Arronches q̄ toma, por vingança
 De Leiria, que dantes foi tomada,
 Por quem por mafamede enresta à lança:
 He Teothonio prior: mas vê cercada
 Santarem, & veras a segurança
 Da figura nos muros, que primeiro
 Subiu do ergueo das quinas à bandeira.

20.

Vello ca donde Sancho desbarata
 Os mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo, o alferez mata,
 E Hispalico pendão derriba em terra.
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, & a sua exalta.

Os Lusíadas de Luys de Camões

21.

Olha aquelle que dece pella lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão leuava, feito nunca feito,
Giraldo sem paor he o forte peito.

22.

Não vês hum Castellano, que agrauado,
De Affonso novo Rey, pello odio antigo
Dos de Lara cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo:
Mas vé, q̃ hum Portuguez cõ pouca gente
O desbarata & o prende ousadamente.

23.

Martim Lopez se chama o cavalleiro,
Que destes levar pode a palma, & o louro:
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago douro:
Vello entre os duvidosos tão inceiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro,
Olha o sinal no céu que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

Vês

24.

Vês vâmos Reys de Cordoua & Semilha,
 Rottos,cos ontros dous, & nam de espaço,
 Rottos? mas antes mortos, marauilha
 Feita de Deos, que nam de humano braço:
 Vês já a villa de Alcaçare se humilha,
 Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
 A Dom Matheus o Bispo de Lisboa,
 Que a coroa de palma alli coroa.

25.

Olha hum Mestre que dece de Castella,
 Portuguez de naçam, como conquista
 A terra dos Algarues, & já nella
 Nam acha quem por armas lhe resista,
 Com manha, esforço, & cõ benigna estrella
 Villas, castellos toma à escalla vista:
 Vês Tauila tomada àos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores.

26.

Vês com bellica astucia áo Mouro ganha
 Silues, qu' elle ganhou com força ingêre,
 He Dom Payo Correa, cuja manha
 E grande esforço faz enueja á gente:
 Mas não passes os tres q' em Frãça è Espanha
 Se fazem conhecer perpetuamente,
 Em desafios, justas & corneos,
 Nellas deixando publicos tropheos.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

27.

Vellos como co nome de aventureiros,

A Castella, onde o preço sos leuárão
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com dano de algũs se exercitárão.
Vé mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiárão,
Que Gonçallo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a ley Lethea.

28.

Atenta n'hum que à fama tanto estende,
Que de nenhum passado se cõtenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte & lenta
Do pouo, & faz que come o doce freeo,
De Rey seu natural, & não de alheo.

29.

Olha por seu conselho & ousadia,
De Deos guiada sò, & de santa estrella
Sò pode o que impossivel pareſcia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Ves por industria esforço, & valentia
Outro estrago & victoria clara & bella
Na gente, asiferos como infinita
Que entre o Tarteso, & Coadiana habita.

Mas

30.

Mas não ves quasi já desbaratado,
 O poder Lusitano, pella ausencia
 Do capitão deuoto, que apartado
 Orando vestocèo pode clemencia
 Vello compressa já dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra poder tamanho, & que viesse,
 Porque consigo esforço áos fracos desse.

31.

Mas olha com que santa confiança,
 Que inda não era tempo respondia,
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assim Pompilio, ouuindo que à possança
 Dos inimigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura noua estava dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

32.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue,
 Ouuir quizeres como se nomea,
 Portugues Scipião chamar se deue:
 Mas Mais de dõ Nuno Aluares se arrea
 Ditoso patria que tal filho teue:
 Mas antes pay, que em quanto o sol rodea
 Este globo de Ceres & Neptuno,
 Sempre suspirar à por tal aluno:

33.

Na mesma guerra vê que presas ganha,
 Estouro capitam de pouca gente,
 Com mēdadores vence, & o gado apanha,
 Que leuauam roubado ousadamente:
 Outra vez vé q̃ a lança em sangue banha
 Destes, s̃o por liurar com amor ardente
 O preso amigo, preso por leal,
 Pero Rodriguez he do Landroal.

34.

Olha este de sleal o como paga
 O perjurio, que fez, & vil engano,
 Gil Fernandez he d' Eluas quē o estraga,
 E faz vir á passar o vltimo danno:
 De Xerez rouba o campo, & quasi alarga
 Co sangue de seus donos Castelhanos:
 Mas olha Ruy Pireyra, que co rosto
 Faz escudo às galés, diance posto.

35.

Olha, que dezeseete Lusitanos,
 Neste outeiro subidos se defendem,
 Fortes de quatrocentos Castelhanos,
 Que em derredor pellos tomar se estendem:
 Porem logo sentiram com seus danos,
 Que nam so se defendem, mas offendem,
 Digno feito de ser no mundo eterno,
 Grande no tempo antigo & moderno.

36.

Sabese antigamente, que trezentos
 iã contra mil Romanos pelearam,
 No tempo que os viris atreuimentos
 De Viriato tanto se illustraram,
 E delles alcançando vencimentos
 Memorauem, de herança nos deixaram,
 Que os muitos por ser poucos não temamos
 O que despois mil vezes amostramos.

37.

Olha qua dous Infantes Pedro & Henrique,
 Progenie generosa de Ioanne,
 Aquelle faz, que fama illustre fique
 Delle em Germania, com q̃ a morte engane:
 Este, que ella nos mares o pubrique,
 Por seu descobridor, & desengane
 De Ceica a Maura cumida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

38.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria,
 Vês outro Conde está que representa
 Em terra Marte, em forças & ousadia,
 De poder defender se nam contenta
 Alcaçare do ingente companhia:
 Mas do seu Rey defende a cara vida,
 Pondo por muro a sua, alli perdida.

Outros

Outros muitos verias, que os pintores

Aqui tambem por certo pintarião:

Mas faltalhe pincel, faltão lhe cores,

Honra, premio, fauor que as artes crião

Culpa dos viciosos successores,

Que degenerão certo, & se desuião

Do lustre, & do valor dos seus passados

Em gostos & vaidades acolados.

Aquelles pais illustres que já derão

Principio àa geração que delles pende

Pella virtude muyto antão fizerão,

E por deixar a casa que descende,

Cegos, que dos trabalhos que teuerão,

Se alta fama & rumor delles se estende,

Escuros deixão sempre seus menores,

Com lhe deixar descansos corrutores.

Outros tambem há grandes & abastados,

Sem nenhum tronco illustre donde venhão

Culpa de Reys, que às vezes a primados

Dão mais q' a mil, q' esforço è saber tenhão

Estes seus não querem ver pintados,

Crendo que cores vaãs lhe não conuenhão,

E como a seu contrario natural,

Aa pintura á que falla querem mal.

42.

Não nego que hà com tudo descendentes
 Do generoso tronco, & casa rica
 Que com costumes altos & excellentes
 Sustentão a nobreza que lhe fica:
 E se a luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Não falta ao menos, nem se faz escura:
 Mas destes acha poucos a pintura.

43.

Assi està declarando os grandes feitos,
 O Gama, que alli mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tão claros, tao perfeitos
 Do singular artifice alli pinta:
 Os olhos tinha promptos & direitos,
 O Catual na historia bem distinta,
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,
 As gostosas batalhas que alli via.

44.

Mas já a luz se mostrava dunirosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaxo do horizonte & luminosa
 Leuava aos antipodas o dia,
 Quando o Centio, & a gente generosa,
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso que descansa,
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre.

45.

Entre tantos os aruspices famosos
Na falsa opiniam, que em sacrificios
Anteuem sempre os casos duvidosos,
Por sinais diabolicos, & indicios.
Mandados do Rey proprio, estudiosos
Exercitauam a arte, & seus officios,
Sobr' esta vinda desta gente estranha,
Que as suas terras vê da ignota Hespanha

46.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a noua gente lhe seria
Iugo perpetuo, eterno cattiueiro,
Destruicam de gente, & de valia:
Vayse espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rey (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vittimas que oulhara.

47.

A isto mais se ajunta que hum deuoto
Sacerdote da ley de Mafamede,
Dos odios concebidos nam remoto,
Contra á diuina Fé, que tudo excede.
Em forma do propheta falso & notho,
Que do filho da escrana Aggar procede,
Baccho ndioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda se nam desce.

E diz

48.

E diz lhe assi: guardaiuos gente minha,
 Domal que se aparelha pello imigo
 Que pellas agoas humidas caminha,
 Antes que esteis mais perto do perigo:
 Isto dizendo acorda o Mourro asinha,
 Espantado do sonho. mas consigo
 Cuida que nam he mais que sonho usado
 Torna â dormir quieto & sossegado.

49.

Torna Baccho dizendo, nam conheces
 O gram legislador que à teus passados
 Tem mostrado o preceito a que obedeces
 Sem o qual foreis muitos baptizados?
 Eu parti rudo vello, & tu adormeces?
 Pois saberas que aquelles que chegados
 De nouo são, serão muy grande dano
 Da ley que eu deuy ao nescio pouo humano.

50.

Em quanto he fraca a força desta gente,
 Ordena como em tudo se resista,
 Porque quando o sol sae facilmente
 Se pode nelle por a aguda vista:
 Porem despois que sobe claro & ardente,
 Se agudeza dos olhos o conquista,
 Tam cega fica, quanto ficareis
 Se razes criar lhe nam tolheis.

51.

Isto dito, elle o sono se despede,
Tremendo fica o attonico Agareno
Salta da cama, lume aos seruos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tanto que a nova luz que ao sol precede
Mostrara rosto angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe ceita,
Aos quais do q̃ sonhou dá conta estreita.

52.

Diuerfos pareceres & contrarios
Alli se dão segundo o que entendião,
Astutas trações, enganos varios,
Perfidias inuentaão & tecião:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gence pretendião,
Por manhas mais sotis & ardis milhores,
Com peitas adquerindo os Regedores.

53.

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas
Concilião da terra os principais,
E com razões notauers & discretas,
Mostrão ser perdição dos naturais.
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorren lo occidentais,
Vinem sò de piraticas rapinas,
Sem Rey, sem leys humanas, ou diuinias.

O quanto

60.

Sobre isto nos conselhos que tomaua

Achaua muy contrarios pareceres,
 Que naquelles, com quem se aconselhaua,
 Executa o dinheiro seus poderes:
 O grande capitão chamar mandaua,
 A quem chegado disse, se quiseses
 Confessar-me a verdade limpa, & nua,
 Perdão alcançaras da culpa tua.

91.

Eu sou bem informado, que a embaxada

Que de teu Rey medeste, qu'he fingida:
 Porq̃ nem tu tês Rey, nem patria amada,
 Mas vagabundo vas passando a vida:
 Que quem da Hesperid vltima allongada
 Rey, ou senhor de insania desmedida,
 Ha de vir cometter com naos, & frocas,
 Tão incertas viagens, & remotas?

62.

E se de grandes reinos poderosos.

O teu Rey tem a regia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Simais de tua incognita verdade:
 Com peçãs & dões altos sumptuosos
 Se lia dos reis altos a amizade
 Que final nem penhor não he bastante,
 As palauras d'hu vago nauegante.

Se por ventura vindes desterrados,
 Como já forão homẽs d'alea forte,
 Em meu reino sereis agasalhados,
 Que toda a terra he patria para o forte:
 Ou se piratas sois ao mar vsados,
 Dizemo sem temor de infamia, ou morte:
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a visal necessidade.

Isto assi disse, o Cama que já tinha
 Suspeitas das insidias que ordenaua
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tão mal o Rey cuidaua:
 Chãua alea confiança, que conuinha,
 Com que seguro credito alcançaua,
 Que Venus Acidalia lhe influia,
 Tais ja auras do sabio peito abria.

S'os antigos delictos, que a malicia
 Humana cometteo na prisca idade,
 Não cansarão, que o vaso da niquicia,
 Aconte tam cruel da Christandade,
 Viera pôr perpetua inimicicia
 Nageraçam d'Adam, co a falsidade:
 O poderoso Rey da torpe seita,
 Nam conceberas tu tam má sospeita.

65

Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, & em todo o feito,
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peito:
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade: sem respeito
 D'as razões em contrario que acharias
 Senão cresses a quem não crer denias.

67

Porque se eu de rapinas sò viuesse
 Undinago, ou da patria desterrado,
 Como cres que tão longe me viesse,
 Buscar assento incognito, & apartado?
 Porque esperanças, ou por que interesse
 Viria esperimentado o mar yrado,
 Os Antarticos frios, & os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradores?

68

Se com grandes presentes d'alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu nã vim mais q' a achar o estranho clima
 Onde a natura pos teu reino antigo:
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,
 Qu'eu torne á minha patria, é reino amigo
 Então veràs o dom soberbo, & rico
 Com que minha tornada certifico.

Se te parece inopinado feito,
 Que rei da vltima Hesperia a ti me mande,
 O coração sublime, o regio peito,
 Nenhum caso possível tem por grandes
 Bem parece que o nobre, & grão conceito
 Do Lusitano spiritū demande,
 Mayor credito, & fe de mais alicza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
 Reys nossos firmemente propuserão
 De vencer os trabalhos, & perigos,
 Que sempre às grandes cousas se opuserão;
 E descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso pretenderão
 De saber que fim tinhão, & onde estauão
 As derradeiras prayas que lauauão.

Conceito digno foy do ramo claro
 Do venturoso rey, que arrou primeiro
 O mar, por yr deitar do ninho caro
 O morador de Abil: derradeiro;
 Este por sua industria, & engenho raro,
 N'hu madeiro ajuntando outro madeiro,
 Descobrir pode a parte, que faz clara
 D'Argos, da Idra a luz, da lebre, e da Ara
 Crescen-

72

Crescendo cos successos bons primeiros
 No peyto as ousadias descobrirão
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros,
 Que hũs succedẽdo aos outros proseguirão
 D' Affrica os moradores derradeyros
 Austrais, que nũca as sete flammao virão.
 Forão vistos de nos, a tras deixando
 Quantos estão os Tropicos queymando.

73

Assi com firme peyto, & com tamanha
 Proposito vencemos à Fortuna,
 Até que nos no teu terreno estranho
 Viemo por a vltima columna;
 Rompendo a força do liquido Estanho
 Da tempestade horrifica, & importuna,
 A ti chegamos de quem sò queremos
 Sinal, que ao nosso Rey de ralenemos.

74

Esta he a verdade Rey, que não faria
 Por tão incerto bem, tão fraco premio
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
 Tão longo, tão fingido, & vao proemio;
 Mas antes descansar me deyxaria
 No nunca descansado, & fero gremio
 Da madre techys, qual pirata inico
 Dos trabalhos alheos feyto rico.

75

Assim que ó Rey, se minha grão verdade
 T'es por qual he, sincera, & não dobrada,
 Ajuntame ao despacho brevidade,
 Não me impidas o gosto da cornada:
 E s'inda te parece falsidade,
 Cuyda bem na razão que está prouada,
 Que com claro juyzo pode verse,
 Que facil he a verdade de entenderse.

76

Atento estava o Rey na segurança,
 Com que prouava o Gama o que dizia,
 Conhece delle certa confiança,
 Credito firme, em quanto proferia;
 Pondera das palavras a abastança,
 Julga na autoridade grão valia,
 Começa de julgar por enganados
 Os Cacuais curruços, mal julgados.

77

Juntamente a cobiça do proueyto,
 Que espera do contrato Lusitano,
 O faz obedecer, & ter respeito,
 Co capitão, & não co Mauro engano:
 Em fim ao Gama manda, que direyto
 Aas náos se vá, & seguro d'algum dano,
 Possa a terra mandar qualquer fazenda,
 Que pella especiaria troque, & venda.

Que

78

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
 Que nos Reinos Gangeticos faleſça,
 S'algũa traz idonea là da banda
 Donde a terra ſe acaba, & o mar começa.
 Ià da real preſença veneranda
 Se parte o capitão, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcação, que a ſua eſtâ de largo.

79

Embarcação que leue ás naos lhe pede:
 Mas o mao regedor, que novos laços
 Lhe machinaua, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças, & embaraços:
 Co elle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regioſ paços,
 Onde, ſem que ſeu Rey tenha noticia,
 Faça o que lhe enſinar ſua malicia.

80

Là bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcação baſtante, em que partiſſe,
 Ou que pera a luz cratiua do dia
 Futuro, ſua partida diſſiriſſe:
 Ià com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gencio conſentiſſe,
 Na mã tenção dos Mouros, torpe, & fera
 O que delle até li não entendera.

Era

Era este Catual, hum dos que estauão
 Corruptos pella Maumerana gente,
 O principal por quem se governauão
 As cidades do Samorim potente:
 Delle somente os Mouros esperauão
 E feyto a seus enganos torpemente,
 Etle que no concerto vil. conspira
 De suas esperanças não delira.

O Cama com instancia lhe require
 Que o mande por nas naos, & não lhe val,
 E que a ssi lho mandara, lhe refere,
 O nobre successor de Perimal:
 Porque razão lhe impede, & lhe difere
 A fazenda trazer de Portugal,
 Pois aquillo que os reis já tem mandado
 Não pode ser por ourem derogado?

Pouco obedece o Catual corrupto
 A tais palauras, antes reuoluendo
 Na fantasia algum sutil, & astuto
 Engano diabolico, & stupendo:
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue auorrecido, estava vendo,
 Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
 Porque nenhũa à patria mais tornasse.

84

Que nenhum torne à patria sò pretende
 O conselho infernal dos Maometanos,
 Porque não saiba nunca onde se estende
 A terra Eoa o rei dos Lusitanos:
 Não parte o Gama em fim, que lho defende
 O regedor dos barbaros profanos,
 Nem sem licença sua yrse podia,
 Que as almadias todas lhe colhia.

85

Aos brados, & razões do capitão,
 Respondeo o idolatra, que mandasse
 Chegar á terra as naos, que longe estão,
 Porque melhor dalli fosse, & tornasse:
 Sinal he de inimigo, & de ladrão,
 Que lá tão longe a frota se alargasse,
 Lhe diz, porque do certo, & fido amigo
 He não temer do seu nenhum perigo.

86

Nestas palauras o discreto Gama
 Encxerga bem, que as naos deseja perto
 O Casual, porque com ferro, & flama
 Lhas assalte, por odio descuberto:
 Em varios pensamentos se derrama:
 Fanc, siando está remedio certo,
 Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
 Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Qual

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
 Que do rayo solar sendo ferido,
 Vay ferir noutra parte luminoso:
 E sendo da ociosa mão mouido
 Pella casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, & telhado,
 Tremulo, aqui, & alli, & deffo segado.

Tal o vago juyzo fluctuaua
 Do Cama preso, quando lhe lembrara
 Coelho, se por caso o esperaua
 Na praya cos bateis, como ordenara:
 Logo secretamente lhe mandaua,
 Que se tornasse à frota, que deixara,
 Não fosse salteado dos enganos,
 Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte
 Imitar os illustres, & igoalallos,
 Voar co pensamento a toda parte,
 Adivinhar perigos, & euitallos:
 Com militar engenho, & sutil arte
 Entender os inimigos, & enganallos,
 Crer tudo em fim, que nunca louuarey
 O capitão que diga, não cuidey.

90.

Insiste o Malabar em tello preso,
 Se nam manda chegar à terra à armada,
 Elle constante, & de yra nobre aceso,
 Os ameaços seus nam teme nada:
 Que antes quer sobre si tomar o peso,
 De quanto mal a vil malicia ousada
 Lh'andar armando, que por em ventura
 A frota de seu Rey, que tem segura.

91.

Aquella noite esteve alli decido,
 E parte do outro dia, quando ordena
 De se tornar ao Rey mas impedido
 Foi da guarda que tinha não pequena:
 Comette lhe o Centio outro partido,
 Temendo de seu Rey castigo, ou pena,
 Se sabe esta malicia, à qual a sinha
 Saber à, se mais tempo alli o detinha.

92.

Diz lhe que mande vir toda a fazenda:
 Vendibil, que trazia, para à terra,
 Para que deuagar se troque, & venda,
 Que quẽ não quer commercio, busca guerra:
 Posto que os maos propositos entenda,
 O Gama, que o dannado peito encerra,
 Consente, porque sabe por verdade,
 Que compra co a fazenda a liberdade.

Concertãse

Concertãse que o negro mande dar,
 Embarcações idoneas com que venha,
 Que os seus bateis não quer auenturar,
 Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha;
 Partem as almadias a buscar
 Mercadorias Hispana, que conuenha,
 Escreue à seu irmão, que lhe mandasse
 A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
 A agasalhou o infame Catual:
 Co ella ficam Alvaro & Diogo,
 Que a podessem vender pelo que val,
 Se mais que obrigação, que mando & rogo
 No peito vil o premio pode, & val,
 Bem o mostra o gencio a quem o entenda,
 Pois o Cama soltou pella fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
 Penhor bastante, donde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o capitão mais tempo detinisse:
 Elle vendo que já não conuinha
 Tornar a terra porque não podesse
 Ser mais retido sendo às naos chegado
 Nella estar se deixa descansado.

96.

Nas naos estar se deyxava garoso,
 Hattê ver o que o tempo lhe descobre,
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regedor corrompido, & pouco nobre,
 Veja agora o juyzo curioso
 Quanto no rico, assi como nobre
 Pode o vil interesse & sede imiga
 Do dinheyro, que à tudo nos obriga.

97.

A Polidro matta o Rey Threicio,
 So por ficar senhor do grão tesouro,
 Entra, pelo fortissimo edificio,
 Com a filha de Acriso a chuua d'ouro,
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, & louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Da qual quasi affogada em fogo morre,

98.

Este vende munidas fortalezas,
 Faz credores, & falsos os amigos,
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 Entrega capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginais purezas,
 Sem temer d'honra, ou fama algũs perigos
 Este deprava as vezes às sciencias,
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos este faz & desfaz leis:
Este causa os perjuros entre a gente:
E mil vezes tyrannos torna os reis.
Até os que sô a Deos omnipotente,
Se dedicão, mil vezes ouuireis
Que corrompe este encantador, & illude:
Mas não sem cor com tudo de virtude.

F I M.

Canto Nono.

8.



Luerão longamente na cidade
Sem vender se a fazenda os domos
feitores,
Que os infieis por manha, &
falsidade

Fazem, que não lha comprem mercadores,
Que todo seu proposito, & vontade
Era decer ali os descubridores
Da Índia, tanto tempo que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

La no

²
 Lá no seyo Erythreo, onde fundada
 Arsinoe foy do Egeycio Ptolomeo,
 Do nome da irmã sua assi chamada,
 Que de Speis em Suez se conuerteo,
 Não longo, o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca, que se engrandesceo
 Com a superstição falsa, & profana,
 Da religiosa agoa Mahometana.

³
 Cidã se chama o porto, aonde o trato
 De todo o roxo mar mais florescia,
 De que tinha proueito grande, & grato
 O Soldão que esse Reyno possuya:
 Daqui aos Malabares, por contrato
 Dòs infieis, fermosa companhia,
 De grandes nãos, pelo Indico Oceano,
 Especiaria vem buscar cada anno.

⁴
 Por estas nãos os Mouros esperauão,
 Que como fossem grandes, & possantes
 Aquellas, que o comercio lhe tomauão,
 Com flammaz abraçassem crepitanes:
 Neste secreto tanto confiauão,
 Que já não querem mais dos nauegantes,
 Senão que tanto tempo ali tardassem,
 Que da famosa Meca as nãos chegassem.

OS LIVSIADAS DE L. DE CA.

5
Mas o governador dos céos, & gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meyo dá conuenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Instuoy piadosos accidentes
De affeição em Monçayde, que guardado
Estaua pera dar ao Gama auiso,
E merecer por isso o parayso.

6
Este de quem se os Mouros não guardauão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinauão,
A tenção lhe descobre corpe, & fera:
Muitas vezes as nãos que longe estauão
Visita, & com piedade considera
O danno, sem razão, que se lhe ordena,
Pella maligna gente Sarracena.

7
Informa o cauto Gama das armadas
Que d' Arabica Mecavem cad' anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Pera ser instrumento deste danno.
Dizlhe que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opprimido
Segundo estaua mal apercebido.

8
 O Cama que tambem considerava
 O tempo, que pera a partida o chama
 E que despacho já não esperava
 Melhor do rey, que os Mahometanos ama:
 Aos feitores, que em terra estão, mandava
 Que se tornem às náos: & porque a fama
 Desta subita vinda os não impida,
 Lhe manda que a fizessem escondida.

9
 Porem não tardou muito, que voando
 Hum rumor não soasse com verdade;
 Que forão presos os feitores, quando
 Forão sentidos virse da cidade:
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio capitão, com brevidade,
 Faz represaria n'hũs, que às náos vierão,
 A vender pedraria que trouxerão.

10
 Erão estes antigos mercadores
 Ricos em Calecũ, & conhecidos
 Da falta delles, logo entre os melhores
 Sentido foy que estão no mar retidos:
 Mas já nas náos os bõs trabalhadores,
 Voluem o cabrestante, & repartidos
 Pello trabalho, hũs puxão pella amarra,
 Outros quebrão co peito duro a barra.

Outros pendem da verga, & já desatão
 A vella, que com grita se soltava,
 Quando com mayor grita ao Rey relatão
 A pressa, com que a armada se leuava:
 As molheres, & filhos, que se matão
 D'aquelles que vão presos, onde estava
 O Samorim, se aqueixão que perdidos
 Hũs tem os pays, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos
 Com toda sua fazenda liuremente,
 A pesar dos inimigos Mahometanos,
 Porque lhe torne a sua presa gente:
 Desculpas manda o Rey de seus enganos,
 Recebe o capitão de melhormente
 Os presos, que as desculpas, & tornando
 Algũs negros, se parte as velas dando.

Parte se costa abaixo, por que encende
 Que em vão co rey gencio trabalhava,
 Em querer delle paz, a qual pretende
 Por firmar o comercio que tratava:
 Mas como aquella terra que se estende
 Pela Aurora, sabida já deixava,
 Com estas nouas torna à patria cara,
 Certos sinais levando do que achara.

14

Leua algũs Malabares, que tomou
 Per fooça, dos que o Samorim mandára,
 Quando os presos feitores lhe tomou:
 Leua pimenta ardente que comprára:
 A seca flor de Banda não ficou,
 A Noz, & o negro cravo, que faz clara
 A noua ilha Maluco, co a canella,
 Com que Ceilão he rica, illustre, & bella.

15

Estudo lhe ouuera á diligencia
 De Monçay de fiel, que tambem leua,
 Que inspirado de Angelica influenciára,
 Quer no liuro de Christo que se escreua.
 O ditoso Affricano, que a clemencia
 Diuina, assi tirou d'escura treua,
 E tão longe da patria achou maneira,
 Pera subir à patria verdadeira.

16

Apartadas assi da ardente costa,
 As venturosas náos, leuando a proa,
 Pera onde a natureza tinha posta
 A meta Austrina da esperança boa,
 Leuando alegres nouas, & reposta,
 Da parte Oriental pera Lisboa,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, tímidos, & ledos.

O prazer de chegar à patria cara,
 A seus penates caros, & parentes,
 Pera contar a peregrina, & rara
 Nauegação, os varios céos, & gentes;
 Vir a lograr o premio, que ganhara
 Por tão longos trabalhos, & accidentes,
 Cada hum, tem por gosto tão perfeito,
 Que o coração pera elle he vaso estreito.

Porem a deusa Cypria, que ordenada
 Era pera favor dos Lusitanos
 Do Padre Eterno, & por bom genio dada
 Que sempre os guia já de longos annos;
 A gloria por trabalhos alcançada,
 Satisfação de bem sofridos dannos,
 Lhe andava já ordenando, & pretendia
 Darlhe nos mares tristes alegria.

Depois de ter hum pouco reuoluido
 Na mente, o largo mar que nauegarão,
 Os trabalhos, que pello Deos nascido,
 Nas Amphioneas Thebas, se causarão.
 Já trazia de longe no sentido,
 Pera premio de quanto mal passarão,
 Buscarlhe algum deleite, algum descanso
 No reyno de cristal, liquido, & manso.

20

Algum repouso em fim, com que podesse
 Refucilar a lassa humanidade
 Dos nauegantes seus, como interesse
 Do trabalho, qu' incurta a breue idade;
 Parecelhe razão que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os deoses faz decer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao cèo sereno.

21

Isto bem reuoluido, determina
 De terlhe aparelhada lá no meo
 Das agoas algũa insula diuina,
 Ornada d'esmalcado, & verde arreo:
 Que muitas tem no Reyno, que confina
 Da mãy primeira co terreno seo,
 Afora as que possue soberanas,
 Pera dentro das portas Herculanas.

22

Alli quer que as aquaticas donzellas,
 Esperem os fortissimos barões,
 Todas as que tem titulo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos corações:
 Com danças, & coreas, por que nellas
 Influir à secretas affeições,
 Pera com mais vontade erabalharem
 De contentar a quem se affeioarem.

Tal manha buscou já, pera que aquelle
 Que de Anchises pario, bem recebido
 Fosse no campo que a bouina pelle
 Tomou de espaço, por sutil partido:
 Seu filho vay buscar, porque sò nelle
 Tem todo seu poder, fero Cupido,
 Que assi como n' aquella empresa antiga
 A ajudou já, nestoutra a ajude, & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida
 Vão da morte as exequias celebrando,
 E aquellas em que já foy conuertida
 Peristera, as boninas apanhado:
 Em derredor de deosa já partida,
 As prateadas vãs vão cortando:
 Ella por onde passa o ar, & o vento
 Sereno faz, com brando mouimento.

Já sobre os Idalios montes pende,
 Onde o filho frecheiro estava então,
 Ajuntando outros muitos, que pretende
 Fazer hũa famosa expedição
 Contra o mundo rebelde, porque entende
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,
 Amando cousas que nos forão dadas,
 Não pera ser amadas, mas usadas.

26

Via Acteon na caça, tão austero,
 De cego na alegria bruta, insana,
 Que por seguir hum feo animal fero,
 Foge da gente, & bella forma humana:
 E por castigo quer doce, & severo,
 Mostralhe a fermosura de Diana,
 E guarde-se não seja inda comido
 D'esses cães que agora ama, & consumido.

27

Vé do mundo todo os principais,
 Que nenhum no bem publico imagina,
 Vê nelles, que não tem amor a mais
 Que a si sòmente, & a quem Philancia insina:
 Vê que esses que frequentão os reais
 Paços, por verdadeira, & saã doutrina,
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondar-se o nono erigo florcente.

28

Vé que aquelles que deuem á pobreza
 Amor diuino, & ao pouo charidade,
 Amão sòmente mandos, & riqueza,
 Simulando justiça, & integridade:
 Da fea tyrannia, & de asperza
 Fazem direito, & vã seueridade:
 Leys em favor do Rey se stabelescem,
 As em favor do pouo sò perescem.

Veem

Vè em fim que ninguem ama o que deue,
 Senão o que sòmente mal deseja,
 Não quer que tanto tempo se releue,
 O castigo que duro, & justo seja:
 Seus ministros ajunta, porque leue
 Exercitos conformes á peleja,
 Que espera ter coa mal regida gente,
 Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
 Estão em varias obras trabalhando,
 Hũs amolando ferros passadores,
 Outros hasteas de settas delgaçando,
 Trabalhando cantando estão de amores,
 Varios casos em verso modulando,
 Melodia sonora, & concertada,
 Suaue a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjauão,
 Pera as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estauão,
 Viuas entranhas inda palpitantes:
 As agoas onde os ferros temperauão,
 Lagrimas são de miseros amantes,
 A viua flama, o nunca morto lume,
 Desejo he sò que queima, & não consume.

32

Algũs exercitando a mão andauão,
 Nos duros corações da plebe ruda,
 Crebros sospiros pello ar soauão,
 Dos que feridos vão, da setta aguda:
 Fermosas Nymphas são, as que curauão
 As chagas recebidas, cuja ajuda,
 Não somente dá vida aos mal feridos:
 Mas põe em vida os inda não nascidos.

33

Fermosas são algũas, & outras feas,
 Segundo a calidade for das chagas,
 Que o veneno espalhado pellas veas,
 Curãono às vezes asperas triagas:
 Algũs ficão ligados em cadeas,
 Por palauras sutis de sabias Magas,
 Isto acontece às vezes quando as settas
 Acertão de leuar hernas secretas.

34

Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nacem amores mil desconcertados,
 Entre o pouo ferido miserando:
 E tambem nos heroes de altos estados,
 Exemplos mil se vem de amor nefando,
 Qual o das moças, Bibli, & Cynirea
 Hum mancebo de Assiria, hum de Iudea.

E vos ó poderosos por pastoras
 Muias vezes ferido o peyro vedes,
 E por bayxos, & rudos vos senhoras
 Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,
 Hús esperando andais nocturnas horas,
 Outros subis telhados, & paredes,
 Mas eu creyo que deste amor indino,
 He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas já no verde prado o carro leu,
 Punhão os brancos cisnes mansamente,
 E Dione, que as rosas entre a neu
 No rosto traz, decia diligente:
 O Frecheiro, que contra o céo se atreu,
 A recebella vem, ledo, & contente,
 Vem todos os Cupidos seruidores,
 Beijar a mão à deosa dos amores.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada,
 Lhe diz, amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada:
 Filho em quem minhas forças sempre estão,
 Tu que as armas Tiphreas tens em nada,
 A socorrerme a tua potestade,
 Me traz especial necessidade.

38

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
 Qu'eu já de muyto longe fauoreço,
 Porque das Parcas sey minhas amigas
 Que m'ande venerar & ter em preço.
 E porque tanto imitação das antigas
 Obras de meus Romanos, me offeresço
 A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estende o poder nosso.

39

E porque das insidias do odioso
 Baccho forão na India molestadas,
 E das injurias sós do mar vndoso,
 Poderão mais ser mortos, que cansados:
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foy, quero que sejam repousados,
 Tomando aquelle premio, & doce gloria
 Do trabalho que faz clara a memoria.

40

E pera isso queria que feridas
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,
 De amor dos Lusitanos encendidas,
 Que vem de descobrir o novo mundo:
 Todas n'ũa ilha juntas, & subidas,
 Ilha que nas entranhas do profundo
 Oceano, terey aparelhada,
 De dões de Flora, & Zephyro adornada.

Alli com mil refrescos, & manjares,
 Com vinhos odoriferos, & rosas,
 Em cristalinos paços singulares,
 Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:
 Em fim com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as Nymphas amorosas,
 Damor feridas, pera lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobigarem.

Quero que aja no Reyno Neptunino
 Onde eu nasci, progenie forte, & bella,
 E tome exemplo o mundo, vil, malino,
 Que contra sua potencia se reuella,
 Por que entendão que muro adamantino,
 Nem triste hypocresia val contr'ella
 Mal auerà na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Assim Venus propoz, & o filho inico
 Pera lhe obedecer já se apercebe,
 Manda trazer o arco eburneo rico,
 Onde as settas de ponta d'ouro embebe;
 Com gesto ledo a Cypria, & impudico,
 Dentro no carro o filho seu recebe,
 A redea larga às aues, cujo canto
 A Phaetontea morte chorou tanto.

44

Mis diz Cupido, qu'era necessaria
 Hũa famosa, & celebre terceyra,
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,
 Outras muytas a tem por companheyras:
 A deosa Gigantea temeraria,
 Iactante, mentirosa, & verdadeyra,
 Que com cem olhos vê, & por onde voa
 O que vê com mil bocas apregoa.

45

Vão a buscar, & mandão adiante,
 Que celebrando vâ com tuba clara,
 Os louvores da gente nauegante,
 Mais do que nunca os doutrem celebraras:
 Ia murmurando a fama penetrante
 Pellas fundas cavernas se espalhara,
 Fala verdade, a vida por verdade,
 Que junto a deosa traz Credulidade.

46

O louvor grande, o rumor excellente
 No coração dos deoses, qu'indinados
 Forão por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco afeycoados:
 O feyto feminil, que leuemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Iá julga por mão zelo, & por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede

OS LVSI ADAS DE L. DE CA.

47

Despede nisto o fero moço as setas
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,
Dereitas pellas ondas inquietas,
Algũas vãõ. & algũas fazem giros:
Caem as Nymphas, lanção das secretas
Entranhas ardentissimos foffiros,
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pade a fama.

48

Os cornos ajuntou da eburnea lũa,
Com força o moço indomito excessiua,
Que rethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:
Ja não fica na aljava setta algũa,
Nem nos equoreos campos Nympha viua,
E se feridas inda estão viuendo,
Ser à pera sentir que vãõ morrendo.

49

Day lugar altas, & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as branças velas, & redondas
Que vem por cima d'agona Neptunina:
Pera que tu reciproco respondas
Ardente amor à flama feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

50.

lá todo o bello core se aparelha
 Das Nereidas, & junto caminhava
 Em cousas gentis, vsança velha,
 Para a ilha, à que Venus as guiana:
 Alli a fermosa deosa lhe aconselha,
 O que ella fez mil vezes, quando amava
 Ellas que vão do doce amor vencidas,
 Estão à seu conselho offerecidas.

51.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente, para a patria amada,
 Desejando prouerse de agoa fria,
 Para a grande viagem prolongada:
 Quando juntas com subita alegria,
 Ouuerão vista da ilha namorada,
 Rompendo pelo céo a mãy fermosa,
 De Menonio suauè & deleitosa.

52.

De longe a ilha virão fresca, & bella,
 Que Venus pellas ondas lha leuava,
 (Bem com o vento leua branca vela)
 Para onde a forte armada se enxergava.
 Que porque não passasse sem que nella
 Tomassem porto, como desejava,
 Para onde as naos navegão a mouia
 A Cidalia, que tudo em fim podia.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

53.

Mas firme a fez immobil, como vio
Que era dos Nautos vista & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a deosa a caça usada:
Para lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia hũa enseada
Curua, & quieta, cuja branca areia,
Pintou de viuas conchas Cytherea.

54.

Tres fermosos ouceiros se mostrauão.
Erguidos com soberba graciosa,
Que de Gramineo esmalte se adornauão,
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes & limpidas manauão
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se deriuã,
A sonora Lympha fugitiua.

55.

Num vallea meno, que os ouceiros fende,
Uinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginarse:
A ruoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Uendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Mil

56.

Nil arvores estão ao ceo subindo,
 Com pomos odoríferos & bellos,
 A Larangeira tem no fructo lindo
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
 Encostase no chão, que está caindo
 A Cidreira, & os pesos amarellos,
 Os fermosos limões alli cheirando
 Estão virgineas tetas imitando.

57.

As arvores agrestes, que os outeiros
 Tem com frondente coma ennobrecidos
 Aemos são de Alcides, & os loureiros
 Do louro Deos amados, & queridos:
 Myrtos de Cytherea, & os Pinheiros,
 De Cybelle por outro amor vencidos,
 Está apontando o agudo Cypariso
 Para onde he posto o ethereo parayso.

58.

Os dons que dà Pomona, alli natura
 Produze differentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dão muito melhores.
 As cerejas purpureas na pintura,
 As amoras, que o nome tem de amores,
 O pomo, que da patria Persia veo,
 Melhor sernado no terreno alheo.

Abre a Roma, mostrando a rubicunda
 Cor, com que tu Rubi, teu preço perdes:
 Entre os braços do ultimo está a jocunda
 Vide co hñs cachos, raxos & outros verdes:
 E vos se na vossa aruore fecunda
 Peras pyramidaes viuer quiserdes,
 Entregaiuos ao danno, que cos bicos,
 Em vos fazem os passaros iniquos.

Pois a tapeçaria bella & fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina:
 Mas o sombrio valle mais ameno:
 Alli a cabeça o flor Cyphisia inclina,
 Sobre o tanque lucido & sereno,
 Florece o filho & neto de Cyniras,
 Por quem tu deosa Paphia inda suspiras.

Para julgar difficil consa fora,
 No céo vendo, & na terra as mesmas cores
 Se daua áas flores cor a bella Aurora,
 Ou se lha dão a ella as bellas flores:
 Pintando estava alli Zephyro, & Flora
 As violas da cor dos amadores,
 O lyrio roxo, a fresca rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella.

A candida Cecem das Matuzinas
 Lagrimas ruciada, & a Manjarona,
 Vense as letras nas flores Hyacincinas
 Tam queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos, & boninas
 Que competia cloris com Pomona:
 Pois se as aues no ar cantando voão,
 Alegres animais o chão pouoão,

A longo da agoa niueo Cisne canta,
 Responde lhe do ramo Philomela,
 Da sombra de seus cornos nam se espasa
 Ateon nagoa cristalina, & bella:
 Aqui a fugace Lebre se leuanta
 Da espessa mata, ou temida Gazella,
 Ali no bico traz ao caro ninho,
 O mantimento ò leue passarinho.

Nesta frescura tal desembarcauão
 Ia das naos os segundos Argonautas,
 Onde pela floresta se deixauão
 Andar as bellas Deosas como incautas,
 Algũas doces Cytaras tocauão,
 Algũas arpas, & sonoras frautas,
 Outras cos arcos de ouro se fingião
 Seguir os animais, que nam seguião.

Assi lho aconselhara a mestra experta,
 Que anda sem pellos campos espalhada,
 Que vista dos barões a presa incerta:
 Se fizessem primeiro desejada
 Algũas, que na forma descuberta,
 Do bello corpo estauam confiadas,
 Posta a artificiosa fermosura,
 Nuas lavar se deixam na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya,
 Punhão os pés da terra cubiçosos,
 Que não ha nenhum delles, que não sayã
 De acharem caça agreste desejosos,
 Não cuydão, que sem laço, ou redes caya
 Caça naquelles montes deleytosos,
 Tão suaue, domestica, & benigna,
 Qual ferida lha tinha ja Eritima.

Algũs que em espingardas, & nas bestas
 Pera ferir os Cernuos se fiaão,
 Pellos sombrios matos, & florestas
 Determinadamente se lançaão
 Outros nas sombras, que de as altas festas
 Defendem a verdura, passeauão
 Ao longo da agoa, que suaue, & queda
 Por almas pedras corre à praya leua.

68.

Começão de enxergar subitamente,

Por entre verdes ramos varias cores,
 Cores de quem à vista julga, & sente,
 Que não erão das rosas, ou das flores,
 Mas da lam fina, & seda diferente
 Que mais incita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendose por arte mais fermosas.

69.

Dà Velloso espantado hum grande grito,
 Senhores caça estranha disse he esta,
 Se inda durão o Gencio antigo rico,
 A Deosas he sagrado esta floresta:
 Mais descobrimos do q̃ humano esprito,
 Desejou nunca, & bem se manifesta,
 Que sam grandes as cosas, & excellêtes
 Que omũdo ecobre aos homẽs imprudentes

70.

Sigamos estas Deosas, & vejamos,
 Se fantascicas sam, se verdadeiras,
 Isto dico velloces mais que Gamos,
 Se lançam a correr pelas ribeiras: (mõs
 Fugindo as Nimphas vão por entre os ra-
 Mas mais industriosas que ligeiras,
 Pouco, & pouco surrindo, & gritos dando
 Se deixão yr dos Galgos alcançando.

Os Lusíadas de Luys de Camões.

71.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo, é da outra as fraldas delicadas,
Acendese o desejo que se ceua
Nas aluas carnes, subito mostradas,
Hũa industria cae, & ja releua
Com mostras mau masias, q̃ indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

72.

Outros por outra parte vão copar,
Com as Deosas despidas, que se lauão,
Ellas cemeçam subito agrucar,
Como que aſſalto tal nam esperauão,
Hũas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançauão
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando.

73.

Outra como acudindo mais de pressa,
A verhonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo nagoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora:
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, & calçado (q̃ co a mora).
Desse despir, ha medo que inda tarde
A matar na agoa fogo que nelle arde.

Qual

74.

Qual cam de caçador sagaz, & ardido,
 Usado a tomar na agoa aue ferida
 Vendo resto o ferreo cano erguido,
 Pera Garcenba, ou Pata conhecida,
 Antes que soe o estouro, mal sofrido
 Salta nagoa, & da presa nam duuida,
 Nadando vay, & latindo, assi o mancebo
 Remete ha que nam era yrmaã de Phebo.

75.

Lionardo soldado bem desposto,
 Manhofo, cavalleiro, & namorado,
 A quem amor nam dera hum so desgosto,
 Ma sempre fora delle mal tratado:
 E tinha ja por firme prosuposto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porem nam que perdesse a esperança,
 De inda poder seu fado ter mudança.

76.

Quis aqui sua ventura, que corria
 A pos Esfire, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria,
 O que deu pera darse a natureza,
 ia cansado correndo lhe dizia,
 O fermosura indigna de de asprezas:
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos

Todas de correr cansam, Nimpha pura,
 Rendingose á vontade do inimigo,
 Tu sò de misõ foges na espissura?
 Quem te disse que eu era o que te figo?
 Se to tem dito ja aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda cõ migo,
 O nam na creas, porque eu quando a cria
 Mil vezes cada hora me mencia.

Nam canses, que me causas, & se queres
 Fugirme, por que nam possa tocar-te,
 Minha ventura he tal, q̃ inda que esperes
 Ella farà que nam possa alcançarte;
 Espera, quero ver, se tu quiseres,
 Que sutil modo busca de escaparte,
 E notaràs no fim deste successo,
 Tra la spica, è la man, qual muro he messo.

O nam me fujas, assi nunca o breue
 Tempo fuja de tua fermosura,
 Que sò com refrear o passõ leue,
 Venceràs da fortuna a força dura,
 Que Emperador, que exercito se acreue,
 À quebrantar a furia da ventura,
 Que em quanto desejey me vay seguindo,
 O que tu sò faras nam me fugindo?

80.

Poeste da parte da desdita minha...?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente;
 Leuas me hum coraçam, q̃ liure tinha?
 Soltamo, & correras mais leuemente.
 Nam te carrega essa alma tammezquinha
 Que nesses fios de ouro reluzente,
 Atada leuas? ou despois de presa,
 Lhe mudaste a ventura, & menos pesa:

81.

Nesta esperanza s'ò te vou seguindo,
 Que ou tu nam sofrás o peso dello,
 Ou na virtude de teu gesto lindo,
 Lhe mudaràs a triste, & dura estrella:
 E se se mudar, nam vas fogindo,
 Que Amor te ferir à gentil donzella,
 E tu me esperaràs, se Amor tè fere,
 E se me esperas, nam hà mais que esperer.

82.

Ià nam fugia à bella Nimpha, tanto
 Por se dar cara ao triste que a seguia,
 Como por yr ouuindo o doce canto,
 As namoradas magoas, que dizia:
 Uoluendo o rosto já sereno, & sancto,
 Toda banhada em riso, & alegria,
 Cairse deixa aos pés do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro Amor.

O que

O que famintos beijos na floresta,
 E que mimoso choro que soava,
 Que a fogos tam suaves, que yra honesta,
 Que em risinhos alegres se tornaua:
 O q̃ mais passam na menhã, & na sesta
 Que Venus com prazares inflamaua,
 Melhor he esprimentalo que julgalo,
 Mas julgue o quem nã pode esprimẽtalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas
 Nymphas, cos seus amados nauégantes,
 Os ornão de capellas deleitosas,
 De louro, & de ouro, & flores abundãtes
 As mãos aluas lhe dauão como esposas
 Com palauras formais, & estipulantes,
 Se prometem eterna companhia
 Em vida, & morto, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha
 Todo o coro das Nymphas, & obedece,
 Que dizem ser de Celo, & Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece,
 Enchẽdo a terra, & o mar de marauilha
 O Capitão illustre que o merece,
 Recebe ali com pompa honesta & regia,
 Mostrandose senhora grande, & egregia.

Que despois de lhe ter dito quem era,
 Com alto exordio de alta graça ornado,
 Dando lhe à entender, que alli viera
 Por alta influicão do immobel fado.
 Para lhe descobrir da vnida esphra,
 Da terra immensa, & mar não nauegado.
 Os segredos, por alta prophecia,
 O que esta sua nação sò merecia.

Tomando o pella mão o leua, & guia
 Para o cume dum monte alto, & diuino,
 No qual hũa rica fabrica se erguia
 De cristal toda, & d'ouro puro, & fino:
 A maior parte aqui passãõ do dia
 Em doces jogos, & em prazer contino,
 Ella nos paços logra seus amores,
 As outras pelas sombras entre as flores.

Assim a fermosa, & a forte companhia,
 O dia quasi todo e stão passando,
 Nũa alma, doce, incognita alegria,
 Os trabalhos tãõ longos compensando:
 Porque dos feitos grandes, da onfadia
 Forte & famosa, o mundo estã guardando
 O premio lâ no fim bem merecido,
 Com fama grãde, & nome alto & subido.

Que as Nymphas do Oceano tão fermosas,
 Tetys & a ilha angelica pintada,
 Outra cousa não he, que as delectosas
 Honras, que a vida fazem sublimada:
 Aquellas preminencias gloriosas,
 Os triumphos, a fronte coroada
 De palma, & louro, a gloria & maravilha
 Estes são os delectes desta ilha.

Que as immortalidades que fingia
 Antiquidade, que os illustres ama,
 Lá no stellante Olympo à quem subia,
 Sobre as asas inclycas da fama,
 Por obras valerosas, que fazia,
 Pello trabalho immenso, que se chama
 Caminho da virtude, alto & fragoso:
 Mas no fim doce, alegre, & delectoso.

Não erão se não premios, que reparte
 Por feitos immortaes & soberanos,
 O mundo cos varões, que esfusco & arte
 Divinos os fizerão, sendo humanos:
 Que Iuppiter, Mercurio, Phebo, & Marte
 Eneas, Equirino, & os dous Thebanos
 Ceres, Pallas, & Iuno com Diana
 Todos forão de fraca carne humana.

92.

Mas a fama, trombeta de obras taes,
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
 De Deoses, Semedeoses immortaes
 Indigetes, Heroicos, & de Magnos
 Por isso, ô vos que as fâmas estimaes,
 Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
 Despertay já do sono do ocio ignauo,
 Que o animo de liure faz escravo.

93.

E ponde nâ cobica hum freo duro,
 E na ambiçam tambem, que indignamete
 Tomais mil vezes, & no torpe & escuro
 Vicio da tyrannia infame, & urgente:
 Porque essas honras vans, esse ouro puro
 Verdadeiro valor nam dam a gente,
 Melhor he merecellos, sem os ter
 Que possuydo, sem os merecer.

64.

Ou day na paz as leys iguaes constantes,
 Que aos grandes nam dem o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos imigos Sarracenos,
 Fareys os Reynos grandes, & possantes,
 E todos tereys mais, & nenhum menos
 Possuyreis riquezas merecidas,
 Cõ as honras, que illustram tanto as vidas.

E fareis

E fareis claro o Rey, que tanto amais,
 Agora cõs conselhos bem cuidados,
 Agora cõ as espadas, que immortais
 Vos forão, como os vossos já passados:
 Impossibilidades não façais,
 Que quẽ quis sempre pode: & numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,
 E nessa ilha de Venus recebidos.

F I M.

Canto Decimo, & ultimo.

I.

MAs ja o claro amador da Larissea
 Adultera, inclinava os animais,
 La para o grande lago, que rodea
 Temitistão, nos fins Occidentaes:
 O grande ardor do sol Fanonio enfrea,
 Co sopro, que nos tanques naturaes
 Encrespa a agoa serena, & despertana
 Os Lirios, & iazmins q̃ a calma agrana.

Quando

2

Quando as fermosas Ninfas cos amantes
 Pella mão ja conformes, & contentes,
 Subião pera os paços radiantes,
 E de metais ornados reluzentes:
 Mandados da Raynha, que abundantes
 Mesas, d'altos manjares, excellentes,
 Lhe tinha aparelhados, que a fraquez
 Restaurem da cansada natureza.

3

Alli em cadeyras ricas cristalinas,
 Se assentão dous, & dous, amante, & dama,
 Noutras à cabeceyra d'ouro finas,
 Está coa bella Deosa o claro Gama:
 De iguarias suaves, & diuinas,
 A quem não chega a Egypcia antiga fama,
 Se accumulão os pratos de fuluo ouro,
 Trazidos lâ do Atlantico tesouro.

4

Os vinhos odoriferos, que acima
 Estão nam sò do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno:
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
 Cresças escumas erguem, que no interno
 Coração mouem subita alegria,
 Saltando coa mistura d'agoa fria.

Mil praticas alegres se tocaão,
 Risos doces, sutis, & argutos ditos,
 Que entre hũ, & outro m̃ajar se alevãtauaõ
 Despertando os alegres apeticos:
 Musicos instrumentos não faltauão,
 Quais no profundo Reyno, os nũs espiritos,
 Fizerão descansar da eterna pena,
 Cũa voz d' hũna angelica Syrena.

Cantava a bella Nimpha, & cos accentos
 Que pelos altos paços vão soando,
 Em consonancia igual, os instrumentos
 Suaves vem a hum tempo conformando:
 Hum subito silencio enfrea os ventos,
 E faz ir docemente murmurando
 As agoas, & nas casas naturais
 Adormecer os brutos animas.

Com doce voz estã subindo ao ceo
 Altos varões, que estão por vir ao mundo,
 Cujas claras Ideas vio Frotheo,
 Num globo vão, diáfano, rotundo,
 Que iupiter em dom lho concedeo
 Em sonhos, & depois no Reyno fundo
 Vaticinando o disse, & na memoria
 Recolheo logo a Nimpha a clara historia.

Materia he de Corurno, & não de Soco

A que a Nimpha aprendeo no immenso lago,

Qual Topas não soube, ou Demodoco,

Ente e os Pheaces hum, outro em Carthago:

Aqui minha Caliope te inuoco

Neste trabalho extremo, porque em pago

Me tornes, do q̄ escreuo, & em vão pretendo

O gosto de escrever, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & já do Estio

Ha pouco que passar até o Otono,

A fereuna me fez o engenho frio,

Do qual já não me jacto, nem me abono:

Os desgostos me vão levando ao rio

Do negro esquecimento, & eterno sono,

Mas tu me dá q̄ cumpra, ò grão Raynha

Das Musas, cò que quero á nação minha.

Cantava a bella Deosa, que virião

Do Tj, pelo mar que o Gama abriua,

Armadas que as ribeyras vencerião,

Per onde o Oceano Indico suspirava:

E que os Gentios Reys, que não darião

A cerviz tua ao jugo o ferro, & ira

Peonariao do braco duro, & forte,

Até renderse a elle, ou logo á morte.

OS LYSI AD. DE L. DE CAM.

11

Cantava d'hum que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que sò por não quebrar cos singulares
Barões, os nós que dera damizade,
Sofrer à suas cidades, & lugares,
Com ferro, incendios, ira, & crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais odios terà coa noua gente.

12

E canta como lâ se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano;
O peso sentirão, quando entraria,
O curuo lenho, & o feruido Oceano,
Quando mais nagoa os troncos, q̃ gemerem,
Contra sua natureza se meterem.

13

Mas já chegado aos fins Orientais,
E deyxado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado, & curuo rio,
Desbaratarà os Nayres infernais
No passo Cambalão, tornando frio
Despanto o ardor immenso do Oriente,
Que verà tanto obrar tão pouca gente.

14.

Chamará o Samorim, mais gente noua:
 Vierão Ryis de Bipur, & de Tánôr,
 Das serras de Narsinga, que alta proua
 Estarão prometendo a seu senhor:
 Fará que todo o Naire em fim se moua,
 Que entre Calicú jaz, & Cananor,
 Dambas as leys immigas, pera a guerra,
 Mouros por mar, Gencios pella terra.

15.

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra, & mar, o grão Pacheco ousado,
 A grande multidão que yrá matando,
 A todo o Malabar terá admirado:
 Cometerá outra vez não dilatando
 O Gencio os combates apressado,
 Injuriando os seus, fazendo vocos
 Emvão aos Denses vãos, & surdos, & immotos.

16.

Ja não defenderá somente os passos,
 Mas queimar lhe ha lugares, rēplos, casas:
 Aceso de yra o Cão, não vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rasas:
 Fará que os seus de vida pouco escassos,
 Cometão Pacheco que tem asas
 Por dous passos num tempo, mas voando
 De hum n' outro, tudo yrá desbaratando.

Virá ali o Samorim, por que em pessoa
 Ueja a bacalha, & os seus esforce, & anime
 Mas hum tiro, que com zonido voa,
 De sangue o tingirá no andor sublime:
 Ia não verá remedio, ou manha boa,
 Nem forçã, que o Pacheco muito estime,
 Inuentara traçoões, & vãos venenos,
 Mas sempre (o ceo querendo) forá menos.

Que tornarâ a vez septima, cantaua,
 Pelleijar co inuicto & forte Luso,
 A quẽ nenhum trabalho, pesa, & agraua,
 Mas com tudo este so o farâ confuso:
 Trará pera a bacalha horrenda, & braua,
 Machinas de madeiros fora de uso,
 Pera lhe abalroar as Carauellas,
 Que ateli não lhe fora comerellas.

Pella agoa levarâ ferras de fogo
 Pera abrasar lhe quanta armada tenha,
 Mas a militar arte, & engenho, logo
 Farâ, ser vaã a braueza com que venha:
 Nenhum claro barão não Martio jogo,
 Que nas asas da fama se sostenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma,
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma,

Porque

20.

Porque tantas batalhas sosteneadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, & artes inuentadas
 Tantos Cães não imbelles profligados:
 Ou pareceram fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes Coros innocados
 Deceram a ajudallo, & the davam
 Esforço, força ardil, & coraçam.

21.

Aquelle que nos Campos Marathonios
 O gram poder de Dario estrue, & rende,
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Termopilas defende
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defença da potente, ou Quinto Fabio
 Foy como este na guerra forte & sabio.

22.

Mas neste passo a nimpha o som canoro
 Abaxando, fez ronco, & entristecido,
 Cantando em baxa voz enuolca em choro
 O grande esforço mal agradecido:
 O Belisario, disse, que no coro
 Das Musas seras sempre engrandecido,
 Se em ti viste abatido o brauo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te.

Aqui tens companheiro assi nos feitos
 Como no galardão injusto, & duro,
 Em ti, & nelle veremos altos peitos,
 A baxo estado vir humilde, & escuro;
 Morrer nos hospitaes em pobres leitos,
 Os que ao Rey, & á lei seruem de muro,
 Isto fazem os Reys, cuja vontade
 Manda mais q̃ a justiça, & q̃ a verdade.

Isto fazem os Reys, quando embebidos
 Nũa apparencia branda que os contenta,
 Dão os premios de Aiaze merecidos,
 Aa lingua vãã de Ulisses fraudulenta:
 Mas vingome que os bens mal repartidos
 Por quem so doces sombras apresenta,
 Se não os dão a sabios caualeiros,
 Dão os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tão malpagado
 Hum tal vassalo, o Rey nisto sô inico,
 Se não es pera darlhe honroso estado,
 He elle pera dartte hum reino rico:
 Em quanto for o mundo rodeado
 Dos Apolioneos rayos, eu te fico
 Que elle seja entre a gente illustre & claro
 E eu nisto culpado por auaro.

26.

Mas eis outro, cantana, intitulado

Vem com nome real, & traz consigo
 O filho, que no mar será illustrado
 Tanto como qualquer Romano antigo:
 Ambos darão com braço forte, armado
 A Quiloa fertil aspero castigo
 Fazendo nella Rey leal, & humano,
 Deitando fora perfido Tirano.

27.

Tambem forão Mombaca, que se arrea

De casas sumptuosas, & edificios,
 Coferro, & fogo seu, queimada, & fea,
 Em pago dos passados maleficios:
 Depois na costa da India, andando chea
 De lenhos inimigos, & artificios,
 Contra os Lusos: com vellas, & com remos
 O mancebo Lourenço fará estremos.

28.

Das grandes naos, do Samorim potente,

Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,
 Que sae com tronão do cobre ardente,
 Far a pedaços leme, masto, vela,
 Depois lançando ar peos ousadamente
 Na capitainia immiga: dentro nela
 Saltando, a furâso com lança, & espada
 De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

Mas de Deos a escondida prouidencia,
 Que ella so sabe bem de que se serue,
 O pera onde esforço, nem prudencia
 Poderà auer, que a vida lhe reserue:
 Em Chaul, onde em sangue & resistencia
 O mar todo com fogo & ferro ferue,
 Lhe faram, que com vida se nam saya
 As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos
 Que o grande esforço, so com força rede,
 Os ventos que faltaram, & os perigos
 Do mar, que sobejaram, tudo o ofende:
 Aqui resurjam todos os antigos,
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,
 Outro Scena veram, que espedaçado
 Nam sabe ser rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços,
 Lhe leua hum cego tiro, que passara,
 Se serue inda dos animosos braços,
 E do gram coraçam, que lhe ficára:
 Até, que outro pilouro quebra os laços,
 Com que co alma o corpo se liára,
 Ella solta voou da prisam fora,
 Onde subito se acha vencedor a.

32.

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,
 Na qual tu mereceste paz serena,
 Que o corpo que em pedaços se apresenta,
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:
 Que eu ouço recumbar a gram tormenta,
 Que vem já dar a dura, & eterna pena,
 De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

33.

Eis vem o pay com animo estupendo,
 Trazendo furia & magoa por antolhos,
 Com que o paterno amor lhe está mouendo
 Fogo no coração, goa nos olhos:
 A nobre yra lhe vinha prometendo,
 Que o sangue fará dar pellos gíolhos
 Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,
 Podelo ha o Indo ver, & o Gange ouuilo.

34.

Qual o Touro cioso, que se ensaya
 Pera a crua pelleja, os cornos tenta
 No tronco de hum Craualho, ou alta Faya
 E o ár ferindo, as forças esprimenta:
 Tal, antes que no seyo de Cambaya
 Entre Francisco irado na opulenta
 Cidade de Dabul, a espada ofsa,
 Abaxandolhe a sumida onfadia.

E logo

E logo entrando fero na enseada
 De Dio, illustre em cercos, & batalhas
 Fará espalhar a fraca, & grande armada,
 De Calicu, que remos tem por malhas:
 A de Milique Yaz a cautelada,
 Cos pelouros que em Vulcano espalhas,
 Fara yr ver o frio, & fundo assento,
 Secreto leito de humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
 A furia esperará dos vingadores,
 Verá braços, & pernas yr nadando,
 Sem corpos, pello mar, de seus senhores,
 Rayos de fogo yrão representando
 No cega ardor, os brauos domadores,
 Quando ali sentirão olhos, & ouvidos,
 E fumo, ferro, flammas, & alaridos.

Mas ha, que desta prospera victoria,
 Com que despois virá ao patrio Tejo,
 Quasi lhe roubará a famosa gloria
 Hum successo que triste, & negro vejo:
 O Cabo Tormentorio, que a memoria
 Cos ossos guardará não terá pejo.
 De tirar deste mundo aquelle espirito,
 Que não tirarão toda a India, & Egypto.

38

Alli Cafres seluagens poderão,
 O que destros inimigos não poderão,
 E rudos paos tostados sòs farão,
 O que arcos, & pelouros não fizerão,
 Occultos os juizos de Deos saõ,
 As gentes vãs, que não nos entenderão,
 Chamão olhe fado mau, fortuna escura,
 Sendo sò providencia de Deos pura.

39

Mas ò que luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a Ninfa, & a voz alevantava,
 Là no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:
 Pello Cunha tambem, que nunca extinto
 Ser à seu nome, em todo o mar que lava,
 As ilhas do Austro, & prayas, q̃ se chamão
 De S. Lourenço, & em todo o Sul se afamão.

40

Esta luz he do fogo, & das luzentes
 Armas, com q̃ Albuquerque ir à amãsando
 De Ormuz os Parseos, por seu mal valêtes,
 Que refusam o jugo honroso, & brando:
 Alli verão as settas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem estende a Fè da Madre Igreja.

Alli

41

Alli do sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que morios pela praya, & mar se estendem
 De Gerum, da Mazcate, & Calayace:
 Até que à força so de braço aprendem
 A abaxar a cerviz, onde se lhe ac
 Obrigação de dar o Reyno unico
 Das perlas de Barem tributo rico.

42

Que gloriosas palmas recer vejo,
 Com que victoria a fronte lhe coroa,
 Quando sem sombra vã de medo, ou pejo
 Toma a ilha Illustrissima de Co
 Depois, obedecendo ao duro ensejo
 A duxta, & occasião espera bo
 Com que a torne a tomar, q̄ esforço, & arte
 Vencerão a Fortuna, & o proprio Marte.

43

Eis já sobrella coroa, & vay ro npendo
 Por muros, fogo, lanças, & pilouros,
 Abirindo com a espada o espasso, & horrêdo
 Esquadrao de Gencios, & de Mourros
 Trão soldados inclitos fazendo
 Mais que Liões famelicos, & Touros,
 Na luz que sempre celebrada, & digna
 Será da Egyptia Sancta Caterina.

44

Nem tu menos fugir poderàs deste,
 Posto que rica, & posto que assentada
 Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada:
 As settas venenosas que fizeste,
 Os Crises com que já te vejo armada,
 Malaios namorados, laos valentes
 Todos farão ao Luso obedientes.

45

Mais estanças cantara esta Syrena
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
 Mas alembroulhe hũa ira que o condena,
 Posto que a fama sua o mundo cerque:
 O grande capitão, que o fado ordena
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ser hum brando companheyro
 Pera os seus, que juiz cruel, & inteyro.

46

Mas em tempo que fomes, & asperezas
 Doenças, frechas, & trovoões ardentes,
 A sação, & o lugar fazem cruezas
 Nos soldados a todo obedientes:
 Parece de selvaticas brutezas,
 De peitos inhumanos, & insolentes,
 Dar excremo suplicio pela culpa
 Que a fraca humanidade, & amor desculpa.

Não

Não será a culpa abominoso incesto,
 Nem violento estupro em virgem pura,
 Nem menos adulterio deshonesto,
 Mas cūa escrava vil, lasciuva, & escura:
 Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
 Ou de usado a crueza fera, & dura,
 Cos seus hũa ira insana não refrea,
 Poem na fama alua nota, negra, & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado
 Da sua Campaspe, & deulha alegremente,
 Não sendo seu soldado experimentado,
 Nem vendose num cerco duro, & urgente:
 Sentio Ciro que andaua ja abrasado
 Araspas, de Panthea em fogo ardente,
 Que elle tomâra em guarda, & prometia
 Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
 Fora de amor, que em fim não tem defensa,
 Leuemente o perdoa, & foy seruido
 Delle num caso grande em recompensa:
 Per força de tudita foy marido
 O ferreo Balduuino, mas dispensa
 Carlos pay della, posto em cousas grandes,
 Que vna, & pouoador seja de Frandes.

50.

Mas proseguindo a Nimpba o longo caneo
 De Soarez cançãna, que as bandeiras
 Faria tremular, & por espanto,
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:
 Medina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, & Gidã, co as derradeiras
 Prayas de Abasia: Barbar à se teme,
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

51.

A nobre Ilha tambem de Taprobãna,
 Iã pello nome antigo tão famosa,
 Quanto agora soberba, & soberana,
 Pella corticã calida, cheirosa,
 Della dar à tribuçãõ à Lusitãna
 Bandeira, quando excelsa, & gloriosa,
 Uencendo se erguerã na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tão temida.

52.

Tambem Sequeira às ondas Eritreas,
 Diuidindo, abrirã nouo caminho,
 Pera ti grande Imperio que te arreias
 De seres de Candace, & Sabã ninho:
 Maçua com Cisternas de agoa cheas
 Verã, & o porto Arguico all vizinho
 E farã descobrir remotas lhas
 Que dão ao mundo nouas maravilhas.

Y

Virã

53.

Vir à despois Meneses, cujo ferro
 Mais na Africa, que câ tera prouado:
 Castigar à de Ormuz soberba o erro,
 Com lhe fazer tributo dar dobrado:
 Tambem tu Gama, em pago do desterro
 Em que estàs, & seràs inda tornado,
 Cos titolos de Conde, & de honras nobres,
 Viràs mandar a terra, que descobres.

54.

Mas aquella fatal necessidade,
 De quem ninguem se exime dos humanos,
 Illustrado coa Regia dignidade,
 Te tirará do mundo, & seus enganos.
 Outro Meneses logo, cuja idade
 He mayor na prudencia, que nos annos,
 Governará, & fará o ditoso Henrique,
 Que perpetua memoria delle fique.

55.

Não vencerá somente os Malabares,
 Destruindo Panane, com Coulete,
 Cometendo as bombardas, que nos ares
 Se vingão sô do peito que a comete:
 Mas com virtudes certo singulares,
 Vence os immigos dalma todos sete,
 De cubica triumphá, & incontinencia,
 Que em tal idade he suma de excellencia.

Mas

56.

Mas depois que as estrellas o chamarem,
 Socederás ó forte Mazcarenhas,
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometote, que fama eterna tenhas;
 Pera teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mas de palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.

57.

No Reyno de Bintão, que tantos danos
 Terà a Malaca muito tempo feitos,
 Num só dia as injurias de mil annos
 Vingaras, co valor de illustres peitos,
 Trabalhos, & perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiros, Baluartes, Lanças, Setas,
 Tudo fico que rompas & sometas.

58.

Mas na India cubica & ambição,
 Que claramente poem aberto o rosto,
 Contra Deos, & justiça te farão
 Vituperio nenhum, mas só desgosto:
 Quem faz injuria vil, & sem rezão
 Com forças & poder, em que está posto,
 Não vence, que a victoria verdadeira,
 He saber ter justiça nua, & inteira.

Mas com tudo não nego que Sampayo
 Serà no esforço illustre, & afinalado,
 Mostrando se no mar hum fero rayo,
 Que de inimigos mil verà qualhado:
 Em Bacanôr fara cruel ensayo
 No Malabar, pera que amedrontado
 Despois a ser vencido delle venha
 Cuciãle, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera fera
 Que Chãul remerã de grande, & ousada,
 Farã coa vista só perdida, & rota,
 Por Heitor da Silueira, & destroçada:
 Por Heitor Portugues, de quem se nota,
 Que na costa Cambaica sempre armada,
 Sera aos Guzarates tanto dano,
 Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederã
 Cunha, que longo tempo tem o leme,
 De Chale as cortes altas erguerã
 Em quanto Dio illustre delle tremem,
 O forte Bacaim se lhe darã,
 Não sem sangue porem, que nelle geme.
 Melique, porque a força só de espada
 A tranqueira soberba ve tomada.

62.

Tra este vem Noronha, cujo auspicio
 De Rio os Rumes feros affugenta,
 Dio que o peito & bellico exercicio
 De Antonio da Sylueira bem sustentã:
 Farã em Noronha a morte o usado officio,
 Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta
 No gouerno do imperio, cujo zelo
 Com medo o roxo mar farã amarello.

63.

Das mãos do teu Esteuão vem tomar
 As redeas hum, que ja serã illustrado
 No Brasil com vencer, & castigar
 O pirata Frances ao mar usado:
 Depois Capitão mór do Indico mar,
 O muro de Damão soberbo, & armado,
 Escala, & primeiro entra a porta abertã
 Que fogo, & frechas mil terã cubertã.

64.

A este o Rey Cambaico soberbissimo
 Fortaleza darã na rica Dio,
 Porque contra o Mogor poderosissimo:
 Lhe ajude a defender o senhorio:
 Depois yrã com peito esforçadissimo
 A colher que não passe o Rey gentio
 De Calecú, que assi com quantos veo
 O farã retirar de sangue cheo.

Destroir à a cidade Repelima,

Pondo o seu Rey com muitos em fugida:

E depois junto ao cabo Comorim

Hua façanha faz esclarecida.

A frota principal do Samorim,

Que destroir o mundo não duvida,

Vencerá co furor do ferro, & fogo,

Em si verà Beadala o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,

Virá depois com scepero a gourenalla,

Sem que ache resistencia, nem perigos,

Que todos tremem d'elle, & nenhum fala:

Sò quis prouar os asperos castigos

Baticalá, que virà já Beadala,

De sangue & corpos mortos ficou cheia,

E de fogo & trouões desfeita & fea,

Este serà Martinho, que de Marte

O nome tem coas obras diriuado,

Tanto em armas illustre em toda parte,

Quanto em conselho sabio, & bem cuidado:

Socederlheha alli Castro, que o estandarte

Portugues terà sempre leuantado,

Conforme successor ao succedido,

Que hum ergue Dio, oucro o defende erguido.

Persas feroces, Abassís, & Rumes
 Que trazido de Roma o nome tem,
 Varios de gestos, varios de costumes
 Que mil nações ao cerco feras vem:
 Farão dos céos ao mundo vãos queixumes
 Porque hñs poucos a terra lbe decem,
 Em sangue Portugues jurão descritos
 De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos, & Leões,
 Trabucos feros, minas encubertas,
 Sustenta Mazcarenhas cos varões,
 Que tão ledos as mortes tem por certas:
 Até que nas mayores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, & a Deos se sacrificem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,
 Onde o violento fogo com ruido,
 Em pedaços os muros no ar leuanta,
 Será alli arrebatado, & ao céu subido:
 Alvaro quando o inuerno o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
 Os ventos, & despois os inimigos.

Eis vem despois o pay, que as ondas corta
 Co restante da gente Lusitana
 E com força, & saber, que mais importa,
 Batalha da felice, & soberana:
 Hũs paredes subindo escusaõ porta,
 Outros a abrem, na fera esquadra insana,
 Feitos forão tão dinos de memoria,
 Que não caibão em verso, ou larga historia.

Este despois em campo se appresenta
 Vencedor forte, & intrepido, ao possante
 Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
 Da fora multidão quadrupedante:
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydalchão do braço triumphante,
 Que castigando vay Dãbul na costa.
 Nem lhe escapou Pondã no sercão posta.

Estes, & outros varões por varias partes,
 Dinos todos de fama, & maravilha,
 Fazendose na terra brauos Martes,
 Virão lograr os gostos desta ilha:
 Varrendo triumphantes estandartes
 Pellas ondas, que corta a aguda quilha,
 E acharão estas Nymphas, & estas Musas,
 Que glorias, & honras são de arduas empresas:

74.

Assim cantava a Nympha, & as outras todas
 Com sonoro applauso vozes dauão,
 Com que festejão as alegres bodas,
 Que com tanto prazer se celebrãõ:
 Por mais que da fortuna andem as rodas
 N'ũa consona voz todas soauão,
 Não vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, & fama gloriosa.

75.

Depois que a corporal necessidade
 Se saeizez do mantimento nobre,
 E na armonia, & doce suauidade,
 Virão os altos feitos, que descobre,
 Tethis de graça ornada, & grauidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As festas deste alegre, & claro dia,
 Pera o felice Cama assim dizia.

76.

Faz te merce varão a Sapiencia
 Suprema, de cos olhos corporais
 Veres, o que não pode a vã sciencia,
 Dos errados, & miseros mortais:
 Siguemme firme, & forte, com prudencia
 Por este monte espesso, cu cos mais,
 Assim the diz, & o guia por hum matto
Arduo, difficil, duro, a humano tracto.

Não andão muito que no erguido cum
 Se acharão, onde hum campo se esmaltaua,
 De esmeraldas, rubis, saís que presume,
 A vista, que diuino chão pisa ua:
 A qui hum globo vem no ar, que o lume
 Clarissimo por elle penetraua,
 De modo que o seu centro está euidente
 Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxergasse bem que está composto
 De varias orbes que a diuina verga
 Compos, & hum centro a todos só tem posto:
 Voluendo, hora se abaixe, agora se erga,
 Nunca sergue, ou se abaixa, & hũ mesmo rosto,
 Por toda a parte tem, & em toda a parte
 Começa, & acaba, em fim por diuina arte,

Uniforme, perfeito, em si soffido,
 Qual em fim o Archetipo, que o criou;
 Uendo o Cama este globo, como uido
 De espanto, & de desejo alli ficou.
 Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou,
 Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
 Por onde vás, & yrás, & o que desejas.

80.

Ves aqui a grande machina do mundo,
 Etherea, & elemental, que fabricada
 Assim foy do saber alto, & profundo,
 Que he sem principio, & meta limitada,
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, & sua superficie tão lincada,
 He Deos, mas o q̄ he Deos ninguem o entende,
 Que a tanto o engenho humano não se estende.

81.

Este orbe que primeiro ray cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que está com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, & a mente vil tambem.
 Empyreo se nomea, onde logrando
 Puras almas estão de aquelle bem,
 Tamanho, que elle sò se entende, & alcança,
 De quem não ha no mundo semelhança.

82.

Aqui sò verdadeiros gloriosos
 Dinos estão, por que eu, Saturno, & Iano,
 Iuppiter, Iano, somos fabulosos
 Fingidos de mortal, & cego engano:
 Só pera fazer versos delectosos
 Servimos, & se mais o tracto humano,
 Nos pode dar, he sò que o nome nosso
 Nestas estrellas pos o engenho nosso.

E tambem

E tambem porque a sancta providencia,
 Qu'em Iuppiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia,
 Governa o mundo todo, que sustenta:
 Insinalo a prophetica sciencia,
 Em muitos dos exemplos, que appresenta
 Os que são bõs guiando fauorecem,
 Os mãos, em quanto podem, nos empecem.

Que logo aqui a pintura que varia,
 Agora deleitando, hora insinando,
 Darlhe nomes, que a antiga poesia
 A seus Deoses já dera fabulando:
 Qu'os anjos da celeste companhia
 Deoses o sacro verso está chamando,
 Nem nega qu'esse nome preminente,
 Tambem aos mãos se dá, mas falsamente.

Em fim que o summo Deus, que por segundas
 Causas obra no mundo, tudo manda:
 E tornando a contarte das profundas
 Obras da mão diuina veneranda.
 Debaxo deste circulo onde as mundas
 Almas diuinas gozão, que não anda,
 Outro corre tão leue, & são ligeiro,
 Que não s'enxerga, he o mobile primeiro.

86.

Com este rapto, & grande movimento,
 Vão todos os que dentro tem no ceyo,
 Por obra deste, o Sol andando atento
 O dia & noite faz, com curso alheyo:
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tão lento, & sojugado a duro freyo,
 Que em quanto Phebo, de luz nũca escasso
 Dozentos cursos faz, dâ elle hum passo.

87.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, & radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintilantes:
 Bem vês como se veste, & faz ornado
 Colargo cinco douro, que estellantes
 Animaes doze traz afigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

88.

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo,
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,
 Andromeda, é seu pãe, é o drago horrêdo:
 Ué de Cassiopea a fermosura,
 E do Orion, & o gesto turbulento,
 Olha o Cisne morrendo que sospira,
 A Lebre, è os Cães, a Nao, è a doce Lyra.
 Debaxo

Os Lusíadas de Luys de Camões.

89.

Debaxo deste grande firmamento,
Vês o ceo de Saturno Deos antigo,
Iupiter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaxo vay Diana.

80.

Em todos estes orbes, differente
Curso veras, nũs graue, & noutros leue;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breue,
Bem como quis o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,
Os quaes veras, que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

81.

Neste centro pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentão
De soffrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instable esprimentão,
Veras as varias partes, que os insanos
Mares diuidem, onde se apousentão
Varias nações, que mandão varios Reys,
Varios costumes seus, & varias leys.

Vês

82.

Vês Europa Christãa mais alta, & clara,
 Que as outras em policia, & fortaleza:
 Vês Africa dos bês do mundo auara,
 Inculta, & toda chea de bruteza:
 Co Cabo, que atê qui se vos negara,
 Que assentou pera o Austro a natureza,
 Olha essa terra toda, que se habita
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

83.

Vê do Benomotapa o grande imperio,
 De seluatica gente, negra, & núa:
 Onde Gonçalo morte, & vituperio
 Padecerà, polla Fé Sancta sua:
 Nace por este incogito Hemispherio
 O metal, porque mais a gente sua,
 Vê que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo esta Cuama.

84.

Olha as casas dos negros, como estão,
 Sem portas, confiados em seus ninhos
 Na justiça real, & defensão,
 E na fidelidade dos vizinhos:
 Olha delles a bruta multidão,
 Qual bãdo espesso, & negro de Estorninhos
 Combaterá em Sofala a fortaleza,
 Que defenderá Nhaya com destreza.

Olha

Os Lusíadas de Luys de Camões.

85.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nace, que não souberão os antigos,
Velo rega, gerando o Crocodilo,
Os poucos Abassis de Christo amigos:
Olha como sem muros (nouo estilo)
Se defendem millhor dos inimigos,
Ve Meroe, que Ilha foy de antiga fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

86.

Nesta remota terra, hum filho tem
Nas armas contra os Turcos ferà claro,
Ha de ser Dom (Christouão o nome seu,
Mas contra o fim façal não ha reparo:
Uè cá a costa do mar, onde te deu,
Melinde Hospicio gasalhofo, & caro
O Raptorio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmãce.

87.

O Cabo vé já Aromãca chamado,
E agora Guardosio dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do fundo toma as cores,
Este como limite está lançado
Que divide Asta de Africa, & as milhores
Pouoações, que a parte Africo tem
Maciá sans, Arquico, & Suamquem.

Ués

98.

Ves o extremo Suez que antiguamente
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
 Tem das frocas do Egypto a potestade:
 Olha as agoas, nas quaes abriu patente
 Estrada o grão Moyses na antigua ydade
 Asia começa aqui, que se appresenta
 Em terras grande, em reynos opulenta.

99.

Olha o monte Sinay, que s'ennobresce
 Co sepulchro de Sancta Catherina,
 Olha Toro, & Gidâ, que lhe falece
 Agoa das fontes doce, & cristalina:
 Olha as portas do estreito, que fenescce
 No Reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra Darzira pedra vira,
 Onde chuua dos Ceos senão deriva.

100.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomaõ, todas da gente vaga, & baça,
 Donde vem os cavalloos pera a guerra
 Ligeiros, & ferozes de alta raça.
 Olha a costa que corre até que cerra
 Outro estreito de Persia, & faz a traça
 O Cabo, que co nome se appellida,
 Da Cidade Farcaque alli sabida.

Z

Olha

Olha Dofar insigne, por que manda
 O mau cheiroso encenso pera as aras:
 Mas attenta ja ca destoutra banda
 De Roçalgate, & prayas sempre auaras:
 Começa o reyno Ormuz, que todo se anda
 Pellas ribeiras, que inda serão claras
 Quando as galês do Turco, & fera armada
 Virem de Castel branco nua espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
 Agora he Moçandão dos navegantes
 Por aqui entra o lago, que he fechado
 De Arabia, & Persias terras abundantes:
 Atenta a ilha Bãrem, que o fundo ornado
 Tem das suas perlas ricas, & imitantes.
 A à cor da Aurora: & vê na agoa salgada
 Ter o Tigris, & Eufrates sua entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre
 Sempre posto no campo, & nos cauallos,
 Que se injuria de vsar fundido cobre,
 E de não ter das armas sempre os calos:
 Mas vê a ilha Cerum, como descobre
 O que fazem do tempo os intervalos,
 Que da cidade Armuzã, que alli esteve
 Ella o nome despois, & a gloria teve.

104.

Aqui de Dom Phelippe de Meneses
 Se mostrará a virtude em armas clara,
 Quando com muito poucos Portugueses
 A muitos Parseos vencerá de Lara:
 Virão prouar os golpes, & reueses
 De Dom Pedro de Sousa, que prouára
 Lá seu braço em Ampaza, que deixada
 Terá por terra a força só de espada.

105.

Mas deixemos o estreito, & o conhecido
 Cabo de Isque ditto ja Carpella,
 Com todo o seu terreno mal querido
 Da natura, & dos dões vsados della,
 Carmania reue já por appellido:
 Mas vês o fermoso Indo, que daquella
 Aلعرا nace junto à qual tambem
 Doutra aلعرا correndo o Gange vem.

106.

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,
 E de laquete a intima enseada,
 Do mar a enchente subita grandissima,
 E a vazante que foge apresurada:
 A terra de Cambaya vê riquissima,
 Onde do mar o seo faz entrada,
 Cidades outras mil, que vou passando,
 O vos outros aqui se stão guardando.

Ves corre a costa celebre Indiana
 Pera o Sul, até o Cabo Comori
 Já chamado Cori, que Taprobana
 (Que ora he Ceilão) defronte tem de si:
 Por este mar a gente Lusitana
 Que com armas virá despois de ti,
 Terá victorias terras, & cidades
 Nas quaes hão de viver muitas idades.

As prouincias, que entre hum, & o outro rio
 Ves com varias nações, são infinitas:
 Hum reyno Mahometta, outro gentio,
 A quem cem o Demonio leys escriptas:
 Olha que de Narsinga o senhorio
 Tem as reliquias santas, & benditas,
 Do corpo de Thomé, varão sagrado,
 Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

Aqui a Cidade foy, que se chamaua
 Meliapor, fermosa, grande, & rica:
 Os Idolos antigos adoraua,
 Como inda agora faz a gente inica:
 Longe do mar naquelle tempo estaua:
 Quando a fê, que no mundo se pubrica,
 Thomé vinha prégando, & já passara
 Prouincias mil do mundo, qu'ensinara.

110.

Chegado aqui prégando, & junto dando
 A doentes saude, a mortos vida
 A caso traz hum dia o mar vagando,
 Hum lenha de grandeza desmedida:
 Deseja o Rey, que andaua edificando,
 Fazer delle madeira, & não duuida
 Poder tiralo a terra com possantes
 Forças d'homẽs, de engenhos de Aliphãtes.

111.

Era tão grande o peso do madeiro
 Que so pera abalar-se, nada abasta,
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
 Menos trabalho em tal negocio gasta:
 Atã o cordão que traz por derradeiro
 No tronco, & facilmete o leua, & arrasta
 Pera onde faça hum sumptoso templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

112.

Sabia bem que se com fe formada
 Mandar a hum monte surdo, que se moua
 Que obedecerá logo à voz sagrada,
 Que astillo insinou Christo, e elle oproua
 A gente ficou disto aluoraçada,
 Os Bramenes o tem por cousa naua,
 Vendo os milagres, vendo a santidade,
 Hão medo de perder autoridade,

Os Lusíadas de Luys de Camões.

113.

Sam estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscão desvios
Com q̃ Thome não se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrêdo faz, que o mundo veja,
Que inimiga nam ha tam dura, & fera,
Como a virtude falsa da sincera.

114.

Hum filho proprio mata, & logo acusa
De homicido Thome, que era innocente
Dà falsas testemunhas, como se vsa
Condênaramno a morte breuemente:
O Santo que nam vê milhore scusa,
Que apellar pera o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que so faça hum milagre dos mayores.

115.

O corpo morto manda ser trazido
Que resucite, & seja perguntado,
Quem foy seu matador, & ser à crido
Por testemunho o seu mais aprouado:
Viram todos o moço viuo erguido
Em nome de I E S U crucificado,
Dà graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homicida.

Este

116.

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rey banha logo na agoa santa
 E muitos apos elle, hum beija o manto
 Outro louvor do Deos de Thome canta:
 Os Bramenes se encherão de odio tanto
 Com seu veneno os morde enueja tanto
 Que persuadindo isso o pouo rudo,
 Determinão matalo em fim de tudo.

117.

Hum dia que prégando ao pouo, estava,
 Fingirá entre a gente hum arroido,
 Ia Christo neste tempo lhe ordenava,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:
 A multidão das pedras, que voava,
 No Santo dá ja a tudo offerecido,
 Hũ dos maos por fartarse mais de pressa,
 Com crua lança o peito lhe atravesã.

118.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,
 Choroute toda a terra que pisaste,
 Mais te chorão as almas que vestindo
 Se hião da santa Fe, que lhe insinaste:
 Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste,
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

E vós outros que os nomes vsurpais
 De mandados de Deos, como Thome,
 Dizey se sois mandados, como estais
 Sem a deusa aprêgar a santa fe?
 Olhay que sois Sal, & vos danais
 Na patria, onde Propheta ninguem he,
 Com que se salgarão em nossos dias
 (Infeis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
 E tornemos à costa debuxada,
 Ia com esta cidade tam famosa,
 Se faz curua a Gangetica enseada,
 Corre Narsinga rica, & poderosa,
 Corre Orixà de roupas abastada,
 No fundo da enseada o illustre rio
 Canges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores
 Morrem banhados, tendo por certeza,
 Que inda que sejam grandes peccadores,
 Esta agoa santa os lava, & da pureza.
 Ve Chatigão cidade das milhores
 De Bengala prouincia, que se preza
 De abundante, mas olha que está posta
 Pera o Austro daqui virada a costa,

122.

Olha o Reyno Arracão, olha o assento
 De Pegu. que já monstros pouoarão,
 Monstros filhos do feo ajuntamento
 D'ũa mulher, & hum cão, que sòs se acharão:
 Aquisoante Arame no instrumento
 Da geração costumão, o que vsarão
 Por manha da Raynha, que inuentando
 Tal vsò, deitou fora o error nefando.

123.

Olha Tauay cidade, onde começa
 De Sião largo o imperio tão comprido,
 Tenassari, Quedà, que he sò cabeça
 Das que Pimenta alli tem produzido:
 Mais auante fareis que se conheça
 Malaca, por Imperio ennobrecido,
 Onde toda a prouincia do mar grande,
 Suas mercadorias ricas mand_____.

124.

Dizem que d'esta terra coas possantes
 Ondas o mar entrando diuidio,
 A nobre ilha Samatra que já d'antes
 Junta ambas a gente antiga vio:
 Chersonesso foy ditto, & das prestantes
 Veas d'ouro, que a terra produzio,
 Aurea por epicheto lh'ajuntarão.
 Algũs que fosse Ophir imaginarão.

Mas na ponta da terra (Singapura)
 Verás, onde o caminho às náos s'estreita;
 D'aqui tornando a costa à Cynosura
 S'encurua, & para a Aurora s'endereita:
 Ves Pam, Patane, reynos, & a longura
 De Syão que estes, & outros mais suggeita
 Olha o rio Menão, que se derrama
 Do grande lago que Chiamay se chama.

Ves neste grão terreno os diferentes
 Nomes de mil nações nunca sabidas,
 Os Laos em terra, & numero potentes,
 Auás, Bramas, por serras tão compridas:
 Ves nos remotos montes outras gentes
 Que Gueos se chamão de seluagges vidas,
 Humana carne comem, mas a sua
 Pintão com ferro ardente, vsança crua.

Ves passa por Camboja Mecom Rio
 Que capitão das agoas se interpreta,
 Tantas recebe d'ouro sò no estio,
 Que alarga os campos largos, & inquieta;
 Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
 A gente delle crê como indiscreta,
 Que pena, & gloria tem despois de morte;
 Os brutos animais de toda sorte.

128.

Este receberá placido, & brando,
 No seu regaço os Cantos, que molhados,
 Vem do naufragio triste, & miserando,
 Dos prâcelosos baxos escapados:
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Será o injusto mando executado,
 Naquelle, cuja lira sonora,
 Será mais affamada que ditosa.

129.

Ves corre a costa que Champâ se chama,
 Cujá mata he do pao cheiroso ornada,
 Ves Cauchichina esta d'escura fama,
 E d' Aynão ves a incognita enseada:
 Aqui o soberbo imperio, que se afama
 Com terras, & riqueza não cuidada,
 Da China corre, & occupa o senhorio
 Desdo Tropico ardente ao cinco frio.

130.

Vlha o muro, edificio nunca crido,
 Que entre hum imperio, & o outro s'edifica,
 Certissimo sinal, & conhescido,
 Da potencia real, soberba, & rica:
 Estes o Rey que tem não foy nascido
 Principe, nem dos pais aos filhos fica
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por caualleiro sabio, & virtuoso.

OS LYSIADAS DE L. DE CA:

131.

Inda outra muita terra se te esconde,
Hatté que venha o tempo de mostrarse;
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quis mais affamar-se:
Esta mea escondida que responde
De longe da China donde vem buscar-se;
He lapão, onde nasce a prata fina,
Qu'illustrada será coa ley divina.

132.

Olha cá pellos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas
Ve Tidore, & Tarnate, coferuente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas,
Aquiha as aureas aues, que não decem
Nunca à terra, & sò mortas apparecem.

133.

Olha de Banda as ilhas, que s'esmalção
Da varia cor, que pinta o roxo fructo;
As aues variadas, que allí saltão,
Da verde noz tomando seu tributo:
Olha tambem Borneo onde não faltão
Lagrimas, no licor coalhado, & enxuto,
Das arvores, que Canfira he chamado,
Com que da ilha o nome he celebrado.

134.

Ali tambem Timor, que o lenho manda
 Sandolo salutifero, & cheiroso
 Olha a Sunda tão larga, que hũa banda
 Esconde pera o Sul difficuloso:
 A gente do Sertão, que as terras anda,
 Hum rio diz que tem miraculoso.
 Que por onde elle so sem outro vay,
 Conuerte em pedra pao que nelle cae.

135.

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,
 Que tambem flamas tremulas vapora,
 A fonte que oleo mana, & a maravilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,
 Cheiroso mais que quanto estila a filha
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
 Eve que tenho quanto as outras tem,
 Branda seda, & fino ouro dà tambem.

136.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
 Tãto, q̃ as nuuēs passa, ou a vista engana,
 Os naturaes o tem por cousa sancta,
 Polla pedra onde estã a pègada humana:
 Nas Ilhas de Maldina nace a pranta,
 No profundo das agoas soberanas,
 Cujõ pomo contra o veneno vrgente
 He tido por Antido excelente:

Verás

Veràs de frente estar do roxo estreito
 Socotorà co amaro Aloe famosa,
 Outras ilhas no mar tambem sogeito
 A vos, na costa de Affrica arenosa,
 Onde sae do cheiro mais perfeito
 A massa ao mundo occulta, & preciosa,
 De sam Lourenço vé a Ilha afamada,
 Que Madagascar he d'algũs chamada.

Eis aqui as novas parte do Oriente,
 Que vos outros agora ao mundo dais,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,
 Que com tão forte peito nauegais:
 Mas he tambem razão, que no Ponente
 De hum Lusitano hum feito inda vejais,
 Que de seu Rey mostrando se agruado
 Caminha ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua
 Vay de Calisto ao seu contrario polo,
 Que soberba a farà a luzente mina
 Do metal, que a cor tem do louro Apolo,
 Castella vossa amiga serà dina
 De lançarlhe o colar ao rudo colo,
 Varias prouincias tem de varias gentes
 Em ritos & costumes diferentes,

140.

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
 Parte tambem co pao vermelho nota,
 De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
 Descobri-la ha a primeira vossa frota:
 Ao longo desta costa que tereis
 Irã buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito com verdade
 Portugues, porem não na lealdade,

141.

Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico polo vay da linha,
 De hũa estatura quasi Gigantea
 Homẽs verã, da terra ali vizinha:
 E mais auante o estreito, que se arrea
 Co nome delle agora, o qual caminha
 Pera outro mar, & terra que fica onde
 Com suas frias azas o Austro a esconde.

142.

Atẽ qui, Portugueses, concedido
 Vos he saberdes os futuros feitos,
 Que pello mar, que ja deixais sabido,
 Virão fazer Barões de fortes peitos:
 Agora, pois que tendes apreendido
 Trabalhos, que vos fação ser aceitos
 Aas eternas esposas, & fermosas,
 Que coroas vos tecem gloriosas.

Podeis

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada:
Assi lhe disse, & logo movimento
Fazem da Ilha alegre, & namorada:
Leuão refresco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nymphas q̃ hão de ter eternamente,
Por mais tẽpo q̃ o Sol o mundo aquecente.

Assi forão cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunca yrado,
Ate que ouuerão vista do terreno
Em que nacerão, sempre desejado:
Entram pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, & Rey temido, & amado,
O premio, & gloria dam, porque mandou
E com titulos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lyra tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida,
E nam do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O fauor com q̃ mais se acende o engenho,
Nam no dá a patria nam, que esta metida
No gosto da cobiça, & na rudeza
Dhua austera, apagada, & vil cristeza.

146.

E não sey, porque influxo de destino
 Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,
 Que os animos levanta de continuo,
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:
 Por isso vos ó rey, que por diuino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhay que sois (& vede as outras gentes)
 Senhor sò de vassallos excellentes.

147.

Olhay que ledos vão, por varias vias,
 Quaes rompentes Leões, & brauos touros,
 Dando os corpos a fomes, & vigias,
 A ferro, a fogo, a settas, & pelouros:
 A quentes regiões, a plagas frias,
 A golpes de idolatras, & de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo,
 A naufragios, a picxes, ao profundo.

148.

Por vos servir a tudo aparelhados,
 De vos tão longe sempre obedientes,
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta promptos, & contentes,
 Sò com saber que são de vos olhados,
 Demonios infernais, negros, & ardentes,
 Cometterão com vosco, & não duuido
 Que vencedor vos fação, não vencido.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

149.

Favoreceyos logo, & alegrayos
 Com a presença, & leda humanidade;
 De rigorosas leys desaliuayos,
 Que assi se abre o caminho à sanctidade;
 Os mais experimentados levantayos,
 Se com a experiencia tem bondade,
 Pera vosso conselho, pois que sabem
 O como, o quando, & onde as cousas cabem.

150.

Todos favoresey em seus officios,
 Segundo tem das vidas o talento;
 Tenhao religiosos exercicios
 De rogarem por vosso regimento:
 Com jejús, disciplina, pellos vicios
 Comuns, toda ambição terão por vento,
 Qu' o bom religioso verdadeiro,
 Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

151.

Os cavalleros tende em muyta estima,
 Pois com seu sangue intrepido, & feruence;
 Estendem não sòmente a ley de cima,
 Mas ainda vosso imperio preeminence;
 Pois aquelles que a tão remoto clima
 Vós vão servir com passo diligente,
 Douz inimigos vencem, hús os viuos,
 (E o que he mais) os trabalhos excessivos.

152.

Fazey senhor que nunca os admirados,
 Alemães, Gallos, Italos, & Ingleses,
 Possão dizer que são pera mandados,
 Mais que pera mandar os Portugueses;
 Tomay conselho só d'experimentados,
 Que virão largos annos, largos meses,
 Que posto que em scientes muito cabe,
 Mas em particular o experto sabe.

153.

De Phormião Philosopho elegante
 Vereis como Anibal escarnescia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz tractava, & lia;
 A disciplina militar prestance
 Não se apprende senhor na phantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Se não vendo, tractado, & pelejando.

154.

Mas eu que falo humilde, baixo, & rudo
 De vos não conhecido, nem sonhado,
 Da boca dos pequenos sey com tudo,
 Que o louvor sae às vezes acabado:
 Nem me falta na vida honesto estudo
 Com longa experiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui v. v. is presente,
 Cusas que juras se achão raramente.

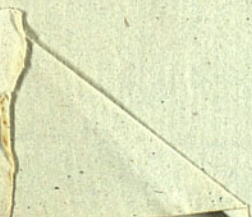
Pera

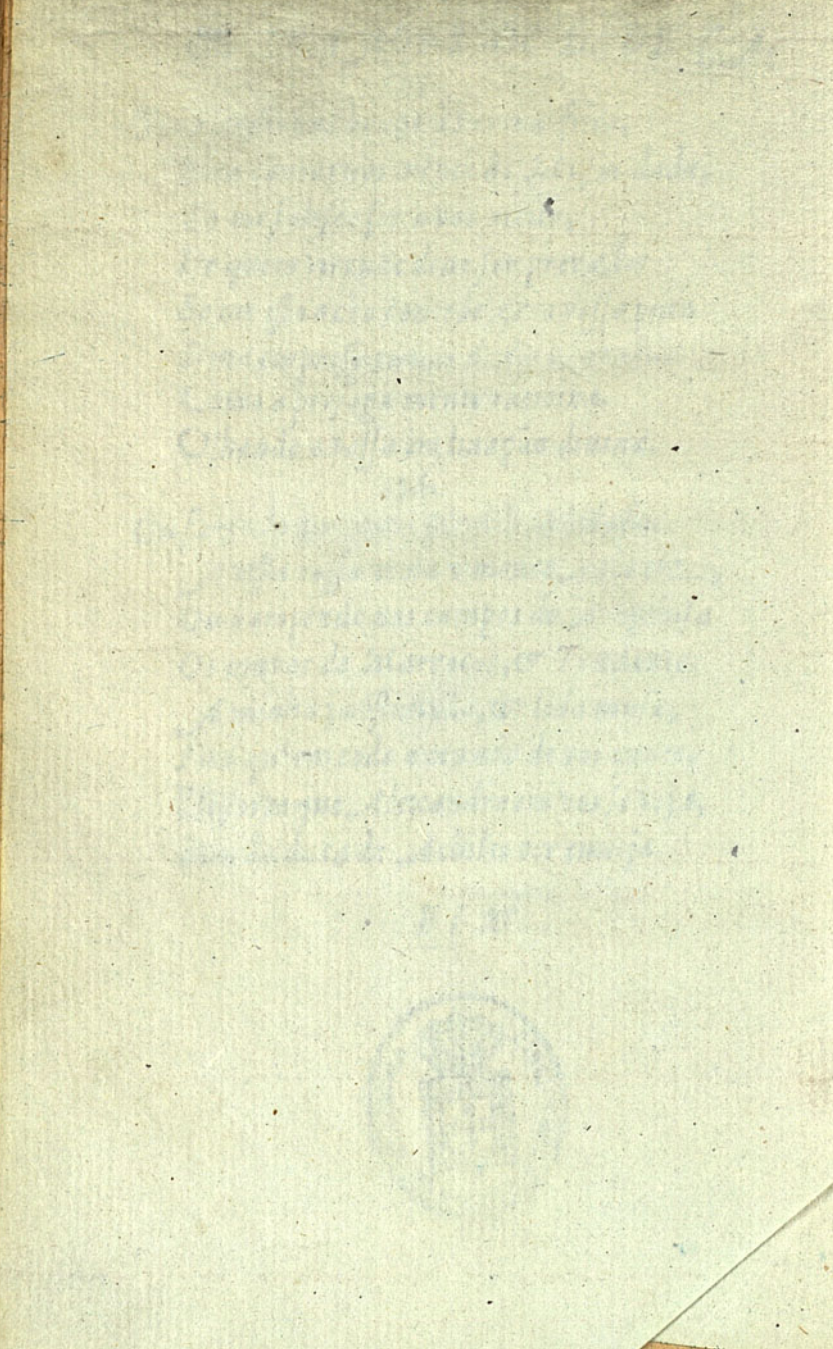
Para servirnos braço às armas feito,
 Pera cantarvos mente às Musas dada,
 Sò me faleſce ſer a vos aceito,
 De quem virtude deue ſer prezada:
 Se me iſto o cèo concede, & o voſſo peito
 Dina empreſa tomar de ſer cantada,
 Como a preſaga mente vaticina,
 Olhando a voſſa inclinação diuina.

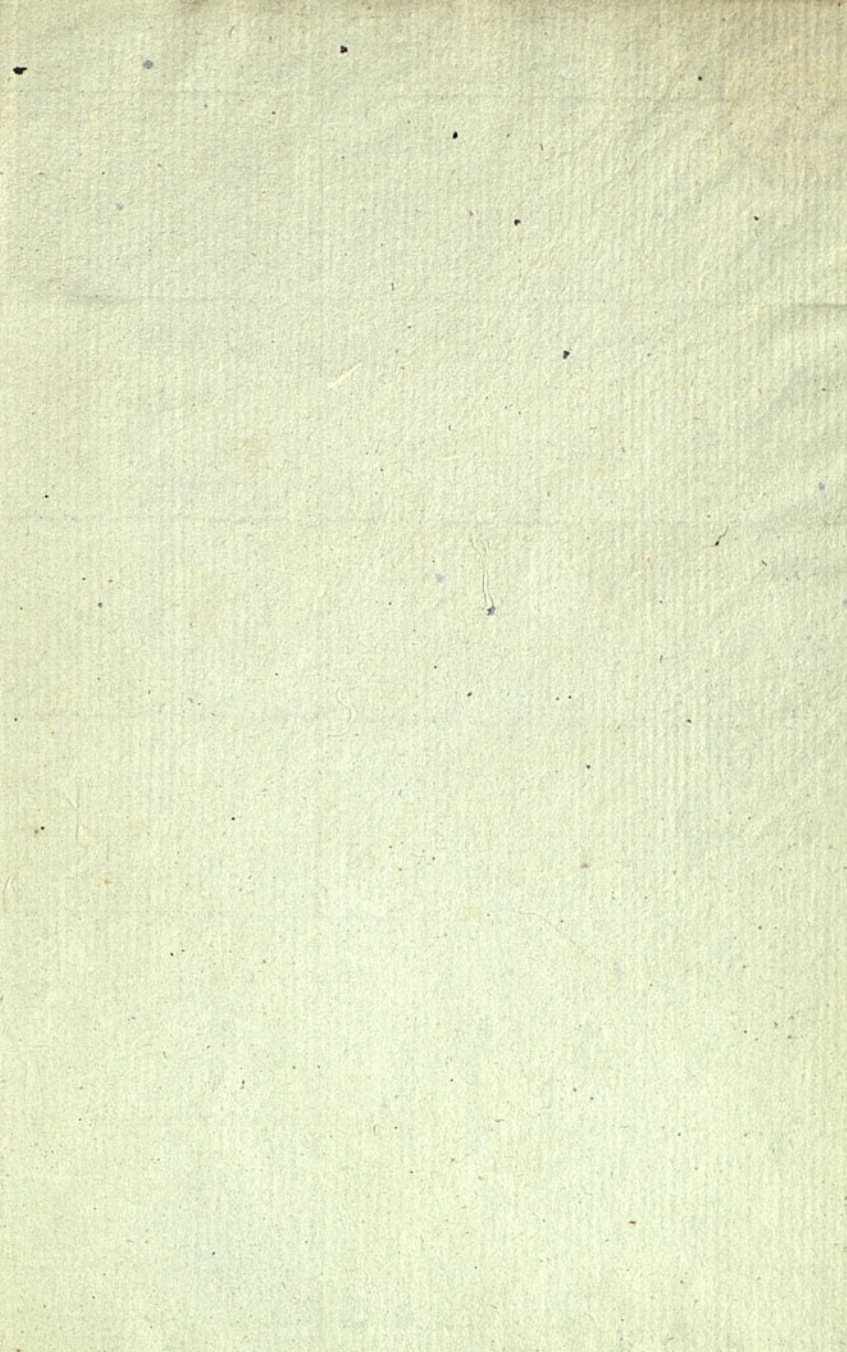
Ou fazendo que mais que a de Meduſa,
 A viſta voſſa tema o monte Atlante,
 Ou rompendo nos campos de Ampeluſa
 Os muros de Marrecos, & Trudante.
 A minha ja eſtimada, & leda muſa,
 Fico qu' em todo o mundo de vos cante,
 De forte que Alexandre em vos ſe veja,
 Sem da ditra de Achiles ter enueja.

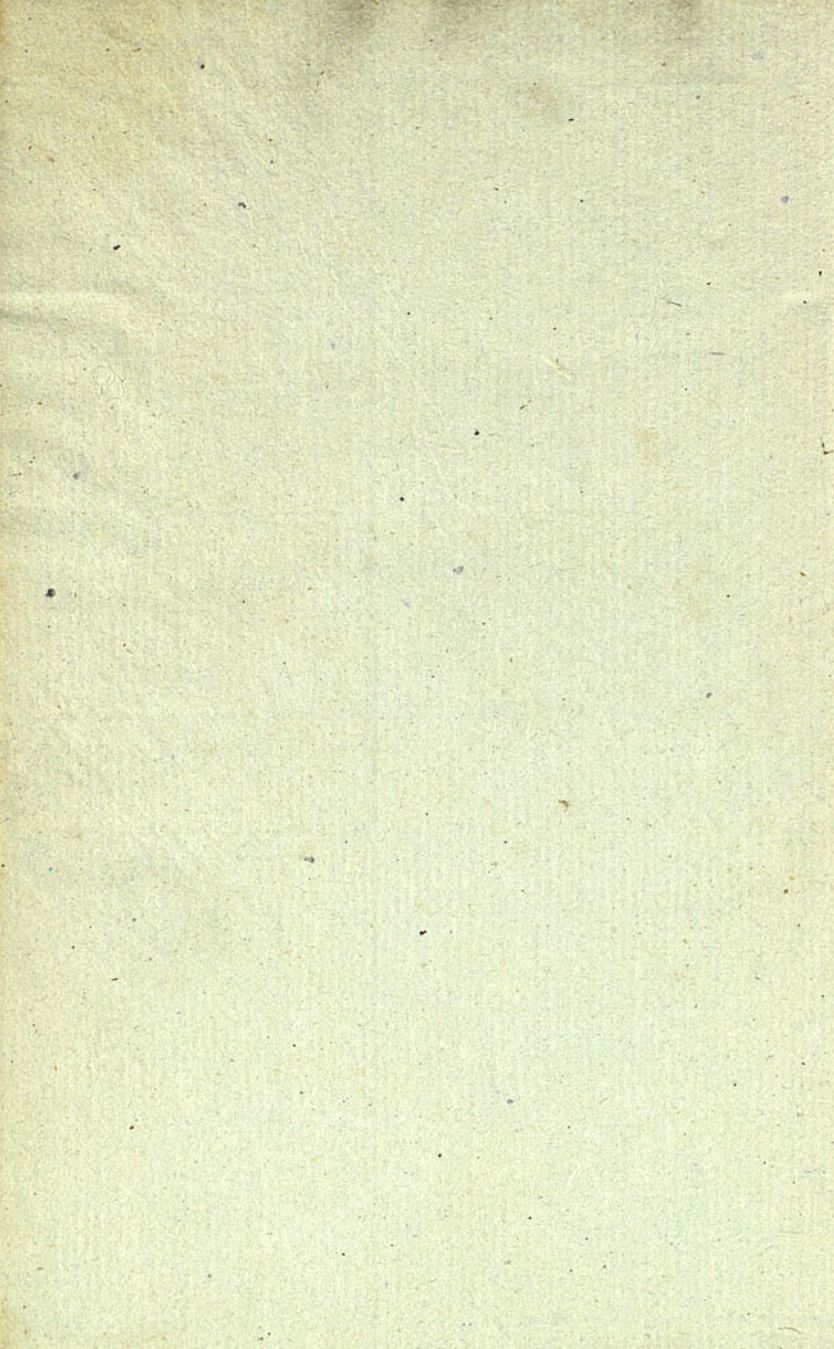
F I M.











CAMONEAN

22

B. N. L.

